



**Eufrázio Luiz Morais da Silva**

**A importância da homilia no culto litúrgico e o seu  
prolongamento na existência humana**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação  
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro  
Julho de 2021



**Eufrázio Luiz Morais da Silva**

**A importância da homilia no culto litúrgico e o seu  
prolongamento na existência humana**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Dr. Luiz Fernando Ribeiro Santana**  
Orientador  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Dr. André Luiz Rodrigues da Silva**  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Dr. Gabriel dos Santos Frade**  
Faculdade de São Bento de São Paulo

Rio de Janeiro, 28 de julho de 2021

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

## **Eufrazio Luiz Morais da Silva**

É bacharel em Filosofia pela PUC-Rio em 2007. Graduou-se em Teologia em 2011 pelo ISTARJ. Atua como assessor eclesial da pastoral da Iniciação à Vida Cristã na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Durante o Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral foi bolsista da CAPES.

### Ficha Catalográfica

Silva, Eufrazio Luiz Morais da

A importância da homilia no culto litúrgico e o seu prolongamento na existência humana / Eufrazio Luiz Morais da Silva ; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2021.  
158 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021. Inclui bibliografia

1. Teologia - Teses. 2. Homilia. 3. Palavra de Deus. 4. Vaticano II. 5. Sacrosanctum Concilium. 6. Lectio Divina. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedico esta pesquisa aos meus pais,  
Maria do Livramento (Lila) e  
Luiz (*in memoriam*),  
meus primeiros "homiletas".

## Agradecimentos

Agradeço imensamente a Deus, que me elegeu à vida e me inspirou a servir a sua Igreja, fazendo crescer em mim o amor às Santas Escrituras e ao seu *locus* privilegiado, a celebração litúrgica.

Ao meu orientador, Prof. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana, que conduziu com sabedoria esse trabalho, favorecendo-me a segurança, a tranquilidade e o estímulo em todas as etapas da pesquisa para que ela alcançasse o seu êxito.

Ao meu Arcebispo, Dom Orani João Tempesta, O. Cist., pelo apoio acadêmico-pastoral na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. De modo especial ao Departamento de Teologia pelo trabalho incansável de formar novos teólogos para edificação da Igreja. Deixo registrado aqui meu agradecimento afetuoso aos professores Pe. Waldecir Gonzaga, Pe. Abimar Oliveira de Moraes e a Francilaide de Queiroz Ronsi, sempre sensíveis e disponíveis.

Aos meus colegas da PUC-Rio, de modo particular, o Arthur que me acompanhou intensamente com a sua amizade nesses anos de estudos.

Aos queridos amigos, Pe. Fabio Siqueira e Vitor Gino, sempre me inspiram e me incentivam nos estudos acadêmicos. A ambos, minha profunda afeição.

Aos paroquianos da Matriz Nossa Senhora da Cabeça e da Capela Sagrada Família, lugares onde exerço com alegria o ministério sacerdotal e, neles, poder compartilhar as riquezas da Palavra de Deus por meio das homilias nas celebrações dos sacramentos, de modo especial, da Eucaristia. Aqui, também deixo registrado meu agradecimento ao Côn. Manuel Eugênio pela sua fraternidade sacerdotal.

Aos meus familiares, amigos, e às estimadas irmãs da Congregação de Nossa Senhora de Belém. Meus sentimentos de gratidão pela companhia fraterna e orante expressada pelo dom amizade.

## Resumo

Silva, Eufrazio Luiz Morais da; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **A importância da homilia no culto litúrgico e o seu prolongamento na existência humana.** Rio de Janeiro, 2021, 158p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa tem como objetivo principal estudar a homilia como parte integrante das celebrações litúrgico-sacramentais, tendo como paradigma a celebração eucarística. Desse modo, as Sagradas Escrituras são determinantes no contexto da sagrada liturgia, pois delas são retirados os textos bíblicos para serem proclamados e comentados na homilia. Esta, por sua vez, na potência do Espírito, atualiza os prodígios operados por Deus na história da salvação tornando-os presentes no "hoje" da Igreja projetando-a para as realidades futuras. Ao homileta, cabe haurir da Palavra de Deus a mensagem salvífica para a pregação e interpretá-la com a finalidade de conduzir a assembleia litúrgica nos sagrados mistérios. Da mesma maneira, como foi fundamental a redescoberta da Palavra de Deus na celebração litúrgica realizada pelo Concílio Vaticano II, necessário se faz resgatar o caráter pascal da homilia. Por esse motivo, a Igreja apresenta a *lectio divina* como legítimo "método" de oração a fim de preparar e prolongar as Escrituras na existência humana. A esse respeito, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* tem o mérito de recuperar a homilia como um autêntico diálogo entre Deus e seu povo com palavras que iluminem e abracem os corações.

## Palavras-chave

Homilia; Palavra de Deus; Vaticano II; Sacrosanctum Concilium; culto litúrgico; lectio divina.

## Abstract

Silva, Eufrázio Luiz Morais da; Santana, Luiz Fernando Ribeiro (Advisor). **The importance of the homily in liturgical worship and its continuation in human existence.** Rio de Janeiro, 2021, 158p. Master's Dissertation - Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The aim of this research is to study the homily as an integral part of liturgical-sacramental celebrations, whose paradigm is the Eucharistic celebration. Thus, the Sacred Scriptures are decisive in the context of the sacred liturgy because the biblical texts are obtained from them to be proclaimed and commented on in the homily. It, in turn, renews the wonders wrought by God in the history of salvation through the power of the Spirit, making them present in the "today" of the Church, projecting it to future realities. It is up to the homilet to draw from the Word of God the saving message for preaching and to interpret it to lead the liturgical assembly into the sacred mysteries. In the same way, as the rediscovery of the Word of God was fundamental in the liturgical celebration held by the Second Vatican Council, the Paschal character of the homily must be recovered. For this reason, the Church presents *lectio divina* as a genuine "method" of prayer in order to prepare and extend the Scriptures in human existence. In this regard, the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium* has the merit of recovering the homily as an authentic dialogue between God and his people with words that enlighten and inflame their hearts.

## Keywords

Homily; Word of God; Vatican II; Sacrosanctum Concilium; liturgical worship; lectio divina.

## Sumário

1. Introdução	12
2. A Palavra de Deus como fonte da homilia	17
2.1. A homilia na vida do povo de Deus da Antiga Aliança	17
2.2. Jesus, o homileta que relê as Escrituras	28
2.3. A homilia na Igreja nascente	39
3. A dimensão litúrgica da homilia	54
3.1. A natureza da homilia à luz do Concílio Vaticano II	54
3.2. Os elementos constitutivos da homilia	70
3.3. A pneumatologia da homilia	85
4. A homilia como prolongamento da Palavra na existência humana	98
4.1. <i>Lectio Divina</i> : caminho de preparação e prolongamento da homilia	98
4.2. A homilia na esteira da Iniciação à Vida Cristã	118
4.3. A homilia como relação dialogal entre Deus e o seu povo na <i>Evangelii Gaudium</i>	131
5. Conclusão	141
6. Referências bibliográficas	148

## Siglas

AG	<i>Ad Gentes</i>
CD	<i>Christus Dominus</i>
CEC	<i>Catechismum Catholicae Ecclesiae</i> - Catecismo da Igreja Católica
DAP	Documento de Aparecida
DCa	Diretório para a Catequese
DH	<i>Dignitatis Humanae</i>
DP	Documento de Puebla
DV	<i>Dei Verbum</i>
DVi	<i>Dominum et Vivificantem</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
GE	<i>Gravissimum Educationis</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IGLH	Instrução Geral da Liturgia das Horas
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano
LG	<i>Lumen Gentium</i>
OLM	<i>Ordo Lectione Missae</i>
OT	<i>Optatam Totius</i>
PDV	<i>Pastores Dabo Vobis</i>
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i>
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
SCa	<i>Sacramentum Caritatis</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>

"Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos  
essa passagem da Escritura".  
(Lc 4,21)

"Pai eterno, o tempo me gasta e o  
transitório consome os meus dias.  
Enviai o vosso Espírito Santo  
para abastar-me de ressurreição e vitória.  
Que Ele reúna na Páscoa de Jesus que celebro,  
todas as vossas passagens, desde a criação até a parusia.  
Que um alento de ressurreição avive cada dia e  
uma migalha de vitória penetre em cada hora da minha vida.  
Que o 'Chrónos' (tempo) e o 'Kairós' (eternidade)  
se encontrem e se abraçam em mim, que já me alimento,  
no Ano Litúrgico, de plenitude e de glória".  
(Mons. Elia Volpi)

## 1. Introdução

Realizado há pouco mais de cinquenta anos, o Concílio Vaticano II tornou-se um "novo pentecostes" na vida Igreja e mostrou, por meio de todo o seu arcabouço teológico, a necessidade de dialogar com mundo contemporâneo. Nele, a Igreja não desconhece os seus inúmeros desafios e, como "sacramento de Cristo", dedica-se em reorientar o homem no seu diálogo com Deus. Todos os documentos conciliares trataram acerca desse tema. Contudo, é com a Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* que a Igreja se vê impelida em uma reforma concernente ao culto, uma vez que a liturgia se manifesta como o *locus* privilegiado da relação dialogal entre Deus e os homens.

Dentre muitas reformas no âmbito litúrgico, destaca-se a redescoberta da Palavra de Deus no culto. Tal redescoberta surge como fruto do Movimento Litúrgico que fortemente marcado pela teologia bíblica, teve um desempenho preponderante para a reforma da liturgia. Assim, observamos que o Concílio pôs um fim ao "exílio" das Sagradas Escrituras, inaugurando, dessa maneira, uma autêntica "epifania" da Palavra, razão pela qual a Constituição Litúrgica assevera que é máxima a importância das Escrituras na celebração litúrgica. Dada tão grande importância dos textos bíblicos no culto, o cenário pós-conciliar procurou inculcar no seu corpo eclesial uma nova mentalidade que consiste em "celebrar a Palavra" como dom gratuito de Deus.

Não ignoramos que ainda hoje perdura uma espécie de antagonismo entre as duas partes que compõem a celebração litúrgica, com mais evidência na celebração da Eucaristia. No entanto, o Concílio Vaticano II, de modo contundente, afirma que nela as duas partes — liturgia da Palavra e a liturgia eucarística — em virtude da sua forte unidade, constituem um só ato de culto. Consoante a essa afirmação, a *Dei Verbum* declara que a Igreja sempre venerou as Sagradas Escrituras tal como ela venera o próprio corpo do Senhor. Desse modo, reconhecemos que o resgate da Palavra de Deus no culto, sem dúvida, contribuiu para que um novo olhar também incidisse sobre espaço celebrativo. Agora, o ambão, ao lado do altar, figura o seu protagonismo.

Com efeito, a reforma da liturgia promovida pelo Concílio favoreceu não

somente a restauração dos textos bíblicos nas celebrações litúrgicas, mas também a uma nova reflexão sobre a homilia e a sua importância no culto litúrgico. Se, no cenário pré-conciliar, o comentário às Escrituras seguia variadas dimensões seja como catequese temático-doutrinal, seja como pregação religioso-moralizante, a *Sacrosanctum Concilium* também alcançou a redescoberta da homilia na sagrada liturgia. Explicitamente o Concílio Vaticano II recuperou o valor da pregação litúrgica e reiterou que a Palavra de Deus é a sua fonte primordial, pois é dela que se deve haurir todas as riquezas da mensagem salvífica atualizando-a na vida dos seus ouvintes.

Assim sendo, a homilia ganha uma nova compreensão enquanto parte da ação litúrgica. Ela deixa de ser um componente a mais na celebração dos sacramentos, em especial, da Eucaristia, para figurar-se como elemento determinante que integra a Palavra ao rito sacramental. Essa integração também deve proporcionar para que os fiéis, por meio da homilia, prolonguem as Escrituras proclamadas na liturgia de tal modo que suas vidas sejam uma ressonância da Palavra.

Diante do quadro que descrevemos acima, elegemos estudar o tema da homilia com a intenção de mostrar a sua capital importância na celebração litúrgica, bem como apresentá-la como ocasião privilegiada do diálogo entre Deus e o seu povo, atingindo ontológica e existencialmente a vida do homem. Nossa pesquisa dentro de um arco temporal terá como ponto de partida a origem do termo *homilía* na tradição bíblica dos dois testamentos, sua reflexão teológica expressada pelos documentos do Concílio Vaticano II, sobretudo, na *Sacrosanctum Concilium* e a sua aplicação no campo pastoral da Igreja.

Não desconhecemos nem ignoramos o limite de nossa pesquisa. Por esse motivo, atentamos ao leitor que a nossa intenção é destacar somente aquilo que consideramos essencial e importante em nossa proposta. Desde já, destacamos que não temos a pretensão irreal de esgotarmos o conteúdo estudado cujo tema é tão vasto e fecundo. Além disso, é importante estarmos conscientes que a escolha do nosso tema incide diretamente sobre o fenômeno da pregação no âmbito litúrgico a fim de estarmos munidos de suas características fundamentais e aferirmos a sua execução à luz da Teologia Litúrgica desenvolvida pelo Concílio assim como na atual missão da Igreja, em virtude das futuras pesquisas que surgirem sobre esse assunto.

A nossa pesquisa está delimitada em três capítulos e cada um deles com uma dimensão analisada. No primeiro capítulo, abordaremos a dimensão bíblica da homilia observando, a partir do seu termo original, Deus que dialoga com o seu povo, focalizando alguns personagens como "pontífices" desse diálogo, tanto na economia da Antiga Aliança como nos textos neotestamentários. No capítulo consecutivo, concentraremos nosso estudo na dimensão litúrgica da homilia à luz do Magistério da Igreja a partir do Concílio e pós-Concílio. No último capítulo, dissertaremos sobre a pregação litúrgica em sua dimensão pastoral mostrando a importância da homilia cuja pregação exige uma legítima preparação e os seus efeitos como elemento que prolonga a Palavra do Ressuscitado na vida de todos os participantes da celebração litúrgica.

O primeiro capítulo da nossa Dissertação estará dividido em três tópicos. Apresentaremos, no Antigo Testamento, a pregação de Moisés no contexto da Aliança realizada com a assembleia do Sinai cujo discurso faz memória das maravilhas que Deus operou no Egito em favor do seu povo. Em continuidade com a missão de Moisés, igualmente mostraremos Josué como "ponte" dialogal entre Deus e os hebreus enfatizando a fidelidade ao Livro da Lei como elemento indispensável para a preservação da Aliança. Seguindo na economia veterotestamentária, vamos abordar a assembleia dos judeus exilados na Babilônia, cujo texto mostra que Esdras proclamava e interpretava com sabedoria a Torá.

Por fim, o nosso primeiro capítulo, seguindo a dimensão bíblica, destaca o tema da homilia em duas direções neotestamentárias: em três perícopes evangélicas nas quais identificamos Jesus como autêntico exegeta da Antiga Aliança, especificamente no discurso na Sinagoga de Nazaré, no sermão da montanha e no colóquio com os dois discípulos a caminho de Emaús em que o evangelista Lucas ressalta o verbo *homiléo*; igualmente na Igreja nascente, acentuamos o tema da homilia à luz de três perícopes dos Atos dos Apóstolos: na homilia petrina por ocasião do evento de Pentecostes, na interpretação do texto profético realizada por Felipe ao eunuco e no discurso de Paulo na sinagoga de Antioquia da Psídia.

Com a redescoberta das Sagradas Escrituras no culto, observamos uma Teologia da Palavra bastante maturada. A partir do "primado da Palavra" na Igreja, o segundo capítulo da nossa pesquisa se debruça na dimensão litúrgica da

homilia e será delimitado em três itens. No primeiro item, trataremos sobre a natureza da homilia como fruto da reflexão teológica do Concílio Vaticano II culminando com Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*. Depois ressaltaremos os elementos constitutivos da homilia que a caracterizam como pregação litúrgica cujo pleroma é o mistério pascal de Cristo. Concluiremos o nosso estudo no âmbito litúrgico contemplando a pneumatologia da homilia abordando o Divino *Pneûma* como legítimo hermeneuta da Nova Aliança. Aqui, daremos destaque ao tema do silêncio como dom do Espírito, presente em diversos momentos da celebração litúrgica, mas não apenas como uma ação ritual, mas como presença pneumatificante.

O terceiro capítulo da nossa Dissertação terá como escopo a homilia em sua dimensão pastoral. Particularmente, o nosso objetivo é mostrar como a pregação litúrgica alcança a sua eficácia em nível existencial, tanto da parte do homileta como da parte dos fiéis presentes na assembleia litúrgica. Tal como os capítulos anteriores, esse também será dividido em três tópicos. Iniciaremos mostrando a importância da *lectio divina* como caminho de preparação e prolongamento da Palavra. Aqui, mais do que um método, procuramos acentuar a leitura orante da Palavra como um caminho a ser percorrido com os textos bíblicos, tornando-nos mais familiares com as Escrituras e sensíveis aos apelos da mensagem salvífica a ser compartilhada na homilia. Em seguida, apresentaremos a estreita relação da homilia junto à pastoral da Iniciação à Vida Cristã, realçando a importância das celebrações da Palavra de Deus no percurso iniciático. Nelas, a partilha da Palavra proclamada enriquece o conteúdo desenvolvido pelos catequistas e produz nos candidatos o suave afeto pelas Santas Escrituras, conforme asseverou a *Dei Verbum*. Por fim, versaremos sobre o tema da homilia conduzidos pela Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Por seu intermédio, buscamos associar o pensamento do Papa Francisco que apresenta a homilia como diálogo de amizade entre Deus e o homem a partir da tríplice dinâmica litúrgica: proclamação das maravilhas operadas por Deus no passado, atualização dos eventos salvíficos no tempo da Igreja e anúncio das realidades futuras, cujo colóquio entre Deus e o homem se prolongará no *eschatón*.

Diante do nosso objetivo fundamental – a homilia no culto litúrgico como relação dialogal entre Deus e o seu povo – apresentaremos três enfoques, nomeando cada capítulo, respectivamente, da seguinte maneira: A Palavra de

Deus como fonte da homilia, a dimensão litúrgica da homilia e a homilia como prolongamento da Palavra na existência humana. Desta forma, nosso leitor conseguirá em cada capítulo discernir o corte epistemológico dado pela nossa pesquisa.

Em suma, esperamos que, à luz da teologia da Palavra, essa Dissertação possibilite apresentar uma compreensão original no tocante à homilia como momento privilegiado da comunicação bilateral e dialogal que Deus realiza com o seu povo em vista da Aliança. Igualmente, desejamos que, a partir da reflexão teológica pós-conciliar sobre a homilia, a nossa pesquisa proporcione aos leitores uma melhor compreensão acerca da pregação litúrgica como um autêntico diálogo divino com as suas criaturas e um eco do "hoje" salvífico anunciado por Cristo, Palavra eterna do Pai.

## 2.

### A Palavra de Deus como fonte da homilia

#### 2.1

##### A homilia na vida do povo de Deus da Antiga Aliança

O vocábulo homilia, derivado do verbo grego *homiléō*<sup>1</sup>, dentre muitos significados, pode ser traduzido como "conversar", "falar", "entreter-se". Esse vocábulo tem uma importância muito grande na tradição bíblica. Ainda que apareça poucas vezes nos textos neotestamentários, ele encontrou sua forte expressão para designar o diálogo entre Deus e o seu povo, sobretudo no contexto cúltico.

No culto litúrgico, momento em que se faz memória das maravilhas que o Senhor operou na história do povo eleito, a Palavra de Deus é um elemento imprescindível, pois é ela que convoca e reúne todos os homens e mulheres para que seja formada a assembleia dos filhos de Deus. A finalidade dessa convocação, que a Palavra realiza para formar a reunião de fiéis, é a proclamação da Aliança que Deus faz com o seu povo, constituindo-o como a *Qahal Yahweh*. A formação das assembleias do Antigo Testamento é um registro de suma importância na economia salvífica.

Desse modo, na história da salvação, *locus* onde Deus se manifesta e revela aos homens o mistério de sua vontade por meio de gestos e palavras, intimamente relacionados entre si<sup>2</sup>, vemos em toda a economia bíblica o diálogo realizado entre o Criador e sua criatura a fim de estabelecer uma Aliança. A partir de alguns textos veterotestamentários, observamos que Deus realiza seu diálogo com os israelitas por intermédio de alguém que ele elegeu. Este, portanto, será uma espécie de "ponte" dialogal para que Deus se comunique com o seu povo revelando-lhe a sua vontade salvífica.

---

<sup>1</sup> BAILLY, A. *ὁμιλία*, *αζ.* p. 1373-1374. Pode ser traduzido também como: "reunião", "assembleia", "relações familiares", "conversa familiar", "entretenimento".

<sup>2</sup> DV 2

Dessa forma, a partir dos textos bíblicos, apresentaremos alguns episódios que ilustram a revelação de Deus ao seu povo numa perspectiva de conversa familiar, a partir de três pontos: Deus que fala; um intermediário que transmite a Palavra que Deus falou; alguém que acolhe a Palavra proclamada por meio de um intermediário.

Na Aliança do Sinai (Ex 19,1-24,11)<sup>3</sup>, encontramos *Iahweh*, Moisés e o povo hebreu como personagens principais. Moisés, por sua vez, destaca-se como mediador entre Deus e o povo, tornando-se, para este, um mensageiro da palavra divina. Estabelecido pelo Senhor para ser a "ponte" dialógica com os hebreus, Moisés será, portanto, o seu porta-voz.

Segundo o relato bíblico, após três meses da libertação do Egito, os israelitas chegaram ao deserto do Sinai e ficaram acampados diante da montanha (Ex 19,1-2). Tal ambiente tornou-se o *locus* para que o diálogo entre *Iahweh* e o seu povo acontecesse por intermédio de Moisés. Chamado por Deus até a montanha, ele ouviu as palavras que deveria dirigir aos israelitas:

(...) vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa. Estas são as palavras que dirás aos israelitas" (Ex 19,4-6).

A expressão "Estas são as palavras que dirás aos israelitas" (Ex 19,6b) indica que Moisés foi escolhido para ser mediador, cuja conversa com Deus será partilhada com os israelitas. Estes, em vista disso, também responderão àquele que foi instrumento de libertação do Egito, conforme apresenta o autor sagrado:

"Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas essas palavras que *Iahweh* lhe havia ordenado. Então todo o povo respondeu: 'Tudo o que *Iahweh* disse, nós o faremos'. E Moisés relatou a *Iahweh* as palavras do povo" (Ex 19,7-8).

Conforme constatamos nessa perícopa, o povo de Deus responde a Moisés depois de ter sido interpelado por ele. A resposta dos israelitas é fundamental, pois a decisão do povo em obedecer a Deus solidificará a sua identidade como um povo eleito.

---

<sup>3</sup> Doravante todos os textos bíblicos mencionados neste trabalho pertencem à tradução da Bíblia Vulgata.

"A identidade de *Iahweh* já é indissociável de seu comprometimento com a história de Israel e que a identidade de Israel é incompreensível se separada de sua relação com *Iahweh*: *Iahweh* é o Deus de Israel, Israel é o povo de *Iahweh*".<sup>4</sup>

A figura de Moisés é muito valiosa para a assembleia dos israelitas. Como "ponte" dialogal entre Deus e o seu povo, ele tem uma função preponderante na realização da Aliança que consiste em três etapas: preparação, proclamação e ratificação. Durante a preparação da Aliança, enquanto Moisés falava, Deus, que respondia no trovão, depois de ter descido até o cimo da montanha, ordena a seu porta-voz que desça até o povo para instruí-lo e adverti-lo. A instrução baseava-se no modo como o hebreus deveriam se santificar lavando as suas vestes para o encontro com Deus no Sinai. A advertência, consistia em que não ultrapassassem os limites territoriais para ver *Iahweh*; caso desobedecessem, morreriam (Ex 19,9-15). Em seguida, Moisés desce até o povo e Deus pronuncia o Decálogo (Ex 19,19-20,17), expressão de comunhão entre *Iahweh* e o seu povo. Ouvindo diretamente as palavras do Decálogo, o povo experimenta presença de Deus.

No marco da teofania, o Decálogo é como uma das formas da vinda de Deus. Colocado na boca de Deus, os dez mandamentos — em sua origem independentes e equiparáveis às outras leis — adquirem o aspecto da lei revelada.<sup>5</sup>

Com efeito, a voz de Deus provoca em todos os israelitas o terror. Por essa razão, diante do pavor ao qual foram acometidos, os israelitas pedem a Moisés que seja uma espécie de "ponte" dialogal entre Deus e o povo (Ex 20,19).

(...) a partir daquele momento, Moisés atua oficialmente como mediador. A diferença do que ocorre com as palavras do decálogo, a todas as palavras que seguem — em especial as do Código da Aliança (Ex 20,11-23,19.20-33) — serão ouvidas somente por Moisés, que as transmite ao povo.<sup>6</sup>

Após a proclamação do Decálogo realizada por *Iahweh* e do pedido do povo hebreu que estava aterrorizado com a voz de Deus, Moisés torna-se mediador entre Criador e criatura, a fim de estabelecer uma estreita relação entre ambos. A conclusão da Aliança sinaítica mostra também a figura de Moisés como mediador de *Iahweh* para os hebreus, conforme apresenta o texto: "Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras de *Iahweh* e todas as leis, e todo o povo

<sup>4</sup> GALVANO, G.; GIUNTOLI, F., Êxodo, p. 70.

<sup>5</sup> LÓPEZ, F. G., O pentateuco, p. 160.

<sup>6</sup> LÓPEZ, F. G., O pentateuco, p. 152-153.

respondeu a uma só voz: 'nós observaremos todas as palavras ditas por *Iahweh*'" (Ex 24,3). É importante ressaltar que a expressão "palavras" nessa perícope refere-se ao Decálogo, denominado como "livro da Aliança"<sup>7</sup>.

Depois de escrever todas as palavras de *Iahweh*, Moisés faz a ratificação da Aliança por meio da oferta de holocaustos e sacrifícios. Em seguida, ao tomar o livro da Aliança, ele o lê para todo o povo, o qual, a fim de mostrar sua submissão ao Senhor, respondeu: "'Tudo o que *Iahweh* falou, nós o faremos e obedeceremos'. Moisés tomou do sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: 'Este é o sangue da Aliança que *Iahweh* fez convosco, através de todas essas cláusulas'" (Ex 24,7-8).

O sacrifício (Ex 24,5-8) materializa a resposta obediente do povo da Aliança: o sangue das vítimas indica o compromisso vital empenhado no pacto. Não é mera imolação cultural, à moda dos cultos pagãos e das ações culturais da pré-história de Israel. O sacrifício agora é sinal eloquente da obediência e submissão à vontade de Deus.<sup>8</sup>

Esse episódio da ratificação da Aliança, poderia ser relido como uma prefiguração da estrutura orgânica da celebração litúrgica cristã, isto é, liturgia da Palavra e liturgia sacramental. A homilia, por sua vez, é a ponte entre ambos. A Aliança do Sinai é um evento fulcral para os israelitas enquanto *Qahal Iahweh*. Assim, a assembleia sinaítica dará início a uma série de outras assembleias que evidenciarão uma estrutura na qual podemos observar a conversa familiar entre Deus e o seu povo. Essa conversa familiar nos indica o que mais tarde será denominado como homilia. Portanto, podemos considerar Moisés como um homileta que transmitirá as palavras de *Iahweh* aos israelitas.

Do mesmo modo, podemos observamos na grande assembleia de Siquém que a "ponte" dialogal entre Deus e os israelitas será Josué (Js 24,1-28). Escolhido por *Iahweh*, após a morte de Moisés, ele introduzirá na Terra Prometida todo o seu povo, dizendo-lhe: "Moisés, meu servo, morreu; agora, levante-te! Atravessa este Jordão, tu e todo este povo, para a terra que dou aos israelitas" (Js 1,2). Josué continua a missão de Moisés. Em seus discursos, como um autêntico homileta, ajudará todo o povo a permecer fiel na observância dos mandamentos para que o dom da terra continue como propriedade de Israel, conforme afirma M. D. Coogan:

<sup>7</sup> Bíblia Jerusalém, p. 136.

<sup>8</sup> COLA, G. C., O sacramento-assembleia, p. 33.

Josué é o sucessor de Moisés, divinamente escolhido, e, embora não lhe seja dado o título de 'servo de Iahweh' até 24,29, ele completará a obra de Moisés liderando o povo para dentro da terra. Lá eles devem observar os mandamentos de Moisés, para que a terra da promessa continue sendo deles.<sup>9</sup>

No livro do Êxodo, o autor sagrado usa a expressão "palavras de *Iahweh*" para se referir ao conteúdo daquilo que Deus falou a Moisés e que, por meio do seu porta-voz, devia ser transmitido aos hebreus. No livro de Josué, encontra-se, regularmente, a expressão "livro da Lei", o livro que ilustra tudo aquilo que Deus disse a Moisés para ser transmitido ao seu povo; agora, porém, por intermédio de Josué.

Seguindo a tradição deuteronomista, o livro de Josué denota a importância da Lei que é expressão da presença divina. A partir dela, o sucessor de Moisés, se dirigirá aos israelitas para lhes comunicar a Palavra de Deus. Mencionado muitas vezes, o "livro da Lei" será caracterizado como elemento de fundamental importância para a teologia do livro de Josué.

A teologia de Josué se inspira toda ela praticamente no Dt ("o livro da Lei"). Nos momentos-chave cita-se, inclusive, de maneira expressa. Assim acontece no discurso inaugural: 'Traze sempre na boca as palavras deste livro da Lei. medita-o dia e noite, cuidando de fazer tudo o que nele está escrito; assim prosperarás e serás bem-sucedido' (Js 1,8). Igualmente é citado no monte Ebal: 'Depois disso, Josué leu todas as palavras da Lei, a bênção e a maldição, assim como escritas no livro da Lei' (Js 8,34). No momento de despedir as tribos: 'Tende muito cuidado, no entanto, de pôr em prática os mandamentos e a Lei que vos prescreveu Moisés, servo do Senhor: amar o Senhor, vosso Deus, andarem todos os seus caminhos, guardar os seus mandamentos e unir-vos a ele, servindo de todo o vosso coração e de toda a vossa alma' (Js 22,5). Não podia faltar uma citação no discurso final: 'Esforçai-vos, pois, em pôr em prática tudo o que está escrito no livro da Lei de Moisés, e não vos desvieis nem à direita e nem à esquerda'" (Js 23,6).<sup>10</sup>

Assim, constatamos que a Lei será muito importante na perspectiva de ver o novo líder do povo hebreu não apenas a partir da força bélica com o objetivo de conquistar a Terra Prometida, mas, sobretudo, pela fidelidade à Aliança. É na observância da Lei que Josué, como "ponte" dialogal entre Deus e os israelitas, vai ajudá-los a permanecer fiéis ao Senhor e aos seus mandamentos.

O último discurso de Josué preparará os hebreus para a Aliança que o Senhor realizará numa grande assembleia em Siquém. Nesse discurso, M. D. Coogan acentua o cumprimento das promessas de *Iahweh*, assim como na

<sup>9</sup> COOGAN, M. D., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo - Antigo Testamento, p. 258.

<sup>10</sup> LAMADRID, A. G., História, narrativa, apocalíptica, p. 64.

necessidade de observar os ensinamentos de Moisés, a fim de que os israelitas não perdessem o dom da terra que lhes foi dado por Deus.<sup>11</sup>

Convocados por Josué em Siquém, lugar favorável à reunião das tribos conforme está descrito em Js 8,30-35, os anciãos de Israel, demais autoridades e todos os israelitas estão na presença de *Iahweh*. Todos estão reunidos para escutar aquele que foi eleito para ser "ponte" dialogal entre Deus e o seu povo. Josué, porta voz do Senhor, inicia a sua homilia mostrando que o conteúdo de sua fala é, portanto, o próprio Deus quem diz: "Assim diz Iahweh, o Deus de Israel" (Js 24,1).

A partir desse momento, ainda que o discurso tenha caráter de autoridade, não se pode deixar de notar também o caráter de conversa familiar registrado na fala do sucessor de Moisés. Em sua homilia, Josué faz memória dos acontecimentos salvíficos que Deus operou em favor do seu povo:

Assim diz Iahweh, o Deus de Israel: (...) Tomei vosso pai, Abraão, do outro lado do Rio e o fiz percorrer toda a terra de Canaã, multipliquei a sua descendência e lhe dei Isaac. A Isaac dei Jacó e Esaú. (...) Em seguida, enviei Moisés e Araão e feri o Egito com prodígios que operei no meio dele; depois voz fiz sair de lá. Eu fiz, portanto, os vossos pais saírem do Egito e chegastes ao mar, os egípcios perseguiram vossos pais com carros e cavaleiros, até o mar dos Juncos. Eles clamaram, então, a Iahweh, que interpôs uma nuvem espessa entre vós e os egípcios, e fez o mar voltar-se sobre eles e cobri-los. Vós vistes com os vossos próprios olhos o que eu fiz no Egito e depois habitastes no deserto por longos dias. Dei-vos uma terra que não exigiu de vós nenhum trabalho, cidades que não construístes e nas quais habitais, vinhas e oliveiras que não plantastes e das quais comeis (Js 24,2a.3-4a.5-7.13).

A anamnese feita por Josué é fundamental, pois nela está a base para que seja realizada a proposição aos israelitas a quem eles querem servir. Recordando as obras salvíficas operadas pelo Senhor, à luz da *historia salutis*, Israel precisa fazer uma escolha, conforme diz o autor sagrado: "(...) se não vos parece bem servir *Iahweh*, escolhei hoje a quem quereis servir" (Js 24,15).

Com efeito, nesse versículo está o núcleo da homilia de Josué que, segundo M. D. Coogan, a expressão "escolhei hoje", proferida pelo sucessor de Moisés, é, no texto, notadamente mais do que uma opção retórica.<sup>12</sup> Tal expressão exige de todos os hebreus uma decisão a ser tomada. Todavia, antes de tudo, eles precisam fazer memória das maravilhas que Deus lhes cumulou, assim como, também,

<sup>11</sup> COOGAN, M. D., Josué, p. 291.

<sup>12</sup> COOGAN, M. D., Josué, p. 292.

devem lembrar que a terra na qual tomaram posse e que nela estão inseridos é dom divino.

Josué está convicto a quem ele quer servir e, por isso, afirma: "Quanto a mim e à minha casa, serviremos a *Iahweh*" (Js 24,15). Dessa maneira, Josué revela que, antes da posse da terra, sua maior conquista consiste em ser fiel na observância à Lei de Moisés. Tal atitude vai corroborar para a decisão do povo eleito que escolhe *Iahweh* para servir.

Então, o povo respondeu: longe de nós abandonar *Iahweh* para servir a outros deuses! *Iahweh*, nosso Deus, é aquele que nos fez subir a nós e a nossos pais, da terra do Egito, da casa da escravidão, que fez estes grande sinais diante dos nossos olhos e nos guardou por todos os caminhos que percorremos e por entre todos os povos através dos quais passamos. E *Iahweh* expulsou diante de nós todos os povos, bem como os amorreus que habitavam a terra. Portanto, nós também serviremos a *Iahweh*, pois é ele o nosso Deus (Js 24,16-18).

Depois de Josué ter interpelado os israelitas e deixar esclarecido a real necessidade da fidelidade a Deus, eles estão deveras decididos em servir ao Senhor.<sup>13</sup> Isso pode ser verificado no texto bíblico em que o autor sagrado apresenta a resposta enfática dos hebreus em pouco espaço de tempo no diálogo com Josué. Ciente das proporções que o abandono a *Iahweh* e à sua Lei pode causar, todo Israel diz a Josué: "Não! É a *Iahweh* que serviremos" (Js 24,21). Em seguida, Josué recomenda aos israelitas que lancem fora do seu meio os falsos deuses e que seus corações estejam inclinados para *Iahweh*, Deus de Israel. Convictos da decisão que estão tomando, os hebreus insistem na sua resposta: "A *Iahweh*, nosso Deus, serviremos e à sua voz obedeceremos" (Js 24,24).

Assim, vendo a obstinação do povo de Israel na livre escolha por *Iahweh* como seu Deus, Josué conclui uma aliança pelo povo fixando-lhe um estatuto e um direito em Siquém, escrevendo todas as palavras que disse aos israelitas no livro da Lei de Deus (Js 24,25-26).

Se, na assembléia de Siquém, os israelitas tinham Josué como "ponte" dialogal entre Deus e o povo eleito, no retorno dos judeus à cidade de Jerusalém,

---

<sup>13</sup> "O quadro narrativo do livro, que insiste na fidelidade de Josué (cap. 1; 24), toca ainda um outro aspecto que o leitor verá emergir na sequência da história do povo: a conduta negativa dos líderes do povo (rei e funcionários), também será responsável pela perda da terra. Em comparação aos reis de Israel e Judá, que terão sua conduta duramente criticada pelos autores da história bíblica e pelos profetas, a conduta de Josué, fiel e obediente sucessor do servo de Deus, Moisés, se configurará como líder ideal do povo. Dele, assim como de Josias - o único rei que recebe plena aprovação na história deuteronomista - se coloca em destaque a obediência a tudo o que YHWH prescrevera por meio de Moisés" (VECCHIA, F. D., Livros Históricos, p. 82).

em razão da saída do exílio da Babilônia, o escriba Esdras assumirá a mesma função. Tal evento registra o nascimento do judaísmo na história de Israel, presente no livro de Esdras e de Neemias. Depois da reconstrução do Templo de Jerusalém e, conseqüentemente, com a reconstrução das muralhas da cidade santa, Esdras convoca todos os israelitas reunindo-os em assembleia "como um só homem na praça" (Ne 8,1) para a proclamação do livro da Lei de Moisés.

Para F. D. Vecchia, um dos temas muito significativos do livro de Esdras é o papel que o livro dedica ao escriba, intérprete da Torá. Ele será um homileta para o povo de Deus repatriado.

(...) significativo é o papel que o livro dedica ao intérprete da Torá, o escriba. Com escriba (*grammateús*) se designa na época grega, mas já na época persa, um oficial de governo que desempenhava funções administrativas, financeiras e forenses. Em Esdras e Neemias — mas já em Crônicas — a função que será indicada ao escriba é extremamente associada à função sacerdotal, já que, como afirma um texto profético contemporâneo a esses escritos, "os lábios do sacerdote devem custodiar a ciência e da sua boca se recebe a Lei (Torá), pois ele é mensageiro do Senhor dos exércitos".<sup>14</sup>

Essa dupla caracterização pode ser observada a partir de dois pontos: Primeiro, Esdras é revestido de autoridade para interpretar a Palavra de Deus, pois ele "era um escriba versado na Lei de Moisés, dada por *Iahweh*, o Deus de Israel (...) sábio intérprete dos mandamentos de *Iahweh* e de suas leis referentes a Israel" (Esd 7,6.11). Segundo, Esdras, além da sua competência no cargo que exercia, não era apenas um *grammateús*, mas também era também um homem que tem o seu coração inclinado à Lei. Meditando a Torá, ele dialoga com o povo à luz da Palavra de Deus, conforme apresenta o autor sagrado: "Pois Esdras tinha aplicado o seu coração a perscrutar a Lei de *Iahweh*, a praticar e ensinar em Israel, os estatutos e as normas" (Esd 7,10).

No livro de Neemias é muito significativa a figura de Esdras que, no desenvolvimento da sua missão, se mostra um exímio homileta da Torá. Ele convoca os israelitas que se formam numa assembleia a fim de ouvirem a leitura da Lei.

Todo o povo se reuniu como um só homem na praça situada defronte da posta das Águas. Disseram ao escriba Esdras que trouxesse o livro da Lei de Moisés, que *Iahweh* havia prescrito para Israel. Então, o sacerdote Esdras trouxe a Lei diante da

<sup>14</sup> VECCHIA, F. D., Livros Históricos, p. 187.

assembleia, que se compunha de homens, mulheres e de todos os que tinham o uso da razão. Era o primeiro dia do sétimo mês. Na praça, situada diante da porta das Águas, ele leu o livro desde a aurora até o meio dia, na presença dos homens, das mulheres e de todos os que tinham o uso da razão: todo o povo ouvia atentamente a leitura do livro da Lei (Ne 8,1-3).

Conforme apresenta o texto bíblico, o autor sagrado descreve o caráter de solenidade daquela reunião para a proclamação da Torá, assim como a autoridade com a qual Esdras se reveste:

O escriba Esdras estava sobre um estrado de madeira, construído para a ocasião; perto dele estavam, à sua direita, Matatias, Sema, Anias, Urias, Helcias e Maasias; e à sua esquerda, Fadaías, Misael, Melquias, Hasum, Hasbadana, Zacarias e Mosolam. Esdras abriu o livro da Lei às vistas de todo o povo — pois ele dominava todo o povo — e, quando ele o abriu todo o povo se pôs de pé. Então Esdras bendisse a Iahweh, o grande Deus; todo o povo, com as mãos erguidas, respondeu: 'Amém! Amém!', e depois se inclinaram e se prostraram diante de Iahweh, com o rosto em terra (Ne 8,4-6).

Conforme se lê na perícope acima, J. C. Santiago afirma que uma das características significativas no conjunto da obra de Esdras-Neemias é a presença do livro da Lei. Nesse conjunto, acentua-se a figura de Esdras que está associada ao livro, à Escritura e à proclamação da Lei.

Um dos elementos característicos de Esd-Ne é a relevância que no conjunto tem o livro da Lei. Em particular, a figura de Esdras se apresenta estreitamente vinculada ao livro, à Escritura e proclamação da Lei.<sup>15</sup>

Além disso, é de suma importância olhar para o escriba sem deixar de vê-lo como intérprete da Torá, razão pela qual podemos denominá-lo como ilustre homileta do livro da Lei: "E Esdras leu no livro da Lei de Deus, traduzindo e dando o sentido, assim podia-se compreender a leitura" (Ne 8,8). Esse versículo, o qual vemos que Esdras traduzia e dava sentido a leitura da Torá, é fundamental para considerá-lo como homileta das Santas Escrituras à comunidade israelita, repatriada do cativeiro babilônico. Aqui, vemos claramente ser atribuído "o papel interpretativo a Esdras, mostrando o propósito de que a comunidade entendesse a Lei".<sup>16</sup>

Alguns aspectos teológicos da obra Esdras-Neemias que trata da reconstrução nacional do povo de Deus repatriado do exílio são expressivos.

<sup>15</sup> SANTIAGO, J. C., História, narrativa, apocalíptica, p. 285.

<sup>16</sup> BURNS, R. J., Esdras e Neemias, p. 327.

Todavia, o livro da Lei tem um valor de capital importância. A partir dele e da sua interpretação, os israelitas serão iluminados, compreendendo que o retorno de suas vidas do exílio é apresentado como um segundo êxodo. Segundo R. Tünnermann, "através da nova hermenêutica de Esdras, abriu-se a possibilidade de que essa Lei viesse a ter uma influência normativa em todos os aspectos da vida do povo".<sup>17</sup>

Com a leitura do livro da Lei e a sua interpretação feita por Esdras, notamos que a sua homilia provoca em todo o povo um estado de compunção visivelmente demonstrado em suas reações de tristeza e lágrimas:

Então (Sua excelência Neemias e) Esdras, o sacerdote-escriva (e os levitas que instruíam o povo), disse a todo o povo: 'Hoje é um dia consagrado a Iahweh, vosso Deus! Não vos entristeçais nem choreis!' É que todo o povo chorava ao ouvir as palavras da Lei. Disse-lhes ainda: 'Ide, fazei uma refeição abundante, tomai bebidas doces e mandai porções a quem nada preparou. Pois hoje é um dia consagrado a nosso Senhor! Não vos aflijais: a alegria de Iahweh é a vossa fortaleza' E os levitas acalmavam todo o povo, dizendo: 'Calai-vos: hoje é um dia santo. Não vos aflijais' E todo o povo se retirou para comer e beber; distribuíam porções e se expandiram em grande alegria, pois haviam compreendido as palavras que lhes foram comunicadas (Ne 8,9-12).

À luz dessa perícopé, constatamos a força provocadora da leitura da Torá de tal modo que os judeus, durante a assembleia solene, foram confrontados com a sua interpretação. Isso denota que os israelitas compreenderam que o exílio foi resultado das infidelidades à Aliança que Deus fez com o seu povo. Assim afirma R. Tünnermann:

As reformas de Esdras e Neemias com sua forte ênfase na lei são uma firme tentativa de contrapor-se à simples observância ritual da lei. A vida dos judeus deveria estar de acordo com os princípios de sua religião. A leitura e a interpretação da lei confrontavam o povo com a sua negligência em relação a esses princípios. A partir daí, determinados festivais foram reintroduzidos, o culto reorganizado e os problemas sociais enfrentados".<sup>18</sup>

Constatamos a grande importância do livro da Lei na obra de Neemias. Afinal, a seção que encerra a narrativa da assembleia convocada por Esdras mostra o valor da Torá e a sua importância no culto: "Cada dia Esdras fez uma leitura do livro da Lei de Deus, do primeiro dia ao último. Durante sete dias celebrou-se a festa; no oitavo houve, como estava prescrito, uma reunião solene"

<sup>17</sup> TÜNNERMANN, R., As reformas de Neemias, p. 59.

<sup>18</sup> TÜNNERMANN, R., As reformas de Neemias, p. 59.

(Ne 8,18). Valendo-se da afirmação de J. C. Santiago, entende-se que a Lei, proclamada por Esdras e interpretada para a vida do povo, comunica não apenas a vontade divina a fim de produzir frutos de salvação, mas é um "sacramento" da própria presença de Deus que caminha junto ao seu povo.

Seja como for, para a comunidade judaica desta obra, a lei que Esdras proclama e que eles acolhem com tanta emoção é, por um lado, instância de autoridade reconhecida para a vida cotidiana. Mas, além disso, é lei que esclarece a vontade de Deus, mais ainda, é um sinal da própria presença de Deus no meio do seu povo.<sup>19</sup>

Isto posto, vimos, à luz das três grandes assembleias da primeira Aliança, que a presença dos eleitos de Deus manifesta, cada um deles, características de liderança muito expressivas e essenciais. Contudo, é importante que os observemos sob outro prisma. A liderança exercida por Moisés, Josué e Esdras deve ser interpretada não apenas pela grande missão que receberam de chefiar o povo de Deus, mas também como homens que pautaram suas vidas na fidelidade à Lei. Por isso, o fato deles serem capazes de interpretar corretamente a Palavra de Deus, guiando os israelitas à luz da Torah, eles serão prefigurações do Cristo, Palavra encarnada do Pai e legítimo hermeneuta das Sagradas Escrituras.

---

<sup>19</sup> SANTIAGO, J. C., História, narrativa, apocalíptica, p. 286.

## 2.2

### Jesus, o homileta que relê as Escrituras

Após analisarmos a homilia na vida do povo de Deus no Antigo Testamento, no qual destacamos alguns personagens imprescindíveis nos eventos históricos-salvíficos como ilustres homiletas da Lei, cabe-nos agora refletir o tema da homilia à luz da leitura cristológica. Por esse motivo, mostraremos alguns episódios da vida de Jesus que o demonstram, precisamente, como um legítimo exegeta da Antiga Aliança.

A presença de Jesus na Sinagoga de Nazaré marca o início do seu ministério público na Galiléia. Segundo os evangelhos sinóticos, depois de ter sido batizado por João Batista no rio Jordão (cf. Mt 3,13; Mc 1,9; Lc 3,21s) e permanecido durante quarenta dias no deserto tentado pelo diabo (cf. Mt 4,1-11; Mc 3,12-13; Lc 4,1-13), de volta à cidade de Nazaré, no dia de sábado, Jesus entra na sinagoga para ensinar (cf. Mt 13,54; Mc 6,2; Lc 4,16). No entanto, apenas o evangelista Lucas narra o conteúdo do ensinamento de Jesus naquele lugar de culto.

Ele foi a Nazara, onde fora criado e, segundo seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; desenrolou-o, encontrando o lugar onde está escrito: 'O Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor'. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura' (Lc 4,16-21).

Segundo R. J. Karris, a pregação inaugural de Jesus na sinagoga de Nazaré revela que a intenção de Lucas é mostrar que o princípio teológico de promessa e cumprimento<sup>20</sup> será o norte de toda a obra lucana. Para R. E. Brown, tal perícopo em pesquisa, particularmente o texto profético citado pelo Filho de Deus, representa uma espécie de conteúdo programático daquilo que Jesus realizará em toda a sua vida em seu ministério público.

(...) a cena de Nazaré é bastante dilatada para além de 'num sabado, pôs-se a ensinar na sinagoga', de Marcos, pois Lucas informa sobre o ensinamento: Jesus comenta o rolo do profeta Isaías (a única prova de que Jesus sabi ler). A passagem (Is 61,1-2), que reflete a anistia do ano jubilar para os oprimidos, é usada para

---

<sup>20</sup> KARRIS, R. J., O Evangelho segundo Lucas, p. 245.

representar Jesus como o profeta ungido e é programática em relação àquilo que Jesus realizará em seu ministério.<sup>21</sup>

R. Karris<sup>22</sup>, J. Kodell<sup>23</sup> e W. Hendriksen<sup>24</sup> descrevem a estrutura orgânica da liturgia do culto sinagoga no séc. I d.C., do seguinte modo: Um cântico sálmico, a recitação da oração do *Shemá* (Dt 6,4s) e das Dezoito Bênçãos<sup>25</sup>, uma leitura da Torá e uma leitura dos Profetas. Após as leituras bíblicas, estava previsto um sermão que interpretava os textos sagrados das Escrituras. Após as leituras bíblicas proclamadas e interpretadas, concluiu-se com uma bênção dada pelo presidente da celebração e a bênção sacerdotal de Nm 6,24-27.

A descrição do dia em que Jesus está na sinagoga não é, da parte do evangelista Lucas, um registro arbitrário. Ao contrário, o "sábado" é mais do que um registro cronológico; é, na verdade, um elemento de densidade teológica muito forte que indicará o cumprimento escatológico das promessas contidas na profecia proclamada por Jesus no culto.

Esta narrativa é programática para a interpretação das atividades que Jesus realiza no sábado: o sábado está subordinado a Jesus porque ele é o cumprimento escatológico da promessa de Deus para os famintos, os enfermos e os encarcerados.<sup>26</sup>

Depois de ter se levantado para proclamar a leitura, Jesus, como era previsto, faz a pregação sobre o texto profético. W. Hendriksen afirma que "a liberdade da sinagoga" dava a entender que qualquer pessoa que fosse julgada idônea pelo dirigente da liturgia sinagoga poderia, privilegiadamente, fazer o sermão. O mesmo autor afirma não ser claro se, em Nazaré, Jesus foi convidado para proclamar a leitura e, conseqüentemente, fazer a sua interpretação, ou se as pessoas que participavam do culto já aguardavam que ele fizesse a leitura e, também, a pregação. De um modo ou de outro, ambas possibilidades são aceitáveis.

A liberdade da sinagoga pressupunha que qualquer pessoa considerada idônea pelo dirigente (ou pelos dirigentes) da sinagoga tinha o privilégio e era estimulada a

<sup>21</sup> BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 341.

<sup>22</sup> KARRIS, R. J., O Evangelho segundo Lucas, p. 245.

<sup>23</sup> KODELL, J. Lucas, p. 80.

<sup>24</sup> HENDRIKSEN, W., Lucas p. 341

<sup>25</sup> R. J. Karris e W. Hendriksen citam, como parte constitutiva da liturgia da sinagoga, a oração do *Shemá* e das Dezoito Bênçãos. J. Kodell omite ambas orações.

<sup>26</sup> KARRIS, R. J., O Evangelho segundo Lucas, p. 245.

pronunciar o sermão. É fácil de entender que essa disposição tornou possível a Jesus, e mais tarde também a Paulo e aos outros líderes cristãos, levar o evangelho à congregação reunida. Não fica claro se aqui em Nazaré, Jesus foi convidado a tomar esse lugar ou se simplesmente sabia que as pessoas esperavam que ele lesse e pregasse. Qualquer uma dessas possibilidades é aceitável.<sup>27</sup>

O texto profético proclamado por Jesus, situado no contexto pós-exílico, narra um ambiente cuja cidade de Jerusalém encontra-se em reconstrução. Para os israelitas que retornaram do exílio, há em seus corações um sinal de alerta porque, para eles, são tempos difíceis e duvidosos, pois o número de pessoas na cidade santa é pequeno e a reconstrução é muito lenta e modesta. Com a cidade sendo reconstruída aos poucos e a vida do povo de Deus voltando paulatinamente ao normal, vão surgindo novamente as injustiças cometidas pelos poderosos sobre os mais pobres e fracos. Diante desse cenário presente no texto de Isaías, os ouvintes daquela assembleia que escutam o filho do carpinteiro parecem reviver aquela promessa messiânica que fala de um profeta ungido pelo Espírito.

Depois da proclamação da leitura, notamos, pois, que a pregação de Jesus se diferencia da forma como as demais autoridades religiosas explanavam seus comentários escriturísticos. Isso está evidenciado no modo como reagiam as pessoas que estavam presentes naquela assembleia: "Todos na sinagoga olhavam-no, atentos (...) todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca" (Lc 4,20.22).

Com efeito, a atitude daqueles que lhe ouviam na sinagoga expressa que pregação de Jesus é emblemática, principalmente quando ele esclarece aos seus ouvintes que aquela profecia deixou de ser promessa e tornou-se uma realidade. Prefigurado pelo trito-Isaías, Jesus é o profeta ungido do Pai que vai operar as obras maravilhosas narradas no texto profético. Em Cristo, todas as profecias da primeira Aliança encontram o seu pleno cumprimento, razão pela qual o Filho de Deus, durante o culto, diz: "Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura" (Lc 4,21). A cerca do elemento cronológico "hoje", R. Karris afirma:

A palavra "hoje" introduz um importante tema de Lucas, conforme 2,11; 22,61 e 23,43, e não deveria ser considerada como uma referência histórica ao tempo de Jesus. A referência é, antes, ao presente, ao "hoje" do tempo do cumprimento. Este "hoje" proclamado por Jesus é sem dúvida com tom escatológico, isto é, apontando sempre para as realidades futuras.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> HENDRIKSEN, W., Lucas, p. 341.

<sup>28</sup> KARRIS, R. J., O Evangelho segundo Lucas, p. 246.

Esse "hoje" salvífico proclamado por Jesus na sua pregação tem uma carga semântica que ultrapassa qualquer registro do *chronos*, pois esse *hodie salutis* indica uma nova realidade inaugurada por Cristo. Esse tema será desenvolvido com mais detalhes no capítulo seguinte, quando será tratado sobre a dimensão litúrgica da homilia.

Destarte, o mais importante em estudo é observar Jesus como um homileta que relê as Escrituras não apenas a partir da Lei e dos Profetas conforme estão redigidos e compilados como livro. O modo como ele os interpreta é, na verdade, a partir de sua *exsousia*.<sup>29</sup> Em outras palavras, ele fala com autoridade e a partir de si mesmo, uma vez que todas as Escrituras veterotestamentárias apontam para ele, Palavra encarnada do Pai. Essa observação de Jesus como legítimo exegeta das Escrituras será fundamental para compreender os macarismos<sup>30</sup> presentes no início do discurso do Sermão da Montanha e os ensinamentos que estão contidos em sua pregação (cf. Mt 5,1-7,23) narrados no evangelho mateano. Da parte do evangelista Mateus, existe uma intenção doutrinal muito patente nos cinco grandes discursos que, segundo R. A. Monasterio e A. R. Carmona, balizam toda a sua obra. Nela, Mateus demonstra a excepcional capacidade para compor a síntese por meio da combinação das fontes esclarecendo a importância da conclusão de cada discurso de Jesus:

Ao final de cada um deles, encontra-se uma frase estereotipada, o que é boa prova de sua identidade e importância: 'e sucedeu quando terminou Jesus estas palavras [...] (7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1). Esta frase, além da função de conclusão do discurso, tem uma função de transição à narração a seguir. Isto é de suma importância: os discursos não são corpos estranhos que rompem o relato, mas, enxertam-se nele, conectam as seções narrativas e proporcionam o sentido da ação (...) Cada discurso contém sua própria unidade literária e temática; apresentam aspectos do Reino dos céus e há uma progressão entre eles.<sup>31</sup>

Não há dúvidas de que o Sermão da Montanha é uma das composições mais magníficas da obra mateana. Isso porque, de acordo com a afirmação de R. E. Brown, a composição do discurso de Jesus elaborada por Mateus está organizada "numa harmoniosa obra-prima de ensinamento ético e religioso".<sup>32</sup>

<sup>29</sup> BAILLY, A. *ἐξουσία*, ac. p. 712. Outra tradução possível é: "poder de fazer alguma coisa".

<sup>30</sup> Do grego *μακάριος*, adjetivo que significa "bendito", "feliz", chama-se de "macarismos" o conjunto das bem-aventuranças proclamadas por Jesus no sermão da montanha (Mt 5,3-11). Pode ser conferido em RUSCONI, C. Dicionário do Grego do Novo Testamento, p. 293.

<sup>31</sup> CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192.

<sup>32</sup> BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 269.

Em concordância ao pensamento de R. E. Bown, B. T. Viviano diz que o Sermão da Montanha, primeiro dos cinco principais discursos de Jesus, é a obra-prima de Mateus. Do ponto de vista bíblico, pode ser considerada "como sabedoria escatológica, ética e legal, ou como lei enquanto instrução (Torá) com vistas ao reino que não impõe coerciva, mas escatologicamente a fusão de diversos gêneros do AT".<sup>33</sup>

Essa obra-prima faz inúmeras alusões aos textos veterotestamentários recebendo uma nova interpretação por intermédio do mestre Galileu. Além disso, R. E. Brown esclarece o motivo da beleza harmônica do Sermão da Montanha que distingue Jesus dos mestres da Lei de seu tempo no que concerne aos ensinamentos morais.

Mais do qualquer outro mestre de moralidade, o Jesus mateano ensina com exsousia, isto é, com poder e autoridade divinos, e, mediante esse revestimento de poder, torna possível uma nova existência. Existem paralelos entre Moisés e o Jesus de Mateus. O mediador veterotestamentário da revelação divina encontrou Deus numa montanha; o revelador neotestamentário fala a seus discípulos numa montanha (Mt 5,1-2). Para os cristãos, ao lado dos Dez Mandamentos como expressão da vontade de Deus, as oito bem-aventuranças (Mt 5,3-12) têm sido reverenciadas como expressão suscinta dos valores priorizados por Jesus.<sup>34</sup>

Presente no contexto da libertação dos hebreus que estavam escravos no Egito, a expressão "estas são as palavras que dirás aos israelitas" (Ex 19,6b) indicava Moisés como homileta de Deus para os hebreus. Todavia, agora, tais "palavras" se revestem de um novo significado porque elas saem dos lábios do próprio Filho de Deus, a Palavra do Pai, que fala diretamente aos seus ouvintes.

Na Antiga Aliança, os israelitas, que estavam aterrorizados ao ouvirem a voz de *Iahweh*, suplicaram a Moisés que ele fosse o seu porta-voz a fim de que não morressem. Em Mateus, as multidões às quais Jesus dirige seus ensinamentos não apresentam reação igual ou semelhante à daquela assembleia sináptica. Ao contrário, a ausência de diálogo da parte das pessoas, presentes naquela montanha com Jesus, expressa que ali estão os verdadeiros ouvintes da solene homilia que o Filho de Deus realiza.

Se antes, Moisés era a "ponte" dialogal entre Deus e o seu povo, manifestando aos hebreus a sua vontade salvífica por meio da revelação divina no

<sup>33</sup> VIVIANO, B. T., O Evangelho segundo Mateus, p. 149.

<sup>34</sup> BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 269-270.

Sinai, agora, portanto, à luz dos textos evangélicos, observamos Jesus como perfeito pontífice entre Deus e os homens. Ele ensina e interpreta a Lei e os Profetas com um novo sentido, conforme expressou: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento" (Mt 5,17).

A esse pleno cumprimento da Lei dito por Jesus está presente no início do seu discurso com o conjunto das bem-aventuranças, especificamente na obra mateana. De acordo com D. J. Harrington, as bem-aventuranças, estilo literário muito comum no livro dos Salmos, em relação às suas referências ao Reino dos céus e à inversão dos valores humanos que o acompanham no evangelho de Mateus, diferem dos modelos do Antigo Testamento.<sup>35</sup> Podemos constatar isso no decorrer do discurso do Sermão da Montanha em que vemos surgir uma nova ética reinterpretada por Jesus superando a leitura da ética veterotestamentária. Assim, a homilia de Jesus, contida nesse grande sermão, mostra que ele veio para revelar o profundo sentido da Antiga Aliança.

O papel de Jesus é tratado com referência ao Antigo Testamento, ou melhor, o Antigo Testamento é tratado com referência a Jesus. Jesus veio para revelar o verdadeiro significado do Antigo Testamento, para expressar o que a Lei e os Profetas queriam dizer e, assim, fazer a Lei ser cumprida.<sup>36</sup>

A releitura que Jesus faz da ética veterotestamentária pode ser mais bem visualizada, particularmente, nas seis hiperteses que apontam para a absoluta vontade de Deus. Há autores que denominam as hiperteses como "antíteses" porque, segundo B. T. Viviano, Jesus parece romper com as tradições religiosas de seu tempo. Todavia, segundo a releitura que Jesus faz acerca da Lei, especificamente da ética judaica, não mostra que ele a transgrediu no sentido de violá-la. Ao contrário, sua transgressão consiste, sobretudo, em reinterpretar a Lei além daquilo que ela manifesta por escrito.

Seus intérpretes ficaram impressionados com a autoridade de Jesus sobre a Torá do AT e com os casos em que seu ensinamento parece contradizer o AT ou opor-se a ele, por exemplo, sobre o divórcio, que o AT permite e que Jesus proíbe (ou restringe). A interpretação atual enfatiza, pelo contrário, que Jesus parece ir além do ensinamento do AT aprofundando-o e radicalizando-o, retornando à vontade

<sup>35</sup> HARRINGTON, D. J., Mateus, p. 18.

<sup>36</sup> HARRINGTON, D. J., Mateus, p. 18.

original de Deus, mas que ele nunca vai na direção do laxismo, por isso se usa o neologismo hipertese.<sup>37</sup>

As seis hiperteses apresentadas por Mateus, mostram Jesus como legítimo exegeta do Pai. Portanto, expondo o verdadeiro sentido da Torá, o Filho de Deus revela, na sua releitura, o sentido original de toda a Lei. Isso está evidenciado quando encontramos as expressões: "Ouvistes o que foi dito (aos antigos) [...] Eu, porém, vos digo" (Mt 5,21-22.27-28.31-32.33-34.38-39.43-44)

Para U. Schnelle, as três primeiras hiperteses nas quais Jesus faz uma nova interpretação da ética judaica estão relacionadas com os cristãos, a saber: a ira contra o irmão provocando, inclusive, o fratricídio (cf. Mt 5,21-26); o adultério (cf. Mt 5,27-30) e sobre o divórcio (cf. Mt 5,31-32). As outras três hiperteses referem-se à relação com os não cristãos, por exemplo, acerca do juramento (cf. Mt 5,33-37); a retaliação ao próximo com a Lei do Talião (cf. Mt 5,38-42) e, por último, o amor aos inimigos (cf. Mt 5,43-48).<sup>38</sup> U. Schnelle afirma que a autoridade de Jesus não se encontra nas Escrituras, mas na força daquilo que ele fala com a nova interpretação da Torá.

Jesus não deriva sua autoridade das Escrituras, mas ela reside naquilo que ele diz (...). Essa pretensão torna-se compreensível somente contra o pano de fundo da mensagem jusuânica do Reino de Deus: com a vinda do Reino de Deus prevalece uma nova realidade. Com a vinda do Reino de Deus proclama-se a vontade de Deus mais uma vez de modo novo, decisivo e radical. Jesus formula-a por autoridade própria, ele não a deduz do Antigo Testamento, mas a vontade de Deus, proclamada por Jesus na irrupção do Reino de Deus, é autoridade última.<sup>39</sup>

O ensinamento ético presente no grande discurso do Sermão da Montanha, apresenta uma nova releitura feita pelo legítimo exegeta da Antiga Aliança. O novo ensinamento do mestre Galileu nos mostra que a intenção de Mateus é descrever Jesus como um novo e autêntico legislador. A partir do grande Sermão da Montanha, vemos uma interpretação original da Lei na qual Jesus supera a justiça dos escribas e fariseus. Acerca disso, R. E. Brown afirma: "O Jesus mateano, falando com mais segurança do que qualquer rabino do século I, dá a entender que tem mais autoridade do que Moisés, e que parece legislar com toda a convicção do Deus do Sinai".<sup>40</sup>

<sup>37</sup> VIVIANO, B. T., O Evangelho segundo Mateus, p. 153.

<sup>38</sup> SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 138-139.

<sup>39</sup> SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 171.

<sup>40</sup> BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 271.

Essa apresentação de Jesus como autêntico intérprete da Lei à luz do evangelho de Mateus, ajuda-nos a contemplá-lo igualmente no evangelho lucano. Depois de termos visto Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) como legítimo homileta das Escrituras, agora, nós o observamos da mesma maneira, porém, no episódio que narra a caminhada de Jesus com os dois discípulos de Emaús (Lc 24,13-30). Nessa perícopa, encontramos duas vezes o verbo *homiléo*, especificamente, em Lc 24,14-15. Nela, o evangelista Lucas descreve sobre os dois discípulos que, enquanto caminhavam de Jerusalém para Emaús, estavam conversando sobre os acontecimentos ocorridos na cidade santa que culminaram com a morte redentora de Jesus.

Eis que dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém; e conversavam sobre todos esses acontecimentos. Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles; seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. Ele lhes disse: 'Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando? E eles pararam com o rosto sombrio (Lc 24,13-17).

Aqui denota-se o sentido mais genuíno da palavra "homilia" traduzido como conversa na qual as pessoas se entretêm naquilo que estão falando. Lucas narra que, no caminho, os dois discípulos conversavam e discutiam sobre os fatos ocorridos no calvário até que, de repente, Cristo ressurreto aparece-lhes como companheiro de caminhada.

Dentre muitos temas presentes na teologia lucana, destaca-se o tema sobre "o caminho" e que, segundo R. Karris, "este relato está repleto de vocabulário da caminhada (vv. 15.17.28.32.33.35)"<sup>41</sup>. Tal tema é muito importante na sua relação com a "homilia" realizada entre os dois discípulos. Ela alcança um novo significado quando Jesus, caminhando com eles, une-se como autêntico homileta das Escrituras. O evangelista Lucas deixa evidente que os dois discípulos, enquanto conversavam com semblantes de frustração, estavam com os olhos impedidos a ponto de não reconhecerem Jesus. Aqui também há um tema que está significativamente relacionado ao tema da homilia e muito presente na obra lucana: o tema do "ver" (Lc 9,45; 10,31; 15,20; 18,34; 23,8.35.47-49) que, em alguns casos, está relacionado com a falta de compreensão.

J. Nolland, ao comentar sobre a perícopa lucana da caminhada para

---

<sup>41</sup> KARRIS, R. J., O Evangelho segundo Lucas, p. 306.

Emaús, diz que há alguns elementos no texto que tratam sobre a falta de reconhecimento de Jesus da parte dos discípulos. Porém, à luz do terceiro anúncio da paixão, encontra a melhor maneira para explicar "o efeito cegante de Satanás".<sup>42</sup>

Tomando consigo os Doze, disse-lhes: "Eis que subimos a Jerusalém e se cumprirá tudo o que foi escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem. De fato, ele será entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado, coberto de escarros; depois de o açoitar, eles o matarão. E no terceiro dia ressuscitará'. Mas eles não entenderam nada. Essa palavra era obscura para eles e não compreendiam o que ele dizia (Lc 18,31-34).

A cegueira dos dois discípulos é rompida gradativamente à medida em que Jesus faz a sua "homilia" com ambos durante o caminho. J. Nolland diz que, irônicamente, enquanto Jesus conversa com os dois homens rumo a Emaús, eles apontam para a ignorância do "forasteiro", ainda irreconhecível como o Ressuscitado. No entanto, está evidente que os dois discípulos são os autênticos ignorantes quando não o reconhecem aquele que caminha ao seu lado<sup>43</sup>.

Podemos assim perceber nesse texto que os temas "caminho-homilia-ver" estão estreitamente relacionados. Isso pode ser analisado em dois momentos na perícopé pesquisada. No primeiro momento (Lc 24,13-24), os dois discípulos, enquanto caminham, manifestam em sua conversa o tom de frustração com Jesus Nazareno, considerado por eles um "profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo" (Lc 24,19). Eles esperavam com ânsia que Jesus fosse redimir Israel. Entretanto, com os três dias que se passaram, vendo que nada prodigioso aconteceu após a morte de Jesus, os dois discípulos só têm a certeza de que o mesmo homem que proclamou a leitura profética na sinagoga de Nazaré foi mais um homem que se acrescentou ao quadro do falso messianismo. Há, portanto, uma cegueira espiritual em demasia nos dois discípulos peregrinos.

No segundo momento (Lc 24,25-35), quando Jesus exorta Cléofas e o outro discípulo como "insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram" (Lc 24,25), vemos que, enquanto caminham, a homilia de Jesus ressuscitado reveste a vida daqueles dois com uma nova realidade. Para Hendriksen, os inúmeros textos veterotestamentários que prefiguravam que a vida do Messias compartilharia de muitos sofrimentos, percebe-se que nenhum desses

<sup>42</sup> NOLLAND, J., Word Biblical Commentary, Luke 18:35-24,53, p. 364.

<sup>43</sup> NOLLAND, J., Word Biblical Commentary, Luke 18:35-24,53, p. 364.

textos foi capaz de ser alcançado pelos dois que caminhavam rumo a Emaús. Assim, parece-nos que a ignorância tem domínio sobre ambos por não compreenderem o evento do calvário como cumprimento profético.

Podemos estar certos de que o ensino de Jesus registrado nos Evangelhos é apenas uma parte do que ele realmente ensinou, do mesmo modo os milagres registrados são apenas uma parte dos que ele realizou (Jó 20.30; 21.25). Tudo isso deve ser suficiente para provar que os dois homens que caminhavam rumo a Emaús mereciam ser denominados de “nécios” ou “obtusos” por não conseguirem crer no fato de que para Cristo o caminho para a glória era e tinha de ser por meio do sofrimento.<sup>44</sup>

A partir do momento em que Jesus dá início à sua homilia, "começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretando-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito" (Lc 24,27), observamos que os dois discípulos são conduzidos à uma nova realidade. Essa nova realidade consiste na participação na vida pascal de Jesus. Com efeito, isso pode ser observado, quando, junto à mesa e com um novo olhar, eles testemunham que o Cristo, hermeneuta da Antiga Aliança, os faz percorrer um novo caminho. Provocados na fé por Jesus, ambos retornam à cidade da realização das promessas.

Consoante a esse pensamento, R. Karris afirma que a interpretação das Escrituras realizada por Jesus durante o caminho é determinante para incitar a fé dos discípulos. Antes, os dois discípulos mostravam-se descrentes. Agora, rompendo-se a cegueira da ignorância, ambos alcançam um novo olhar iluminado sobre a história.

O que contribui positivamente para a fé é a interpretação de Jesus a respeito de sua vida como cumprimento das promessas de Deus, do começo ao fim das Escrituras. Deus exaltou à glória seu profeta rejeitado, o justo sofredor inocente, o Filho<sup>45</sup>.

Se na Antiga Aliança, Deus falava ao seu povo por meio de homens pelos quais ele transmitia a sua Palavra, podendo, assim, considerá-los como homiletas, observamos que nos evangelhos Deus fala diretamente aos homens por intermédio do seu Filho. Nos relatos evangélicos não lemos, conforme encontra-se no Antigo Testamento, Deus dizendo: "estas são as palavras que dirás aos israelitas" (Ex 19,6b). Ao contrário, testemunhamos o próprio Cristo que diz: "São estas as

<sup>44</sup> HENDRIKSEN, W., Lucas, p. 700.

<sup>45</sup> KARRIS, R. J., O Evangelho segundo Lucas, p. 307.

palavras que vos falei, quando ainda estava convosco. Era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (Lc 24,44). Apenas dessa forma, interpretando todo o Primeiro Testamento à luz do evento pascal, é possível aos apóstolos a abertura de suas mentes para entender que, em Cristo, todas as Escrituras encontram nele o seu pleno cumprimento (Lc 24,45).

(...) e disse-lhes: "Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso. Eis que enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneci na cidade até serdes revestidos da força do Alto" (Lc 24,46-49).

Os relatos dos evangelhos, portanto, nos apontam para o Cristo como legítimo exegeta da Antiga Aliança e que, nele, a Lei e os Profetas integralmente se cumprem. Esses textos pesquisados são estritamente importantes como base e ponto de partida para as atividades dos apóstolos na Igreja nascente. Isso porque, nela, a partir do evento de Pentecostes, a homilia dos apóstolos reveste-se de caráter pneumático.

## 2.3

### A homilia na Igreja nascente

Com o derramamento do Espírito Santo sobre a comunidade dos apóstolos no evento de Pentecostes, duas observações podem ser destacadas: a recordação da promessa de Jesus aos seus discípulos, garantindo-lhes o envio do outro Paráclito a fim de não deixá-los órfãos (Jo 14,16.18); e o pleno cumprimento de sua palavra concretizada na vida da Igreja nascente com a vinda do Espírito Santo sobre a comunidade apostólica (At 2,1-13).

O evento de Pentecostes no cenáculo de Jerusalém é o ponto fulcral para o desenvolvimento das atividades missionárias dos apóstolos. Eles continuarão a obra redentora de Jesus por meio do Santo *Pnêuma*. Tal obra redentora do Crucificado-Ressuscitado torna-se-á presente, sobretudo, nos discursos apostólicos, que são verdadeiras homilias. Nelas, o núcleo de cada pregação será o querigma, isto é, o anúncio da pessoa de Jesus como *Kyrios* e *Christos* confirmados pelos textos escriturísticos.

O discurso de Pedro à multidão (At 2,14-36) será paradigmático para observarmos os outros discursos presentes na vida da Igreja incipiente. J. A. Fitzmeyer afirma que Pedro, em sua pregação, atua como porta-voz dos Doze, pondo-se à altura das circunstâncias do evento Páscoa-Pentecostes para poder explicar com propriedade o que ele viu e ouviu. Além disso, fica claro que a homilia petrina está ligada diretamente ao evento de Pentecostes e, nela, opõe-se a acusação de que os efeitos do *Pnêuma* na assembleia em oração fossem, na verdade, resultantes de embriaguês.<sup>46</sup>

J. A. Fitzmeyer assevera que a pregação de Pedro em Pentecostes é a primeira proclamação cristã da Igreja nascente dirigida aos judeus reunidos em Jerusalém. Não desconhecemos que é um discurso de conteúdo teológico em construção se for comparado com as cartas escritas por Paulo às comunidades. Contudo, a pregação de Pedro é o primeiro sermão registrado na história da Igreja apresentando um conteúdo querigmático e cristológico. Tal conteúdo explica o grande fenômeno do Espírito numa perspectiva soteriológica universal. O referido autor diz:

---

<sup>46</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 336.

O Espírito não veio somente sobre os cristãos, batizando-os com o poder do alto, mas permitiu aos judeus reunidos em Jerusalém para a festa da assembleia ouvir a nova proclamação cristã. Tudo é obra do Espírito e cumprimento da antiga profecia.<sup>47</sup>

Segundo A. Wikenhauser, analisando os discursos apostólicos da Igreja embrionária, veremos que, geralmente, seguem um mesmo esquema<sup>48</sup>. Neles, temos um *corpus* mais ou menos extenso dependendo da situação na qual ocorrem e alguns pontos são essenciais:

Primeiro, a mensagem de Cristo (o querigma), referente a vida, paixão (morte) e ressurreição; segundo, uma prova escriturística relativa a morte e ressurreição de Jesus, e o destino universal que tem a mensagem da salvação; terceiro, uma exortação à penitência. O segundo e terceiro pontos têm por modelo as palavras do Ressuscitado aos discípulos em Lc 24,44-47; o primeiro é um eco da frase "vós sois testemunhas disso" no v. 48.<sup>49</sup>

J. A. Fitzmeyer apresenta o discurso de Pedro às multidões com uma forma mais sistematizada, por exemplo: uma introdução (At 2,14b-15) na qual os judeus são chamados a tomarem o conhecimento daquilo que escutarão de Pedro. O apóstolo os exorta para que seus ouvidos estejam atentos às suas palavras, destacando uma alusão ao *Shemá* (Dt 6,4s); em seguida, vemos o uso do Antigo Testamento, particularmente um texto profético que visa esclarecer o evento prodigioso do Espírito (At 2,16-21); o querigma como núcleo da pregação do apóstolo Pedro (At 2,22-24.32-33); novamente notamos o uso de um texto veterotestamentário, especificamente textos dos salmos para relacionar Jesus com a figura de Davi (At 2, 25-31.34-35); uma conclusão em nível de testemunho (At 2,36) e uma conclusão em tom de exortação (At 2,38-39s).<sup>50</sup>

Na homilia petrina, J. A. Fitzmeyer afirma que é preciso ser levado em consideração três elementos importantes. O primeiro é a explicação do evento de Pentecostes como realização das profecias e o cumprimento das promessas de

<sup>47</sup> FITZMEYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles*, p. 336.

<sup>48</sup> A análise feita por Wikenhauser no que concerne à presença de um esquema comum nos discursos dos apóstolicos no livro dos Atos dos Apóstolos é semelhante ao esquema exposto por Richard J. Dillon. No primeiro discurso de Pedro (At 2,14-41), Dillon apresenta: uma introdução que está relacionada com o marco narrativo (vv. 14-21); o querigma sobre Jesus, que está formulado com uma acusação dos ouvintes, repleta de argumentos tirados da Escritura (vv. 22-36); uma convocação ao arrependimento e à conversão tendo como base o querigma (vv. 38-39) (DILLON, R. J., *Atos dos Apóstolos*, p. 328).

<sup>49</sup> WIKENHAUSER, A., *Los Hechos de los Apóstoles*, p. 76.

<sup>50</sup> FITZMEYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles*, p. 338.

Jesus. O segundo trata-se do querigma como ponto central da homilia petrina. Por último, refere-se aos títulos cristológicos que atestam a confirmação da missão de Jesus culminando na sua obra redentora.

Quanto à explicação do evento no cenáculo de Jerusalém, Pedro recorre ao texto do profeta Joel. A partir da interpretação da profecia acerca do derramamento do Espírito, desponta-se um novo tempo sobre a comunidade cristã<sup>51</sup> reunida em Jerusalém. Para interpretar os efeitos da efusão do Espírito, Pedro proclama na sua pregação o texto do profeta Joel, especificamente Jl 3,1-5. Dessa forma, ele mostra aos seus ouvintes que aquele acontecimento é o cumprimento daquilo que os profetas já haviam anunciado (Ez 36,27). Com o "batismo" no Espírito realizado sobre a Igreja nascente, é inaugurado os "tempos messiânicos" ou "os últimos dias". Assim, todos os acontecimentos que sucederão ao evento de Pentecostes serão sempre reinterpretados à luz do *Pnêuma*, na qual vemos, segundo R. J. Dillon,

uma tríplice reafirmação ao acontecimento em foco: o derramamento escatológico do Espírito, que produz um carisma generalizado de profetismo; sinais cósmicos do 'Dia do Senhor' antes de seu alvorecer; e a chegada daquele dia, com a salvação para todas as pessoas que invocam o nome *Kyrios*.<sup>52</sup>

Conforme afirma A. Wikenhauser, se Pedro tomou a palavra no episódio da eleição de Matias, integrado no grupo dos Doze (At 1,15), a partir do evento de Pentecostes ele fala àquela assembleia possuído pela força do Espírito de Deus<sup>53</sup>. Com efeito, os frutos da pregação de Pedro serão obras do Espírito Santo que nele habita. No que concerne a proclamação querigmática acerca da mensagem de Cristo, ocupa-se, exclusivamente, da sua paixão, morte, ressurreição e exaltação.<sup>54</sup> Porém, antes da apresentação do querigma<sup>55</sup> vemos uma alusão ao *Shemá* (Dt

<sup>51</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 338.

<sup>52</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 328.

<sup>53</sup> WIKENHAUSER, A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 67.

<sup>54</sup> WIKENHAUSER, A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 76.

<sup>55</sup> "O conteúdo da pregação apostólica primitiva, isto é, o *querigma*, do qual temos aqui a primeira exposição, foi-nos esquematicamente transmitido em cinco discursos de Pedro (At 2,14-39; 3,12-26; 4,9-12; 5,29-32; 10,34-43) e em um de Paulo (13,16-41). No centro, um testemunho (1,8+), tendo por objeto a morte e ressurreição de Cristo (2,24+) e sua exaltação (2,33+; 2,36+). Depois, pormenores sobre a missão anunciada por João Batista (10,37; 13,24), preparada por seus ensinamentos e seus milagres (2,2; 10,38), concluída pelas aparições do Ressuscitado (10,40.41,13,31), e a efusão do Espírito (2,33; 5,32). Enfim, perspectivas mais largas, mergulhando no passado pelas profecias do AT (2,23+; 2,25+) e olhando para o futuro: chegada dos tempos messiânicos e apelo à conversão dirigido a judeus e pagãos (2,38+) para apressar a volta gloriosa de Cristo (3,20-21). É o esquema seguido pelos evangelhos que desenvolveram a pregação primitiva. Nota de rodapé "g" da Bíblia de Jerusalém, p. 1903.

6,4s) ainda muito visceral na espiritualidade cristã primitiva: "Homens de Israel, ouvi estas palavras" (At 2,22). Essa exortação de Pedro à escuta é condição *sine qua non* a fim de que aquela assembleia reunida ao seu redor compreenda o mistério da sua pneumatização.

Desse modo, observamos que o conteúdo querigmático da pregação petrina consiste em assegurar a ação libertadora de Deus que ressuscitou seu Filho dentre os mortos. Na sua homilia, segundo J. A. Fitzmeyer, se vê claramente o uso do texto sálmico (cf. Sl 18,6) que relaciona Jesus às palavras de Davi. Nela, Pedro expõe que, dentro do plano da salvação, Jesus morreria, mas também mostra que Deus o ressuscitaria.

Deus o ressuscitou libertando-o dos laços da morte. Isto foi previsto naquilo que cantou Davi. Por isso, são citados os Salmos 16 e 132, dos quais Pedro reitera que Davi, rei de Israel, não podia estar falando de si mesmo, então, devia referir-se a Jesus, que não viu a corrupção. Com esta interpretação, especialmente do salmo 16, Pedro lança as bases para a origem histórica da fé cristã.<sup>56</sup>

Por fim, a homilia de Pedro refere-se ao uso dos títulos cristológicos: *Kyrios* e *Christos* para Jesus ressuscitado. Aqui, observamos uma espécie de "dedo" acusador à casa de Israel: "Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes" (At 2,36). Sobre esse último elemento, R. J. Dillon confirma que esse versículo é um resumo que "coordena com perfeição os testemunhos do *Kyrios* de Jl 3 e do Sl 110 com o argumento referente ao Messias do Sl 16".<sup>57</sup> Deste elemento, deriva aquilo que, para J. A. Fitzmeyer, é o ponto culminante do discurso de Pedro. Tal apóstolo dá o testemunho sobre o Cristo crucificado para toda a casa de Israel. Esta, representada pelos judeus de todas as nações, reunidos em Jerusalém, é convocada ao arrependimento e à conversão.<sup>58</sup> Pedro mostra que o resultado da ressurreição e exaltação realizada por Deus em seu Filho, agora aponta para Jesus crucificado como um vitorioso.

Como resultado da ressurreição/exaltação de Jesus operada por Deus, Jesus crucificado é agora um vencedor, *Kyrios* e *Christos*. (...) Dessa maneira, Pedro afirma a vitória de Cristo sobre a morte e o seu eterno estabelecimento na presença gloriosa do Pai.<sup>59</sup>

<sup>56</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 339.

<sup>57</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 332.

<sup>58</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 339.

<sup>59</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 353.

Isto posto, percebemos que o uso recorrente das Escrituras assegura que a Palavra de Deus é fonte primordial para as homilias de Pedro e dos demais apóstolos. O anúncio do querigma, presente no discurso petrino às multidões, será a mensagem central da sua homilia. Por isso, a partir da Palavra proclamada e interpretada à luz de Cristo, notamos que, efetivamente, os frutos que derivam dela são efeitos provocados pelo Espírito. Isso pode ser verificado com as primeiras conversões:

Ouvindo isto, eles sentiram o coração transpassado e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: 'Irmãos, que devemos fazer?' Respondeu-lhes Pedro: 'arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo. Aqueles, pois, que acolheram sua palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas (At 2,37-38.41).

Assim como nas assembleias do Sinai (Ex 24,19s), de Siquém (Js 24,1s), dos judeus repatriados do exílio na Babilônia (Ne 8,9-12), na sinagoga de Nazaré (Lc 4,20), e no Sermão da Montanha (Mt 5,1-12), verificamos que, na assembleia de Jerusalém, as pessoas que nela estão presentes manifestam reações que demonstram terem sido alcançadas pela voz de Pedro, "ponte" dialogal entre Deus e os homens. Essas pessoas, por sua vez, por meio da proclamação da Palavra e da homilia, são conduzidas pelo Espírito à perseverança nos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações (At. 2,42).

No livro dos Atos dos Apóstolos constatamos que as atividades missionárias dos discípulos de Cristo, após o evento de Pentecostes, revelam a Igreja sempre a caminho "oferecendo algumas facetas do ocorrido pela primeira geração cristã sob a guia do Espírito e dos apóstolos".<sup>60</sup> Aliás, esse tema é próprio da teologia lucana como vimos anteriormente. R. A. Monasterio e A. R. Carmona mostram-nos que a categoria "caminho" aparece na obra de Lucas-Atos em função dos grandes personagens. Destacam-se João Batista, Maria, Jesus, Pedro e Paulo:

João Batista, anunciado pelo anjo e Jesus o reconhece como aquele que vem preparar os 'caminhos do Senhor' (Lc1,76; 7,27) e ele mesmo se apresenta como aquele que prepara e aplaina os 'caminhos do Senhor' (Lc 3,4s). O 'caminho do Senhor' é, pois, o centro de sua obra. Maria, modelo do crente, pôs-se a caminho com pressa (Lc 1,39). Jesus cria o caminho de Deus (Lc 20,21), da paz (Lc 1,79), da vida (At 2,28). É caminho que ele mesmo abre com sua vida, percorrendo-o pessoalmente em seu ministério (Lc 4,30.32; 7,6; 8,1; 9,51) que o leva a

<sup>60</sup> CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 287.

ressurreição ou à plenitude da vida (At 1,10.11; 2,28). [...] O final do caminho de Pedro é positivo porque termina com a fuga (At 12,17), igualmente o de Paulo que chega a Roma prisioneiro e ali permanece na prisão (At 28,1-31).<sup>61</sup>

O plano salvador de Deus é anunciado a todos os homens e mulheres que se deixam alcançar pela voz dos apóstolos. Com efeito, aqueles que abandonam seus antigos caminhos, iluminados pela proclamação da Palavra e sua legítima interpretação, passam a seguir os caminhos do Filho de Deus: o Crucificado-Ressuscitado.

A categoria "caminho", segundo R. A. Monasterio e A. R. Carmona, está distribuída em três etapas: O tempo de preparação presente em todo "o Antigo Testamento, representado pela atuação profético-salvadora de João Batista, o último e o maior dos profetas dessa etapa (Lc 16,16)". Vemos também o tempo do cumprimento em que o ministério de Jesus, iniciado na Galiléia, gradativamente vai revelando-o como profeta escatológico. Dentro dessa segunda etapa, R. A. Monasterio e A. R. Carmona apresentam o tempo da Igreja em que o Senhor ressuscitado continua sendo *Christos, Kyrios e Prophetes*.

A Igreja tem de percorrer uma etapa própria do caminho, que é a etapa do testemunho, durante a qual há de proclamar com obras e palavras que já começou o cumprimento da promessa do reino de Deus em e por Jesus ressuscitado e que esta salvação é oferecida a todos os homens, judeus e gentios, "até os confins do mundo" (At 1,1-11). A exaltação de Jesus marca o final de seu caminho terrestre e o início do caminho da Igreja.<sup>62</sup>

Por último, o tempo da parusia que registrará o fim do caminho salvador no qual Jesus manifestar-se-á plenamente como Messias e Salvador. Assim, apresentadas as três etapas do caminho, importa-nos, nesse momento, a etapa do cumprimento em que está inserido, também, o tempo da Igreja. Conforme recorda o Catecismo da Igreja Católica<sup>63</sup>, reiterando o que disse a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*<sup>64</sup>, a Igreja, aqui na terra, longe do Senhor, não desconhece encontrar-se em permanente estado de exílio. Entretanto, percorrendo o mesmo caminho do seu esposo, ela não deixa de buscar as coisas do alto (Cl 3,1).

O episódio do encontro do apóstolo Filipe com o eunuco (At 8,26-40) ilustra bem a imagem da Igreja que está em estado permanente de missão no anúncio do

<sup>61</sup> CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 306.

<sup>62</sup> CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 308.

<sup>63</sup> CEC 769

<sup>64</sup> LG 6

Evangelho. Filipe, recebendo do anjo uma ordem divina, põe-se a caminho da estrada deserta que desce de Jerusalém até Galileia. Nesse caminho, um etíope eunuco que foi até Jerusalém para adorar voltava em sua carruagem fazendo a leitura do profeta Isaías, porém, nada entendia. Movido pelo Espírito, Filipe alcançando a carruagem e ouvindo o eunuco que lia a leitura profética, pergunta-lhe:

"Entendes o que lês?" "Como o poderia, disse ele, se ninguém me explicar?" Convidou então Filipe a subir e sentar-se com ele. Ora a passagem da Escritura que li era a seguinte: "Como ovelha foi levado ao matadouro; e como cordeiro, mudo ante aquele que o tosquia, assim ele não abre a boca. Na sua humilhação foi-lhe negada a justiça. E a sua geração, quem é que narrará? Porque a sua vida foi eliminada da terra" (At 8,32-33).

Para W. S. Kurtz, é provável que o evangelista Lucas considerasse o eunuco africano um pagão temente a Deus tal como era Cornélio (At 10,1-2).<sup>65</sup> O mesmo autor diz que os pagãos tementes a Deus "não conseguiam ou não queriam se tornar judeus completos, mas se sentiam atraídos pela crença judaica em um só Deus e pela elevada moralidade dos judeus".<sup>66</sup> No Código Deuteronomico, os eunucos não podiam ser admitidos nas assembleias cultuais de Israel conforme previa a Lei de Moisés (Dt 23,1). No entanto, uma promessa de inclusão na comunidade salvífica era destinada aos eunucos e estrangeiros fiéis a Deus:

Não diga o estrangeiro que se entregou a Iahweh: 'Naturalmente Iahweh vai excluir-me do seu povo', nem diga o eunuco: 'não há dúvida, eu não passo de árvore seca', pois assim diz Iahweh aos eunucos que guardam os sábados e optam por aquilo que me é agradável, permanecendo fiéis à minha aliança: "Eu lhes darei, na minha casa e dentro dos meus muros, monumento e nome mais precioso do que teriam com os filhos e filhas; dar-lhes-ei um nome eterno, que não será extirpado" (Is 56,3-5).

Assim, o eunuco etíope, que faz parte do cumprimento das promessas messiânicas, mostra-se entusiasmado pela leitura da Escritura. Provocado pela curiosidade, ele quer saber de quem Isaías está falando e, por isso, indaga a Filipe: "Eu te pergunto, de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de outro?" (At 8,34). Em tal pergunta percebemos uma oportunidade para que o apóstolo, abrindo a sua boca, a partir do texto da Escritura, faça-lhe o anúncio querigmático da Boa Nova de Jesus.

<sup>65</sup> KURTZ, W. S., Atos dos Apóstolos, p. 158.

<sup>66</sup> KURTZ, W. S., Atos dos Apóstolos, p. 158.

R. J. Dillon constata que a centralidade da perícopé é exatamente a instrução escriturística que Filipe faz mostrando-se um exímio homileta da Palavra de Deus. Além disso, para R. J. Dillon, a leitura profética que o eunuco tem contato recorda o episódio na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21) no que concerne à releitura do texto bíblico iluminado por um novo significado. Do mesmo modo, a instrução realizada por Filipe durante a viagem com o desfecho sacramental alude o caminho de Emaús (Lc 24,13-35).<sup>67</sup>

W. S. Kurtz afirma que o evangelista Lucas insiste, inúmeras vezes, na necessidade de que as Escrituras sejam interpretadas por um outro e nunca de modo particular. Isso se dá ao fato de que a interpretação individual nem sempre se mostra suficiente. Por essa razão, o apóstolo Filipe faz uma hermenêutica do texto de Isaías revelando que o profeta não se referia a si próprio, mas acerca de Jesus crucificado-ressuscitado.

Destarte, a "homilia" de Filipe, durante o caminho, gera na vida do eunuco frutos salvíficos que se manifestam por meio do batismo. Esses frutos se demonstram também como resposta do seu temor reverencial ao Deus de Israel revelado em Cristo, prosseguindo o seu caminho com alegria (At 8,39). Esse caminho de permanente anúncio do Cristo crucificado-ressuscitado, confiado aos apóstolos, não se limita ao grupo do Doze. Ao contrário, vemos, na eleição de Paulo, que os desígnios de Deus estão sempre associados à continuação da obra redentora de Jesus.

No desenvolvimento da Igreja embrionária, também destacamos o grande discurso inaugural de Paulo na sinagoga de Antioquia da Psídia (At 13,16-43). Após o evento acontecido em Damasco, Saulo, diferente dos outros apóstolos, não fez parte do grupo dos Doze. Todavia, foi eleito por Cristo como seu instrumento a fim de levar o seu nome diante das nações pagãs, dos reis e dos israelitas (cf. At 9,15). Se antes era perseguidor dos cristãos, agora passa a ser uma notável testemunha do Ressurreto, proclamando que Jesus é o Filho de Deus. Tal conversão provoca questionamentos acerca de sua mudança radical:

Todos os que o ouviam ficavam estupefatos e diziam: "Mas não é este o que devastava em Jerusalém os que invocavam esse nome, e veio para cá expressamente com o fim de prendê-los e conduzi-los aos chefes dos sacerdotes?" (At 9,21).

---

<sup>67</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 350.

Eleito pelo Senhor, Saulo ia crescendo em poder confundindo os judeus residentes em Damasco (cf. At 9,22). Enviado em missão com Barnabé, Lucas deixa registrado explicitamente que Saulo, também chamado de Paulo, era "repleto do Espírito Santo" (At 13,9).

Na sua primeira viagem missionária, desembarcando em Antioquia da Psídia, Paulo e seus companheiros entram na sinagoga em dia sábado e participam do culto. Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga deram a oportunidade para que Paulo ou algum dos que lhe acompanhavam proclamasse alguma exortação acerca dos textos bíblicos que ouviram. Paulo, sem hesitar, levanta-se e, fazendo um sinal com a mão, inicia a sua homilia (cf. At 13,13-16a).

Segundo o texto bíblico nos Atos dos Apóstolos, Paulo inicia seu discurso convocando todos homens de Israel e aos tementes a Deus para escutá-lo. Semelhante ao discurso de Pedro no evento de Pentescotes, vemos novamente uma alusão ao *Shemá* (Dt 6,4) que é destacada demasiadamente nas homilias dos apóstolos da Igreja incipiente. Mas tal alusão não é pelo simples fato de que a recitação do *Shemá* esteja presente na estrutura litúrgica do culto sinagoga como já observamos, mas sim pelo fato de que escutar a proclamação da Palavra de Deus e a homilia proferida seja um ato de fé.

A. Wikenhauser<sup>68</sup>, J. A. Fitzmeyer<sup>69</sup> e R. J. Dillon<sup>70</sup> fazem uma análise da organização estrutural da pregação paulina em Antioquia da Psídia (At 13,16-41) e os três autores são concordes dividindo-a em três seções: na primeira (At 2,16b-25) temos uma síntese da história da salvação na qual se manifestam os benefícios de Deus ao seu povo, chamada por R. J. Dillon como "a era da promessa".<sup>71</sup> Na segunda (At 13,26-37), Paulo desenvolve uma pregação querigmática sobre Jesus, demonstrando-o como descendente de Davi e verdadeiramente o redentor prometido. Aqui, encontra-se o núcleo da mensagem salvífica que é a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Aborda, também, a ignorância judaica e o testemunho cristão, temas tipicamente lucano. Por último (At 13,38-41), uma conclusão exortativa que, segundo afirma A. Wikenhauser, há dois pensamentos: primeiro, Jesus é o mediador da salvação que consiste na remissão dos pecados; segundo,

<sup>68</sup> WIKENHAUSER, A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 224-229.

<sup>69</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 139-140.

<sup>70</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos p. 362-364.

<sup>71</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 362.

essa realidade não pode ser subestimada.<sup>72</sup>

Para J. A. Fitzmeyer, nessa última seção, o ponto culminante da pregação do apóstolo Paulo consiste em apresentar Jesus como o autor do perdão dos pecados e, conseqüentemente, da justificação. R. J. Dillon e J. A. Fitzmeyer chamam atenção para os vv. 16.26.38, pois eles marcam uma repetição, no início de cada seção, pelo triplo uso de *Andrés Israelitai* ("Homens de Israel") e *Andrés Adelphoi* ("Irmãos")<sup>73</sup> como forma de dirigir-se aos seus ouvintes no culto sinagoga.

No que concerne ao início da pregação paulina que conta um resumo da *historia salutis*, segundo R. J. Dillon, encontra-se a matéria-prima do discurso de Estevão (At 7,1-53). Nela, enfatiza a ação de Deus como prelúdio peculiar do querigma teocêntrico de Jesus<sup>74</sup>. Além disso, afirma que o apóstolo dos gentios demarca o período veterotestamentário depois de João Batista sem fazer a separação de ambos períodos, isto é, do Antigo e do Novo Testamento.

Outrossim, alguns versículos são fundamentais porque funcionam como "dobradiças" nas quais Paulo une um tema a outro, proclamando a história da salvação num querigma sempre presente, atual e vivo.

O pregador, entretanto, não faz segregação dos dois períodos; o acontecimento-Jesus faz parte da história de Israel (v.23), e é por isso que ele precisa ser proclamado 'primeiro' a Israel (v. 46). As 'dobradiças' deste argumento são os vv. 23.26.32-33.38; cada versículo tem as funções de ligar, retomar e atualizar os assuntos. Eles fazem da história da salvação recitada por Paulo um querigma para o presente; a história de Israel até a situação do pregador é uma unidade viva, fundamentada na fidelidade de Deus para com a sua promessa<sup>75</sup>.

Particularmente nessa primeira seção, não desconhecemos que a pregação de Paulo tem como base a fonte escriturística para apresentar a história da salvação em seu anúncio querigmático. Na sua homilia, Paulo menciona a eleição de Davi e que, da sua descendência, Deus fez surgir para Israel um Salvador que é Jesus. Para isso, ele recorre aos textos das Escrituras como sua fonte primordial: "Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que em tudo fará a minha vontade" (At 13,22). Apenas nesse versículo estão presentes três textos bíblicos veterotestamentário, por exemplo, o Sl 89,21; 1Sm13,14 e Is 44,28.

<sup>72</sup> WIKENHAUSER, A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 229

<sup>73</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 362. Oportuno ver também em FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 139.

<sup>74</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 362.

<sup>75</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 362.

Ainda nessa seção, J. A. Fitzmeyer reitera que Paulo em nenhum momento se reporta aos patriarcas e a Moisés. Entretanto, enfatiza acerca da direção de Deus que lidera Israel desde a sua eleição até Jesus, constatando, dessa maneira, uma espécie de continuidade entre Israel e a Igreja.<sup>76</sup>

No discurso querigmático de Paulo, há presente uma característica propriamente lucana. Tal característica consiste em apresentar numa linha espiral a continuidade entre o tempo da promessa, o tempo de Jesus, o tempo da Igreja e o tempo da parusia.

Lucas pensa em períodos que não são novos inícios sem pressupostos, mas nos quais o passado está sempre também presente para ser continuado. Ele elabora uma estruturação que vai desde a criação, passando pelo tempo da promessa da Lei e dos Profetas, pelo tempo de Jesus e pelo tempo da Igreja até a parusia/do pleno cumprimento, sendo que o tempo de Jesus e da Igreja formam claramente o centro.<sup>77</sup>

Em relação ao discurso querigmático na segunda seção, A. Wikenhauser assegura que Paulo desenvolve uma demonstração que, da descendência davídica, Jesus é realmente o redentor que foi prometido. Para o apóstolo, tudo isso tem o seu apoio no fato de que, apesar dos judeus terem rejeitado, condenado e matado, Deus ressuscitou o seu Filho dentre os mortos dando seu testemunho favorável.<sup>78</sup> Dessa seção alcançamos o núcleo da homilia paulina: a ressurreição de Jesus dentre os mortos.

Para o apóstolo Paulo o tema da ressurreição de Jesus tem uma fundamental importância em suas pregações. O significado desse grande evento tange à sua própria vida. Ademais, segundo U. Schnelle, Paulo, nas suas cartas escritas às comunidades, atesta que a ressurreição de Jesus dentre os mortos é o fundamento da fé de todos os cristãos (cf. 1Cor 15):

Paulo não deixa dúvidas sobre a importância e o significado da ressurreição como fundamento da fé: 'Contudo, se Cristo não ressuscitou, vazia é também a nossa pregação, vazia é a nossa fé' e: 'Se Cristo, porém, não ressuscitou, vossa fé é vã (1Cor 15,14); então ainda estais nos vossos pecados (...), então somos os mais miseráveis de todos os seres humanos' (1Cor 15,17.19b). Existe em Paulo uma irreversibilidade de ressurreição, aparição, querigma e fé.<sup>79</sup>

<sup>76</sup> FITZMEYER, J., A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 139.

<sup>77</sup> SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 605.

<sup>78</sup> WIKENHAUSER, A., Los Hechos de los Apóstoles, p. 227.

<sup>79</sup> SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 288.

Nesta segunda seção da pregação do apóstolo dos gentios, vemos que a centralidade da homilia paulina baseia-se fundamentalmente na ressurreição de Jesus à luz das Escrituras. Isso pode ser verificado especificamente pelos textos sálmicos (Sl 2,7 e 16,10) como cumprimento das promessas messiânicas. Nisto consiste o anúncio da Boa Nova proclamada por Paulo: "Deus realizou plenamente para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus como também está escrito nos Salmos: 'Tu és o meu filho, eu hoje te gerei'" (At 13,33). Para R. J. Dillon, a expressão "Deus realizou" mostra que Lucas, usando categoricamente o pretérito perfeito, conhecia apenas duas eras da história: a era da promessa e a era do cumprimento. Todos os israelitas que viveram na segunda era estão incluídos no "nós, seus filhos".<sup>80</sup> Paulo assegura que a geração do filho de quem fala o Sl 2,7 se cumpriu plenamente na ressurreição de Jesus e não há dúvida de que, nesse texto sálmico, era prefigurado o evento pascal.

Isto se refere inequivocamente ao acontecimento pascal, assim como também faz o Sl 2,7, cuja contribuição para o querigma pascal já pode ser observada em Rm 1,4 (cf. Hb 1,5). Paulo cita o salmo como um passo no raciocínio que mostra que a ressurreição é o cumprimento da antiga promessa neste descendente de Davi. O oráculo de Natã, que promete a adoção filial do descendente (2Sm 7,14) é o fulcro claro desta lógica.<sup>81</sup>

Nessa seção, tal anúncio era igualmente ensinado por Paulo em sua pregação sobre a ressurreição de Jesus como vemos nos vv.30 e 34. Logo depois, segue-se o texto bíblico no qual diz que Deus não deixaria o Santo experimentar a corrupção. Aqui, o apóstolo distingue perfeitamente que o Sl 16,10 profeticamente falava de Jesus que, mesmo morrendo, seu corpo não experimentou a corrupção.

Toda essa teologia, na qual a 'ressurreição dentre os mortos' é anunciada como já tendo começado no caso de Jesus, é construída, em Atos, sobre o fundamento extremamente importante. Este fundamento consiste de uma exposição bastante detalhada da ressurreição de Jesus, do contexto bíblico dentro do qual significa o que significa, e das implicações que devem ser extraídas deste evento (...) não há dúvida alguma de que em qualquer ponto em Atos a 'ressurreição' se refira a outra coisa a não ser à ressurreição corpórea dentre os mortos.<sup>82</sup>

A ressurreição era um tema tão central na homilia de Paulo entre os pagãos que, segundo N. T. Wright, na sua pregação entre os atenienses, estes poderiam

<sup>80</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 363.

<sup>81</sup> DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos, p. 363.

<sup>82</sup> WRIGHT, N. T., A ressurreição do Filho de Deus, p. 631.

tê-lo entendido equivocadamente por acharem que o apóstolo pregasse duas divindades, Jesus e "Anastácia". Isso porque o termo grego era muito habitual em seus lábios a ponto de pensarem que ele estivesse falando de uma consorte de Jesus, tal como era Ísis em relação à Osíris.<sup>83</sup>

A homilia paulina em Antioquia da Psídia é concluída com uma exortação dirigida não mais aos "homens de Israel e aos que temem a Deus", como apresenta o início do v. 16. Embora sejam os mesmos ouvintes, Paulo se dirige tanto aos israelitas quanto aos pagãos como "irmãos", pois parece ter um alcance muito maior.<sup>84</sup>

Segundo J. A. Fitzmeyer, a exortação tem como ponto culminante o anúncio dos dois efeitos do acontecimento-Jesus. O primeiro efeito é o anúncio do perdão dos pecados destinado para todo o gênero humano. Aqui vemos a resposta que Paulo dá aos chefes da sinagoga que, inicialmente, pediram ao apóstolo e seus companheiros uma palavra de exortação. O segundo efeito do acontecimento-Jesus é a justificação por meio de Cristo. Uma vez que tal justificação não pôde ser realizada pela Lei de Moisés, agora, os judeus que escutam o apóstolo no culto podem, pela fé, alcançar um estado de justiça e retidão aos olhos de Deus.<sup>85</sup>

R. J. Dillon não hesita em afirmar que o oráculo do profeta Habacuc proclamado por Paulo é um prenúncio de sua ampla rejeição durante a sua atividade missionária no anúncio da Boa-Nova. Além disso, o termo *ergon*, presente no texto profético que designa a obra que Deus realizou contra os ímpios e injustos do povo de Deus, tem uma nova interpretação feita por Paulo. O apóstolo dos gentios mostra que o novo *ergon* é manifestado pela ressurreição de Cristo.

Mais provavelmente, deve ser entendido como o objetivo e a intenção do discurso de Paulo, a "obra" que Deus está fazendo agora, ou seja, a proclamação missionária do acontecimento-Cristo aos judeus e gentios (cf At 13,2). Na realidade, Paulo está dizendo ao público da sinagoga que eles não devem rejeitar a "palavra da salvação" agora dirigida a eles, mas que eles devem responder com fé em Cristo.<sup>86</sup>

Desse modo, é muito importante considerar o apóstolo Paulo como um exímio homileta em que as Sagradas Escrituras é fonte para a sua pregação. Ele

<sup>83</sup> WRIGHT, N. T., A ressurreição do Filho de Deus, p. 629.

<sup>84</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apostóles, p. 154.

<sup>85</sup> FITZMEYER, J. A., Los Hechos de los Apostóles, p. 154.

<sup>86</sup> FITZMEYER, J., A. Los Hechos de los Apostóles, p. 156.

exorta os ouvintes daquela assembleia a fazerem uma aplicação da profecia a si mesmos com uma nova interpretação. Vimos que todas as homilias dos textos pesquisados anteriormente revelam os seus frutos na vida das pessoas que as acolhem com fé. Na pregação paulina em Antioquia da Psídia, também constatamos os seus efeitos salvíficos. Isso pode ser verificado quando Barnabé e Paulo, saindo da sinagoga, foram convidados para que, no sábado seguinte, falassem novamente sobre o que foi anunciado no culto (At 2,42). Mais ainda, os frutos da homilia paulina se verificam no seguimento de muitos judeus e prosélitos, que seguiram os apóstolos e, entretendo-se com estes, foram persuadidos para que perseverassem na graça de Deus<sup>87</sup> (At 13,43).

À luz da pregação paulina realizada em Antioquia da Psídia, assim como em toda a sua viagem missionária, é indispensável refletir alguns elementos referentes ao apóstolo dos gentios. Por isso, quanto à vocação de Paulo em estreita relação com o Evangelho, J. Heriban elenca quatro características que lhe são deveras peculiares, a saber: apóstolo, pregador, testemunha e modelo.<sup>88</sup>

No que tange à qualidade de apóstolo do Evangelho, o livro dos Atos dos Apóstolos e todo o epistolário paulino estabelecem a figura de Paulo no âmago da pregação cristã primitiva. Após a experiência sobrenatural de Damasco, sua vida foi toda dedicada ao serviço do Evangelho e, por essa razão, assume grande notoriedade, tanto na história do cristianismo como na vida da Igreja incipiente.

Em relação à virtude de pregador, Paulo tem plena consciência que tal ofício encontra sua origem na eleição divina. Ele próprio testifica: "aquele que me separou desde o seio materno e me separou por sua graça, houve por bem revelar em mim seu Filho para que eu evangelizasse entre os gentios" (Gl 1,15-16). Assim, o anúncio da Palavra realizado por intermédio de Paulo, em seu dinamismo pneumático, abrange uma força interior capaz de transfigurar o coração de todos aqueles que acolhem a sua pregação.

Apesar disso, o apóstolo Paulo não restringe a pregação do Evangelho apenas ao ato de anunciar a Palavra. Para ele, é imprescindível que o anúncio do Cristo crucificado-ressuscitado esteja associado ao testemunho. Uma vez que o Evangelho não é uma ideologia, J. Heriban é contundente ao dizer que "o apóstolo

---

<sup>87</sup> Há uma outra possibilidade de interpretação: "julgando conveniente receberam o batismo". Bíblia de Jerusalém, p. 1926.

<sup>88</sup> HERIBAN, J., Paulo de Tarso, p. 1283-1284.

sabe que deve transmiti-lo com o testemunho de sua própria existência 'em situação' e 'em exercício' daquilo que afirma".<sup>89</sup>

Por fim, o apóstolo é apontado como insigne modelo do Evangelho. Ao escrever "sede meus imitadores, como eu sou de Cristo" (1Cor 11,1), Paulo expressa que a pregação evangélica tem forte influência para plasmar a vida de seus mensageiros e daqueles que acolhem o seu anúncio.

Assim sendo, não se desconhece o valor nem a importância de todo o epistolário paulino no cânon bíblico. Isso se dá ao fato de que, dos 27 livros presentes em todo o corpo neotestamentário, 13 são de autoria do apóstolo dos gentios.

De todos os modos, as Cartas Paulinas constituem um conjunto importante em toda a literatura do NT, que nos revelam aspectos interessantes da Igreja Primitiva e mesmo em sua relação com os demais escritos do NT, bem como sobre a pessoa do próprio Paulo, tido por muitos, inclusive, como primeiro teólogo cristão<sup>90</sup>.

Em todo o *Corpus Paulinum*, é possível encontrar textos que se revelam verdadeiras "homílias", das quais, muitas delas, registram o seu uso no âmbito litúrgico. Eles acentuam variados conteúdos de reflexão teológica como a cristologia, eclesiologia, pneumatologia e a escatologia.

Depois de observarmos a homilia na Igreja nascente e testificada pelos Atos dos Apóstolos, U. Schnelle afirma que há um pensamento basilar que constrói toda a obra lucana: "Em Jesus Cristo cumpriram-se as promessas de Deus, pois, em sua história e na história da difusão do evangelho desde Jerusalém até Roma, Deus comprova-se como o único Senhor da história"<sup>91</sup>.

Isso posto, é importante destacar que o cumprimento das promessas em Cristo encontra o seu verdadeiro *locus* na celebração litúrgica. Nela, a Palavra encontra um lugar privilegiado onde "Deus fala a seu povo, Cristo continua a anunciar o Evangelho e o povo responde a Deus com o canto e a oração"<sup>92</sup>.

<sup>89</sup> HERIBAN, J., Paulo de Tarso, p. 1284.

<sup>90</sup> GONZAGA, W., O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento, p. 19-41.

<sup>91</sup> SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 604.

<sup>92</sup> SC 33

### 3. A dimensão litúrgica da homilia

#### 3.1 A natureza da homilia à luz do Concílio Vaticano II

Com o objetivo de fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis<sup>93</sup>, o Concílio Vaticano II realizou muitas reformas na vida da Igreja. Dentre elas, destaca-se a reforma da liturgia sazoadada pelo Movimento Litúrgico, fortemente marcado pela teologia bíblica. Dessa reforma, surgem inúmeros frutos que contribuíram para o crescimento espiritual de todos os batizados, sobretudo, o primado da Palavra de Deus.

A partir da reforma litúrgica, tal primado tem grande visibilidade em dois documentos de forte expressão. São eles: a Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* e a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, fruto da reforma feita pelo Movimento Bíblico. Contudo, destacam-se também o *Missale Romanum* e o *Ordo Lectionum Missae*, este trata acerca do Elenco das Leituras da Missa.

Segundo P. Farnés, tanto a *Dei Verbum* como a *Sacrosanctum Concilium* favoreceram para que a Palavra de Deus fosse redescoberta no interior da celebração, originando, assim, uma nova expressão: "Liturgia da Palavra".

*A Dei Verbum*, por exemplo, ao se referir ao papel que corresponde à Escritura na vida dos fiéis, preocupa-se primeiramente — ali onde as anteriores encíclicas falavam da teologia, da catequese e da normativa moral — com a função que a Bíblia tem no interior da celebração (DV 21). Por sua vez, a Constituição sobre a Liturgia não faz apenas contínuas referências à função da Escritura no interior da celebração, mas cria inclusive uma expressão, antes totalmente desconhecida, que chegou já ser comum: 'Liturgia da Palavra'.<sup>94</sup>

O cenário pré-conciliar apresentava as Sagradas Escrituras com uma estrutura que expressava uma espécie de "servir-se da Palavra". Isso decorria em virtude da seleção "arbitrária" dos textos bíblicos conveniente às próprias

---

<sup>93</sup> SC 1

<sup>94</sup> FARNÉS, P., Mesa da Palavra II, p. 26.

circunstâncias na sagrada liturgia para a pregação. Com o Concílio Vaticano II, é inculcada uma nova compreensão sobre os textos das Escrituras na celebração litúrgica, na qual todos os que compõem a comunidade assembleal são chamados para "celebrar a Palavra".

O fato frequente de recorrer à Bíblia para selecionar nela, segundo o próprio critério, aqueles textos que melhor expressam o que alguém quer celebrar, já é um sintoma de como a Bíblia continua sendo vista mais como uma simples antologia de textos que podem ser utilizados na celebração, do que a Palavra celebrada como um dom gratuito de Deus a seu povo.<sup>95</sup>

Sem dúvida, o Concílio Vaticano II, com a Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* e a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, resgatou o legítimo lugar da Palavra de Deus no culto. Por essa razão, entende-se que "é máxima a importância da Sagrada Escritura na celebração litúrgica".<sup>96</sup> Certamente, tal resgate favoreceu a redescoberta da Palavra enfatizando a necessidade de que "nas celebrações litúrgicas seja mais abundante, variada e bem adaptada a leitura da Sagrada Escritura".<sup>97</sup> Não desconhecemos que essa revalorização das Sagradas Escrituras no culto corroborou para que houvesse um novo olhar sobre o espaço celebrativo. Nele, pode ser visto em destaque o altar, mas também o ambão<sup>98</sup> e a cátedra. Afirma P. Farnés:

Hoje, quando entramos no lugar da assembleia, não apenas vemos destacado o altar como lugar litúrgico, mas contemplamos também o ambão, do qual se proclama a Palavra, e a cátedra, da qual aquela é comentada: isso já é um símbolo do enriquecimento conquistado.<sup>99</sup>

Segundo J. L. Goenaga, à luz da teologia da Palavra, derivaram normas práticas feitas pelo Concílio Vaticano II que enobreceram a natureza da celebração litúrgica. Dessas normas práticas, destacam-se "o enriquecimento do

<sup>95</sup> FARNÉS, P., Mesa da Palavra II, p. 26-27.

<sup>96</sup> SC 24

<sup>97</sup> SC 35,1

<sup>98</sup> "Nos primeiros séculos do cristianismo parece já haver um lugar específico para a proclamação da palavra, embora só no século IV existia a notícia efetiva da presença de ambões em algumas igrejas. De formas variadas e com localizações igualmente variadas, o ambão conhece uma certa evolução durante vários séculos, até desaparecer e dar lugares aos púlpitos presentes nas igrejas a partir do século XIV. Com linhas características, é possível dizer que o ambão era um monumento único que possibilitava a proclamação das Escrituras de um lugar alto, geralmente em dois níveis: em um nível mais baixo a leitura dos profetas e dos apóstolos; e em um nível mais alto, a leitura dos evangelhos. Além disso, nele, eram cantados o salmo, o Aleluia de aclamação ao evangelho e, ainda, o Pregão Pascal" (FRADE, G. S., Arquitetura e liturgia: as contribuições do movimento litúrgico à arquitetura católica paulistana [1933-1962], p. 147).

<sup>99</sup> FARNÉS, P., Mesa da Palavra II, p. 26.

lecionário na celebração da eucaristia, a recuperação da homilia como parte da própria ação litúrgica e o fomento das celebrações da Palavra".<sup>100</sup> Diante de tão grande renovação da liturgia realizada pelo Concílio, a fim de buscar uma reforma, um progresso e uma adaptação da celebração litúrgica, é necessário que se promova aquele suave e vivo afeto pela Sagrada Escritura.<sup>101</sup> Com efeito, a partir do resgate e da redescoberta da Palavra de Deus na sagrada liturgia, a homilia<sup>102</sup> também ganha um novo espaço de profunda reflexão, particularmente a sua dimensão mistagógica.

Na Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* há três parágrafos que tratam sobre o tema da homilia, a saber: 24, 35 e 52. Nesse documento, esses parágrafos citados nos apresentam a Sagrada Escritura como fonte de onde se buscam as explicações para a homilia. Em seguida, a homilia como parte da ação litúrgica e a importância de ela haurir, em primeiro lugar, os seus temas dos textos bíblicos e da liturgia. Por último, recomenda vivamente a homilia como exposição dos mistérios da fé e as normas da vida cristã.

A partir desses parágrafos surgiram, em variados documentos, muitas considerações pertinentes que evidenciaram a importância da homilia no culto litúrgico. A homilia, enquanto parte integrante da liturgia, foi compreendida de forma equivocada e, muitas vezes, como um elemento secundário. Não ignoramos que muitos fatores históricos contribuíram para que a homilia perdesse, paulatinamente, o seu autêntico significado e objetivo. Segundo L. D. Torre, o período medieval e a época moderna ajudaram para que a homilia desenvolvesse uma pregação apenas de cunho doutrinal. No período medieval, especificamente com a Escolástica, a homilia é entendida como pregação temática.

<sup>100</sup> GOENAGA, J. L., A constituição De Liturgia, p. 144.

<sup>101</sup> SC 24

<sup>102</sup> É muito importante recordar que a homilia é um gênero específico de pregação com características próprias: "Há muitos tipos de pregação (...) O panegírico, que tende a ressaltar as virtudes de um santo e inculcar nos fiéis a sua imitação. O sermão 'quaresmal' ou 'missional', que costuma tomar uma verdade da fé ou uma parábola bíblica para desenvolvê-la e, sobretudo, tirar suas consequências morais diante de um público geralmente heterogêneo (...). O comentário bíblico exegético, estilo muito especializado e quase científico de explicar a Palavra de Deus aos fiéis mais instruídos e desejosos de penetrar na exegese dos textos bíblicos. A homilia, ao contrário, é aquele tipo de oratória sagrada que convém mais à celebração litúrgica da eucaristia e dos sacramentos. Ou melhor, as celebrações litúrgicas foram criando, a partir da mais remota antiguidade, um gênero especial dentro da oratória – a homilia –, espécie de comentário dos textos da celebração aplicado aos fiéis, como participantes da celebração e como cristãos que devem viver o que celebram"(CELAM, A homilia, p. 13).

A Escritura oferece um tema em uma frase textual, que depois será desenvolvida com ordem, seguindo divisões, subdivisões, definições e explicações que fazem da prática ou pregação uma construção complexa e engenhosa<sup>103</sup>.

O perigo dessa metodologia de homilia foi exatamente a perda da referência aos textos bíblicos como fonte primordial; assim como a sua ligação com a realidade dos ouvintes. Dessa maneira, aos poucos, a homilia deixa de conduzir a assembleia litúrgica ao mistério pascal e o resultado disso, conforme diz L. Della Torre, é o nascimento de uma pregação com tom demasiadamente religioso-moral.<sup>104</sup> Para J. B. Libânio, nesse período da Idade Média, cresce a negligência com a homilia, favorecendo, portanto, a uma forte decadência da pregação litúrgica.

Durante algum tempo, ficou restrita aos bispos, tanto para garantir-lhes o poder doutrinal quanto pela falta de preparo dos sacerdotes. Em outros momentos, o descuido pela pregação cresceu, afetando até os bispos que já não pregavam. Houve um ressurgimento da pregação por obra e graça dos frades mendicantes, sobretudo dos dominicanos, cuja ordem se denominou “*Ordo Praedicatorum*”, a Ordem dos Pregadores. Mas nem sempre os sermões se faziam no quadro da missa.<sup>105</sup>

Igualmente aconteceu na época moderna. Nesse período, marcado pela reforma protestante, observamos que a homilia na celebração litúrgica também continuou o mesmo desenvolvimento da escolástica. Dentro desse contexto histórico, o Concílio de Trento, com a publicação do Decreto *Super Lectione et Predicatione*, procurou recuperar a leitura da Escritura e, com ela, a pregação do evangelho aos domingos e nos dias de festa. Segundo L. Della Torre, tal publicação tinha como objetivo específico "a base ideal do humanismo cristão que defendia a valorização da bíblia e do método catequético e homilético dos Padres".<sup>106</sup> No entanto, a estrutura oferecida pelos cânones teologais do Concílio Lateranense IV não favoreceram para o seu êxito. Com a constituição dos seminários, o método homilético seguido permaneceu o mesmo do período escolástico, isto é, uma homilia temático-catequética, na qual, a partir do texto bíblico, escolhia-se uma "frase-efeito". Desta, discorria a pregação sempre voltada

<sup>103</sup> DELLA TORRE, L., Homilia, p. 561.

<sup>104</sup> DELLA TORRE, L., Homilia, p. 561.

<sup>105</sup> LIBÂNIO, J. B., Como saborear a celebração eucarística?, p. 53.

<sup>106</sup> DELLA TORRE, L., Homilia, p. 561.

com o objetivo de fazer uma catequese de cunho doutrinal em detrimento de uma pregação litúrgica, conforme ilustra G. S. Frade:

Com o passar do tempo e com a incompreensão da Palavra devido à barreira da língua, a questão da liturgia da Palavra começou a assumir conotações cada vez mais morais, e foi sendo substituída paulatinamente por pregações, por palavra sobre a Palavra. Desse modo, o lugar da Palavra vai se convertendo no lugar da pregação, em um púlpito (do latim *pulpitum*: estrado, tribuna) com a finalidade de efetuar a catequese do que fazer parte propriamente da liturgia.<sup>107</sup>

O resultado disso não foi outro senão concluir que a homilia fosse um elemento à parte da celebração litúrgica<sup>108</sup>. M. Magrassi é contundente ao declarar que "a própria colocação da homilia entre as leituras bíblicas e a oração universal já demonstra que ela faz parte integrante da ação litúrgica".<sup>109</sup> Igualmente afirma C. Biscontin:

A homilia é parte integrante da celebração litúrgica, e mais particularmente da Liturgia da Palavra. Essa é uma afirmação que não deve ser considerada precipitada, a partir do momento em que, no curso da sua história, ela foi concebida e percebida como um elemento a parte. Aconteceu na época da pregação popular medieval que determinou um verdadeiro renascimento da pregação, mas não da homilia.<sup>110</sup>

Com efeito, a homilia não pode ser interpretada como um "acessório" ou uma parte secundária da celebração. Ao contrário, tal como as demais partes do culto, a pregação homilética é como uma espécie de "cartilagem" que une um elemento ao outro visibilizando o conjunto harmônico da celebração litúrgica. A esse respeito, M. Magrassi diz:

A homilia não é, pois, um elemento estranho que se encaixa na celebração como uma interposição mais ou menos agradável. Um certo modo de, no passado, compô-la com os mais variados ingredientes, dava esta impressão. Nela, havia de tudo: exortações morais, orientações políticas, pedidos de dinheiro, até um pouco de catecismo abstrato e, nas grandes ocasiões, peças oratórias, acompanhadas da

<sup>107</sup> FRADE, G. S., *Arquitetura e liturgia: as contribuições do movimento litúrgico à arquitetura católica paulistana (1933-1962)*, p. 148.

<sup>108</sup> "Até o lugar da pregação vem deslocado do presbitério para a nave, de modo que o pregador abandonava também espacialmente a área do altar para se dirigir para o lugar da pregação. O próprio uso da língua vulgar, passando da pregação não litúrgica para aquela litúrgica, contribuiu para fazer da homilia um corpo separado em relação ao contexto totalmente em língua latina. Isso provocou também uma escolha de temáticas que muitas vezes se propunham com finalidade catequética, sem nenhuma referência aos textos bíblicos à celebração litúrgica" (BISCONTIN, C., *Pregar a Palavra*, p. 18).

<sup>109</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 118.

<sup>110</sup> BISCONTIN, C., *Pregar a Palavra*, p. 18.

gesticulação adequada. A homilia, ao contrário, não deve ser assim. Ela é 'liturgia' no sentido pleno e deve assumir um tom e estilo litúrgico.<sup>111</sup>

Certamente, as negligências que pregação litúrgica sofre continuamente, foi uma grande preocupação que o Concílio Vaticano II teve acerca do tema da homilia à luz de uma teologia da Palavra. Desse modo, a fim de recuperar a natureza litúrgica da pregação homilética, a *Sacrosanctum Concilium* assevera a importância da homilia que deve, "em primeiro lugar, haurir os seus temas da Sagrada Escritura e da liturgia".<sup>112</sup> Fazendo ressonância da Constituição Litúrgica, a Constituição Dogmática *Dei verbum* afirma que a homilia "com proveito se alimenta e santamente se revigora com a palavra da Escritura".<sup>113</sup>

Ora, para compreender a verdadeira natureza da homilia, tal Concílio, com grande esmero, precisou recuperar a importância da Palavra de Deus na celebração litúrgica. Nos textos bíblicos proclamados no culto, o homileta encontra a sua fonte primordial para conduzir a assembleia cristã a uma reflexão sobre a sua identidade e sua missão no mundo.

Assim, é importante considerar, a partir da perspectiva bíblica, o termo hebraico *dabar*, usado no Antigo Testamento para designar "palavra". *Dabar* não significa algo abstrato e "jamais pode ser reduzido à comunicação fria e objetiva do 'pensamento' de Deus em relação aos homens".<sup>114</sup> Ao contrário, *dabar* é "palavra-acontecimento", tal como apresenta o autor sagrado no primeiro relato da criação:

Deus disse: 'haja luz', e houve luz'. (...) Deus disse: 'Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas', e assim se fez. (...) Deus disse: 'Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente', e assim se fez. (...) Deus disse: 'Que a terra verdeje de fatura, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo a sua espécie, frutos contendo sua semente', e assim se fez (Gn 1,3.6.9.11).

À luz dessa perícopé, segundo C. Rocchetta, "a Palavra de Deus enuncia o que realiza e realiza o que enuncia. Não apenas 'diz' acontecimentos de salvação, mas também os produz".<sup>115</sup> A Palavra de Deus nas Sagradas Escrituras<sup>116</sup> é uma

<sup>111</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 118.

<sup>112</sup> SC 35,2

<sup>113</sup> DV 24

<sup>114</sup> SANTANA, L. F. R., A Palavra de Deus na celebração litúrgica, p. 89.

<sup>115</sup> ROCCHETTA, C., Os sacramentos da fé, p. 185-186.

<sup>116</sup> É importante fazer a distinção que existe entre Palavra de Deus e Sagrada Escritura. Por "Palavra de Deus" deve ser entendida como a Revelação Divina na história e por "Sagrada

palavra "operativa". Para F. Paludo, isso exprime que Deus ao dizer uma palavra, Ele a realiza simultaneamente: "Sua palavra é sempre eficaz, pois para Deus 'dizer' equivale a 'fazer'".<sup>117</sup> Como recorda o salmista, "porque ele disse, existiu, ele mandou, e surgiu" (Sl 32,9).

A Palavra de Deus tem uma força criadora capaz de suscitar as coisas *ex nihilo* intimando-as à existência. Não obstante, esse poder criador, próprio da Palavra, "não opera somente em nível cósmico: Age ainda mais profundamente na vida do homem. Principalmente aí ele se revela *sermo vivus et efficax*"<sup>118</sup>. Quando a Palavra é inserida no seio da humanidade, ela gera o caminho da história e atinge, com a encarnação do Verbo, a sua plena realização.

Observamos, portanto, que a Palavra de Deus na história da salvação é mais do que uma simples locução; ela é *dabar*, isto é, palavra que atua, irrompe na história humana, transforma a vida das pessoas e ilumina os passos daquele que nela crê, conforme diz o salmista: "tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho" (Sl 118,105).

Assim como a Palavra de Deus tem um lugar eminente na *historia salutis*, igualmente reconhecemos a sua importância na celebração litúrgica; com maior evidência na celebração eucarística. Por isso, em cada celebração litúrgica, a Palavra encontra o seu *locus* privilegiado onde "Deus fala a seu povo, Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração"<sup>119</sup>. É nesse âmbito privilegiado que "a Igreja cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus".<sup>120</sup>

O *Ordo Lectionum Missae*, ao tratar do valor litúrgico das Sagradas Escrituras, reitera que são vastos os tesouros da única Palavra de Deus. Nela, a celebração litúrgica se sustenta e se torna, dessa maneira, um acontecimento sempre novo, sobretudo, quando enriquece a Palavra com uma nova interpretação operando seus efeitos salvíficos. Desse modo, a homilia deve "beber" dos textos bíblicos como sua primeira fonte. Afinal, "Cristo está presente na sua Palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura."<sup>121</sup> Por isso, a celebração litúrgica prolonga a imagem de uma Igreja fiel à sagrada liturgia, tal

---

Escritura", a Palavra de Deus enquanto texto escrito por inspiração do Espírito Santo (DV 9).

<sup>117</sup> PALUDO, F., A Palavra de Deus na celebração, p. 152.

<sup>118</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 89.

<sup>119</sup> SC 33

<sup>120</sup> OLM 7

<sup>121</sup> SC 7

como o Cristo que, no culto sinagoga, proclamou a Palavra e deu a ela uma nova interpretação.

Nas diferentes celebrações e nas variadas assembleias, das quais os fiéis participam de maneira admirável, experimentam-se os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus. (...) Desse modo, a mesma celebração litúrgica que se sustenta e se apoia principalmente na Palavra de Deus, converte-se num acontecimento novo e enriquece a Palavra com uma nova interpretação e eficácia. Por isso, a Igreja continua fielmente na liturgia o mesmo sistema que usou Cristo na leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, visto que ele exorta a aprofundar o conjunto das Escrituras, partindo do 'hoje' de seu acontecimento pessoal.<sup>122</sup>

Mostrando-se um autêntico exegeta das Escrituras, Jesus proclama na sinagoga de Nazaré o *hodie* salvífico aos seus ouvintes. Com efeito, ele conhece tudo o que nelas dizem a seu respeito, mas também é um profundo conhecedor da realidade em que vive.

A relação entre a homilia e a Palavra de Deus tem o seu ponto fulcral na atualização dos textos bíblicos durante a pregação. Esta, por sua vez, deve ser uma espécie de "ponte" que une a realidade histórico-salvífica com a realidade da comunidade assembleal. Por isso, o conhecimento literal dos textos bíblicos não é suficiente e a sua reprodução durante a homilia pode causar enfado. Na pregação homilética, é necessário que se faça a atualização das Sagradas Escrituras, pois ela é o modo eficaz de alcançar o coração dos ouvintes, a fim de que todos daquela assembleia sintam-se também protagonistas da história da salvação. C. Biscontin afirma:

(...) não basta compreender o sentido literal dos textos bíblicos, colher a sua mensagem e depois reexprimi-la usando a linguagem corrente. A homilia deve fazer também isso, mas a atualização é algo mais profundo e rico que, entretanto, não se reduz nem mesmo de tratar de questões atuais. Ela consiste em produzir uma situação na qual o horizonte histórico testemunhado pelas Escrituras e aquele dentro do qual nós vivemos hoje se abram um ao outro, de modo que nos sintamos protagonistas da história santa, percebida como história nossa que se refere a nós. E, conseqüentemente, percebemos as palavras que testemunham aquela história como palavras que falam também de nós e para nós.<sup>123</sup>

J. Aldazábal identifica a atualização da Palavra de Deus como "aspecto profético" da homilia.<sup>124</sup> Tal aspecto descobre, para o bem de todos os que compõem a celebração litúrgica, aquilo que as Sagradas Escrituras dizem à luz de

<sup>122</sup> OLM 3

<sup>123</sup> BISCONTIN, C., Pregar a Palavra, p. 20-21.

<sup>124</sup> ALDAZÁBAL, J., Ministério da homilia, p. 99.

Cristo e como elas se cumprem no *hodie* da salvação aplicado à própria vida. Sobre esse aspecto profético, abordaremos com mais detalhes quando tratarmos sobre os elementos constitutivos da homilia.

Ora, considerando a homilia uma "conversa familiar", é importante que o homileta dirija a pregação tendo em conta que ele também faz parte dessa família enquanto membro. Dessa forma, não pode ignorar que o ministério da homilia deve corroborar para que, no interior da assembleia, as Sagradas Escrituras sejam, de fato, Palavra da salvação, ou seja, Palavra anunciada no "hoje" da presença do Cristo ressuscitado. Um exemplo escriturístico que ilustra a homilia com esse tom de colóquio familiar é o episódio dos "Discípulos de Emaús", narrado por Lucas em seu evangelho.

Nessa perícope, vemos nitidamente que o diálogo daquele aparente forasteiro com os dois discípulos "é o colóquio simples e familiar de um pastor que reparte o pão da Palavra com o seu povo e acerta suas contas com ele".<sup>125</sup> O Ressuscitado apresenta-se, portanto, como o legítimo exegeta da economia veterotestamentária: "E começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras que a ele dizia respeito" (Lc 24,27). Além disso, é muito importante compreender que todo o Antigo Testamento aponta para o Cristo. Nele, a economia veterotestamentária encontra o seu pleno significado, conforme foi registrado por Lucas: "Era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (Lc 24,44).

Aquele "hoje" salvífico proclamado por Jesus na sinagoga de Nazaré é o mesmo que nos torna "contemporâneos" de Jesus cada vez que a Palavra é proclamada e interpretada na homilia, capaz de tornar participantes do seu mistério pascal todos os ouvintes da celebração litúrgica.

A proclamação e a pregação da Palavra na liturgia nos tornam 'contemporâneos' do mistério de Cristo e nos tornam participantes do *hodie* da salvação pascal. Celebrando o memorial da promessa feita a Abraão e levada a cabo na 'plenitude dos tempos' (Gl 4,4), a Palavra anunciada na liturgia torna-se epifania da presença definitiva do Emanuel, o 'Deus-conosco' (Mt 1,23; Is 7,14). Ele mesmo é o euangélio proclamado, comentado e tornado atual, o evento da salvação para todos os que o acolhem na fé.<sup>126</sup>

<sup>125</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 121.

<sup>126</sup> SANTANA, L. F. R., *A homilia à luz da Evangelii Gaudium*, p. 121.

Dessa maneira, o Concílio Vaticano II, preocupado com a Palavra de Deus e com a homilia na liturgia, reiterou sobre a importância de que a mesa da Palavra fosse preparada de forma abundante aos fiéis, de tal modo que a estes fossem abertos os tesouros das divinas Escrituras.<sup>127</sup> Junto aos tesouros bíblicos apresentados para a assembleia litúrgica na celebração, a homilia, por sua vez, foi recomendada vivamente como parte da liturgia, apresentando, a partir dos textos sagrados, os mistérios da fé e as normas da vida cristã.<sup>128</sup>

Esses "mistérios da fé", presentes na Palavra proclamada e anunciados na pregação litúrgica, nos permitem olhar para a homilia como uma ponte entre a Palavra e o sacramento, afirma M. A. D'Annibale. Segundo esse autor, a homilia, enquanto ponte, apresenta para a comunidade assembleal a estreita relação que existe entre a Palavra proclamada e a atualização dessa Palavra por meio dos sacramentos.<sup>129</sup>

M. Magrassi diz que essa função de ponte exercida pela homilia aponta para duas direções: Na primeira, une a Palavra e o evento sacramental. Em seguida, constitui uma ligação entre a celebração e a assembleia litúrgica que dela participa, ou seja, entre a liturgia e a vida.<sup>130</sup> Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, manifestou a importância da homilia integrada ao rito sacramental e à vida comunitária: "(...) peço aos ministros para fazerem com que a homilia coloque a palavra de Deus proclamada em estreita relação com a celebração sacramental e com a vida da comunidade".<sup>131</sup>

Do mesmo modo que foi necessário afirmar acerca da unidade que existe entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística e ambas formam um só ato de culto<sup>132</sup>, para J. Llopis a importância da homilia na liturgia se deve ao seu caráter integrador. Ela é a ponte que integra o pão da Palavra e o pão eucarístico, pois, sem a homilia, há um enorme risco em olhar de forma pulverizada e abstrata cada parte que compõe a celebração, sem contemplá-la como um conjunto harmônico. J. Llopis assevera:

---

<sup>127</sup> SC 51

<sup>128</sup> SC 52

<sup>129</sup> D'ANNIBALE, M. A., A Palavra de Deus na celebração, p. 182.

<sup>130</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 124.

<sup>131</sup> SCa 46

<sup>132</sup> SC 56; Outrossim, encontramos na IGMR 28.

A homilia é o elemento integrante de uma série de elementos que, sem ela, correriam o risco da dispersão e, inclusive, da desintegração. (...) a homilia é como o eixo das duas partes integrantes de toda a celebração litúrgica: A Palavra e o rito<sup>133</sup>.

Uma vez que a homilia é parte integrante da ação litúrgica,<sup>134</sup> cabe à pregação homilética apontar para o sacramento que está sendo celebrado. J. Adazábal denomina a homilia como "passagem para o rito" destacando a sua "função mistagógica".<sup>135</sup>

Na celebração litúrgica, tanto a Palavra como o rito sacramental pertencem a uma única história da salvação. Nela, as *magnalia Dei* são atualizadas por obra do Espírito, principalmente o mistério pascal de Cristo do qual os fiéis participam. Da Palavra ao sacramento, observamos um encontro gradativo com Cristo. Podemos até afirmar uma dupla comunhão com o Filho de Deus, conforme apresenta o *Ordo Lectionum Missae*, citando também a *Sacrosanctum Concilium*:

Para que possam celebrar vivamente o memorial do Senhor, lembrem-se os fiéis de que a presença de Cristo é uma só, tanto na Palavra de Deus, 'pois quando se lê na Igreja as Sagradas Escrituras, é ele quem fala', como especialmente sob as espécies eucarísticas.<sup>136</sup>

Por isso, na celebração, toda a assembleia litúrgica passa "da Palavra proclamada à Palavra sacramental, ao 'isto é o meu Corpo'. Da primeira comunhão com o Cristo-Palavra, passamos à segunda, com Cristo-Pão-e-Vinho".<sup>137</sup> Nessas duas partes da celebração, a homilia torna-se ponte para exercer a passagem da Palavra de Deus para o rito dos sacramentos. Ela é um elemento de conexão que expressa a unidade de toda a celebração litúrgica, com maior evidência na celebração eucarística. Por isso, a homilia favorece a participação dos fiéis na participação da "dupla mesa", expressão resgatada pelo Concílio Vaticano II para designar tanto a mesa da Palavra de Deus como a mesa do Corpo do Senhor.

Por essa razão, o mesmo Concílio, na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, afirma que "a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como também o próprio corpo do Senhor"<sup>138</sup>. Tal afirmação expressa a riqueza que o próprio

<sup>133</sup> LLOPIS, J., A homilia, elemento integrador, p. 69.

<sup>134</sup> SC 35,2

<sup>135</sup> ALDAZÁBAL, J., Ministério da homilia, p. 127.

<sup>136</sup> OLM 46; SC 7.

<sup>137</sup> ALDAZÁBAL, J., Ministério da homilia, p. 127.

<sup>138</sup> DV 21

Cristo nos deixou como sinal de sua presença, isto é, a sua Palavra. Nas celebrações dos outros sacramentos, a homilia parece ter uma maior facilidade para realizar a "passagem para o rito". Certamente, nelas, os textos bíblicos estão dentro de uma mesma linha de raciocínio com o sacramento a ser celebrado, seja o matrimônio, a penitência ou o batismo.

Entretanto, na celebração da Eucaristia, da qual participamos com maior frequência, a homilia torna-se um grande desafio porque nem sempre as leituras bíblicas, presentes no lecionário, se referem a esse sacramento. Isso, porém, não significa que, na celebração eucarística, seja impossível encontrar elementos convergentes que ajudam a desenvolver, na homilia, a estreita unidade entre o pão da Palavra e o pão do Corpo do Senhor.

A Eucaristia é uma realidade muito complexa: é memorial do sacrifício pascal de Cristo e participação da Nova Aliança, baseia-se na atuação do Espírito, celebra-se no âmbito da comunidade eclesial, está dinamicamente inserida na caminhada escatológica da mesma, é sinal e alimento da caridade fraterna, invoca a Virgem Maria e os Santos, implica atitudes eucarísticas de gratuidade, louvor e oferenda, intercede pelas necessidades de todo o mundo.<sup>139</sup>

Ao se referir sobre a pregação litúrgica, a *Sacrosanctum Concilium* deixa claro que a homilia deve "em primeiro lugar, haurir os seus temas da Sagrada Escritura e da liturgia".<sup>140</sup>

Diante dessa declaração, podemos notar que, na celebração, além da Palavra de Deus, existem outros elementos da celebração litúrgica que favorecem tanto a homilia como a uma participação mais profunda da Eucaristia. É o caso das orações eucológicas,<sup>141</sup> marcadas de conteúdo teológico muito denso. Geralmente, elas trazem consigo elementos de conteúdo anamnético ou doxológico, isto é, orações que recordam e glorificam a obra salvífica de Cristo.

Segundo A. Catella, é muito importante observar que a linguagem eucológica é profundamente bíblica, seja ela uma citação explícita ou apenas uma

<sup>139</sup> ALDAZÁBAL, J., Ministério da homilia, p. 134.

<sup>140</sup> SC 35,2

<sup>141</sup> "Eucologia", propriamente, significa a ciência que estuda as orações e as leis que governam sua formação; ou significa a doutrina que diz respeito à oração e as suas formas. Em sentido menos próprio, mas hoje de uso corrente, a 'eucologia' é o conjunto de orações contidas num formulário litúrgico, num livro ou em em geral, nos livros de uma tradição litúrgica. O conjunto desses textos se chama 'depósito eucológico'. Costuma-se dividir a eucologia em 'menor' e 'maior': à primeira pertence o conjunto de orações simples [coleta, sobre as oferendas, depois da comunhão]; à segunda pertencem as orações mais complexas [prefácios, preces eucarísticas] (CATELLA, A. Eucologia. p. 567-568.)

alusão ao texto escriturístico. Nesse caso, a homilia, beneficiada pelas eucologias, tem como objetivo ser "mediadora" entre Palavra que proclama o evento salvífico, a celebração na qual se faz memória desse evento e a existência humana. Em cada oração eucológica, observamos esse cuidado de mediação e de atualização do mistério pascal. O mesmo autor mostra a importância da homilia em estreita relação com a oração eucológica:

A eucologia é o alto testemunho da relação vital que se interpõe entre experiência cristã e Escritura. A eucologia nasce da leitura, da escuta, da meditação, da reflexão, da oração. Por essa estrada, a Escritura se faz Palavra para a vida. Aproximar-se da eucologia, perceber seu conteúdo, entender a sua forma e linguagem, descobrir a sua inspiração bíblica, percorrer todo o caminho que da Escritura e do mistério celebrado pode levar à oração e à vida, parece ser tudo um exercício fundamental e indispensável para o homileta.<sup>142</sup>

E. Bianchi também acentua a importância das orações eucológicas na homilia. Elas são um excelente recurso para a pregação quando estão perfeitamente unidas à mensagem salvífica dos textos bíblicos proclamados na liturgia. Dirigindo-se aos sacerdotes, ele afirma:

Portanto, quando oportuno, não se esqueça de recorrer às expressões geralmente profundas contidas na coleta inicial, na oração super oblata ou na prece após a comunhão, para enriquecer a homilia. De fato, a eucologia da missa pode também ser fonte e inspiração para a mensagem que você apresenta na homilia para a assembleia.<sup>143</sup>

Com efeito, a riqueza e a profundidade de cada eucologia nos permitem contemplar a sacramentalidade da homilia. A teologia da pregação redescobriu e ressaltou inúmeros conceitos concernentes ao anúncio da Palavra de Deus, especialmente, no âmbito da pregação litúrgica. Destacamos, portanto, o conceito da homilia como "sacramento".

Para compreender o termo "sacramento" é necessário evocar aos seus equivalentes grego *mystérion* e latino *sacramentum*. Em virtude da tradução da septuaginta, o vocábulo *mystérion* foi integrado ao universo bíblico e começou a fazer parte do campo da revelação, sem abandonar o termo hebraico *sod*.<sup>144</sup> Hoje, o termo "mistério" é traduzido habitualmente como algo que "escapa" e que "foge" às explicações humanas, tornando impossível a sua compreensão. No

<sup>142</sup> CATELLA, A., Eucologia, p. 568-569.

<sup>143</sup> BIANCHI, E., Presbíteros, Palavra e liturgia, p. 24-25.

<sup>144</sup> SAEBO, M. סוד. p. 193-198. O termo *Sod* pode ser traduzido como "segredo", "plano", "intimidade", "conselho celeste" – SI 89,8

entanto, para a linguagem cristã, "mistério" é interpretado como uma "verdade de fé" revelada na história da salvação. Embora seja pouco empregado nos evangelhos, o termo *mysterion* assumiu uma posição fundamental nas epístolas paulinas para indicar a obra redentora do Filho de Deus.

Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a nossa glória. (1Cor 2,1-2.7)

À luz dessa perícopes, observamos que o "mistério" do qual o apóstolo Paulo afirma, não se trata de uma sabedoria indecifrável. É, porém, uma sabedoria que indica o desígnio salvífico escondido em Deus e revelado em Jesus Cristo. Para o apóstolo dos gentios, "o próprio Cristo é o 'mistério-sacramento' de Deus".<sup>145</sup> O termo "mistério" foi traduzido para o latim como *sacramentum* e entrou na literatura cristã no início do século III por meio de Tertuliano:

Inicialmente, na língua clássica, *sacramentum* é o ato de consagração com que o soldado se compromete a total fidelidade a seu imperador e desta consagração traz sobre o seu corpo impresso um 'sinal-selo'. (...) por analogia, chama de *sacramentum militare* o batismo, como inscrição na 'milícia de Cristo', e assim o rito de iniciação, conhecido como 'mistério', começara a ser designado também com o nome de 'sacramento', embora os dois termos não fossem totalmente equivalentes no significado. Com efeito, o 'mistério' era primordialmente o rito que tinha como objetivo 'tornar presente um acontecimento de salvação' já acontecidos em tempos distantes, e só secundariamente implicava uma consagração.<sup>146</sup>

Notamos, pois, que os vocábulos "mistério" e "sacramento" eram designados para exprimir realidades distintas que excedem os sete sacramentos. Sem dúvida, existem outros meios de sacramentalidade, cuja finalidade não é de oposição ao conjunto septenário sacramental e tampouco reduzir a sua importância. Ao contrário, para D. Borobio, esses meios de sacramentalidade integram melhor para a sua compreensão, celebração e realização na vida.

Nos doze primeiros séculos, a palavra 'mistério', 'sacramento', era empregada também para designar realidades distintas dos setes ritos sacramentais, como Cristo, a Igreja, a Escritura, a páscoa, a encarnação, a quaresma etc.<sup>147</sup>

<sup>145</sup> MARSILI, S., Sacramentos. p. 1059.

<sup>146</sup> MARSILI, S., Sacramentos. p. 1059.

<sup>147</sup> BOROBIO, D., Organismo sacramental pleno: realidades sacramentais e dimensões do sacramento, p. 293.

Segundo D. Borobio, essa foi uma das grandes redescobertas realizadas pelo Concílio Vaticano II que expandiu o quadro sacramental. Tal Concílio aplicou o termo "sacramento" em seu sentido mais original a Cristo, à Igreja e, num sentido mais amplo, ao cristão, a todo homem e às realidades criadas.<sup>148</sup> Essa redescoberta no campo sacramental é muito importante para assegurar que a homilia, ao lado da Palavra de Deus, é também um "sacramento".

C. Vagaggini foi um dos teólogos que destacou o conceito da pregação como um *mysterion* e *sacramentum*.<sup>149</sup> Numa perspectiva mais abrangente, "sacramento" é chamado de sinal sensível quanto à sua eficácia e de realidade suprassensível em relação à história da salvação de Deus operada por Cristo. Sem desconhecer o grau de sacramentalidade das Sagradas Escrituras, o mesmo pode ser dito sobre a homilia. Se, "a Palavra de Deus enquanto sacramento revela o que Deus nos quer dizer e, de certo modo, também realiza o que ela revela"<sup>150</sup>, igualmente acontece com a pregação litúrgica. Ela, segundo C. Vagaggini, é um sinal sensível junto à assembleia litúrgica que se reúne para escutar a palavra do ministro da Igreja, isto é, a homilia. Dela, Deus se serve para provocar uma grande ressonância da Palavra prolongando o seu desígnio salvífico no coração dos fiéis, tal como aconteceu em Nazaré com a homilia do Filho de Deus, em que "todos na sinagoga olhavam-no atentos" (Lc 4,20).

Deus se serve daquelas palavras sensíveis do padre, que repercutem nos ouvidos de carne, para transmitir aos seus ouvintes a sua palavra suprassensível, a que fala internamente no coração e na alma de cada um. (...) aquela palavra de Deus, anunciada sensivelmente pelo padre, é assim, nas mãos de Deus mesmo, um instrumento eficaz que, de algum modo, pelo Espírito e pelo poder de Deus que dela se serve, realiza no ouvinte o que anuncia.<sup>151</sup>

Desse modo, não se pode negar que a homilia tem um lugar privilegiado no campo sacramental tendo em vista que o conjunto septenário sacramental é de instituição divina; o mesmo podemos dizer a respeito da pregação. Afinal, ela

<sup>148</sup> "Amplia-se o círculo da sacramentalidade, mas não nega a verdade do sacramento. Ressaltam-se as suas semelhanças, mas também insiste nas suas diferenças. A unidade no sentido fundamental revela-nos a confluência a partir da multiplicidade. A distinção na realização particular evidencia-nos a riqueza e a complementaridade. Doravante, ao se falar de 'sacramento', a forma mais precisa será o acréscimo da determinação correspondente: 'Cristo sacramento', 'o sacramento do batismo', 'o homem sacramento'". (BOROBIO, D., Organismo sacramental pleno: realidades sacramentais e dimensões do sacramento, p. 294).

<sup>149</sup> VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 732.

<sup>150</sup> MALDONADO, L., A ação litúrgica, p. 79.

<sup>151</sup> VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 732.

pode ser verificada pelo imperativo que o Ressuscitado manifesta aos seus discípulos: "Ide por todo o mundo e proclamai o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15). Por meio do anúncio exterior da Palavra de Deus realizada pelo ministro da Igreja à assembleia, consideramos a homilia como "sacramento" em virtude de ela operar em cada fiel o mistério de Cristo como mistério de salvação. Dessa maneira, atribui-se à homilia um verdadeiro caráter mistagógico.

(...) por intermédio daquele anúncio exterior da Palavra de Deus feita pelo ministro da Igreja à assembleia dos fiéis, se realiza no suceder-se dos tempos, em cada indivíduo que aparece sobre a terra, o mistério de Cristo como mistério de salvação que o Pai faz dos homens por Cristo no Espírito. Tudo isso imprime à pregação cristã um profundo caráter mistérico.<sup>152</sup>

Isto posto, notamos que a reflexão realizada pelo Concílio Vaticano II sobre a homilia na celebração litúrgica é resultado da redescoberta da Palavra de Deus nesse mesmo âmbito. Tal reflexão, sem dúvida, colaborou para que a homilia, alicerçada pelos textos sagrados, expressasse o mistério de Cristo e da sua Igreja a partir dos seus elementos constitutivos evidenciando, principalmente, a sua dimensão mistagógica.

---

<sup>152</sup> VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 734.

## 3.2

### Os elementos constitutivos da homilia

A Constituição *Sacrossanctum Concilium*, ao declarar que a homilia faz parte da liturgia<sup>153</sup>, constata-se nela a presença de alguns elementos que a constituem como pregação litúrgica. Destacaremos alguns desses elementos constitutivos apresentando-os como dimensões da homilia. São elas: anamnética, querigmática, profética, mistagógica.

No que concerne à dimensão anamnética da homilia, é importante que a memória seja compreendida como "uma realidade vital da existência humana e cósmica em todas as suas dimensões".<sup>154</sup> Ainda que, nos últimos anos, temos sido testemunhas de um tempo, cuja gama de informações é intensa e avança velozmente, próprio da era digital, a memória tem sido deveras ameaçada em seu contexto atual, provocando, portanto, uma profunda "amnésia" dos efeitos histórico-salvíficos na vida do homem moderno.

Por isso, é indispensável recorrer ao termo grego *anámnesis*. Ele possui, conforme o pensamento bíblico-cristão, um significado mais denso do que o termo equivalente que hoje, habitualmente, chamamos de "recordação". A *anámnesis* litúrgica, segundo C. Rocchetta, não significa apenas uma estreita ligação mental com um acontecimento realizado no passado. Ela é a experiência de reviver o evento salvífico do passado no "hoje" litúrgico, projetando-o para o futuro, graças à eficácia das maravilhas operadas por Deus na história.<sup>155</sup>

A memória é uma dimensão constitutiva da história da salvação. O povo de Israel é constantemente convidado a manter viva a memória, para não se esquecer das graças do Senhor. Trata-se de manter no coração os acontecimentos que atestam a iniciativa de Deus, que às vezes difíceis de entender, mas percebidos como eventos salvíficos.<sup>156</sup>

A dimensão anamnética está relacionada à celebração pascal em que os hebreus recordavam o memorial da libertação da escravidão no Egito. Toda vez que eles celebravam esse memorial, tornava-se presente e, também, atualizada a redenção que Deus operou em favor do seu povo (Ex 12,1-14). Para C. Rocchetta,

---

<sup>153</sup> SC 35,2

<sup>154</sup> SANTANA, L. F. R., Ser guardián de la memoria de Dios, p. 66.

<sup>155</sup> ROCCHETTA, C., Os sacramentos da fé, p.192.

<sup>156</sup> DCa 201

no início da celebração pascal dos hebreus, depois de ter sido proclamado o texto de Dt 6,20-24, o pai era questionado pelo filho: "Por que esta noite é tão diferente das outras?"; o pai, vivendo talvez mais de mil anos após o evento da libertação do Egito, podia, por sua vez, repetir na fé: "nós éramos escravos... e *Iahweh* nos fez sair".<sup>157</sup> Assim sendo, é inerente ao memorial litúrgico essa particularidade de fazer do passado um *hodie* que abrange plenamente cada geração, tanto do presente como do futuro. A. Beckhäuser diz que a proclamação das Escrituras tem em si mesma um caráter memorial-sacramental<sup>158</sup>, em virtude da Palavra de Deus que é atualizada quando ela é proclamada na assembleia.<sup>159</sup>

Dessa dimensão anamnética está associada o seu caráter narrativo. A homilia, portanto, não é mera exposição temática, ao contrário, ela é uma evocação do eventos histórico-salvíficos presentes nas Sagradas Escrituras e plenificada pela encarnação e pela páscoa de Cristo.

A homilia, em si mesma, não desenvolve um tema, não expõe nem defende verdades. Proclamando, ela narra a economia divina da salvação, ou plano de Deus da salvação, manifestado na história da salvação, sobretudo em Jesus Cristo.<sup>160</sup>

A dimensão memorial da homilia, ao narrar os fatos que sucederam na economia bíblica, tem como finalidade expor os mistérios da fé<sup>161</sup> à luz de uma leitura cristológica. Tanto a páscoa de Cristo como a liturgia cristã, ambas restauram e, simultaneamente, levam à plenitude o profundo significado do "memorial" proclamado por Jesus na última ceia aos seus discípulos: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22,19).

Preocupada com a dimensão anamnética, inerente à vida humana e à sua história, a Igreja reitera que a memória "em seu sentido mais profundo, reconduz à primazia da graça; ao reconhecimento dos dons de Deus e à gratidão por eles, vivendo dentro de uma tradição sem cortar raízes".<sup>162</sup> À vista disso, a homilia

<sup>157</sup> ROCCHETTA, C., Os sacramentos da fé, p.193.

<sup>158</sup> BECKHÄUSER, A., Comunicação litúrgica, p. 42.

<sup>159</sup> "Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria" (ALDAZÁBAL, J., A mesa da Palavra I, p. 22).

<sup>160</sup> BECKHÄUSER, A., Comunicação litúrgica, p. 57.

<sup>161</sup> SC 52

<sup>162</sup> DCa 201

contribui para que todos os fiéis possam fazer novamente a experiência da salvação por meio do mistério pascal de Cristo.

Por essa razão, a *Sacrosanctum Concilium* asseverou que a homilia é o anúncio das *mirabilia Dei* na história salvífica, cujo mistério de Cristo está sempre presente e operante em cada fiel da assembleia litúrgica<sup>163</sup>. A partir dessa dimensão memorial dos eventos salvíficos de Deus na *oikonomia*, destacamos a dimensão querigmática da homilia.

O termo querigma, derivado do verbo grego *kerísson*<sup>164</sup>, pode ser traduzido como "divulgar", "proclamar", "anunciar". Dentre essas traduções, destacamos, na dimensão querigmática da homilia aquele anúncio do qual Cristo e os apóstolos são verdadeiros arautos. Cristo, com seus gestos e palavras, anuncia o projeto salvífico do Pai. Os apóstolos, arautos do Filho de Deus, anunciam o seu Evangelho. Não obstante, esse anúncio das realidades que ultrapassam o céu e a terra e que estão "impressas" no coração do homem já fazia parte da vocação dos profetas. Esses personagens carismáticos eram uma espécie de "luzeiros falantes", cujo anúncio da Palavra era elemento essencial da sua missão. A propósito, E. N. Testa, afirma que "somente com esse elemento a profecia obtém o seu efeito e o profeta se torna 'boca de Deus', quer dizer, instrumento vivo e livre que, sob o influxo sobrenatural, comunica aos homens o *dabar*".<sup>165</sup>

O anúncio salvífico realizado pelos profetas não consiste em transmitir uma palavra meramente humana, mas sim a Palavra do próprio Deus. Um exemplo emblemático na literatura profética é a vocação de Jeremias quando o Senhor estendeu a sua mão, tocou-lhe e disse: "Eis que ponho as minhas palavras em tua boca" (Jr 1,9). Essas palavras que todos os profetas anunciam, cada um em seu tempo, é a mensagem da salvação. O anúncio salvífico transmitido por intermédio dos profetas visa despertar a fé dos israelitas e o arrependimento dos seus pecados, a sua conversão e o perdão divino que é a expressão de salvação.

Dessa maneira, a função querigmática da homilia tem como finalidade despertar a fé da assembleia litúrgica. Esta, no que lhe concerne, à luz da Palavra proclamada e interpretada, deve dar uma resposta que exprime sinais de conversão e de comunhão com Deus. Assim sendo, o anúncio da salvação é uma

<sup>163</sup> SC 35,2

<sup>164</sup> BAILLY, A. κήρυγμα, -ατος. p. 1088. Possíveis traduções: "praclamação feita em alta voz"; "proclamação feita por um arauto"

<sup>165</sup> TESTA, E. N., Anúncio, p. 116.

característica própria do Evangelho. Afinal, em sua natureza, tanto a salvação como o Evangelho são realidades compreendidas exclusivamente na pessoa do Cristo. O imperativo dado aos apóstolos, "ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15), mostra que pregar a Boa-nova consiste, acima de tudo, anunciar o Filho de Deus como cumprimento das profecias messiânicas. Nele, o Reino de Deus já se manifestou e, com ele, irrompeu também o tempo escatológico. Assim sendo, o anúncio evangélico é indispensável na pregação homilética.

O primeiro anúncio veio com a evangelização, que precede a liturgia. O ato litúrgico congrega os crentes, mas a fé precisa ser despertada continuamente. A ruptura com o mal, ligada ao batismo, jamais é definitiva, e o convite à conversão deve soar sempre de novo.<sup>166</sup>

Nas Sagradas Escrituras, o episódio que evidencia esse anúncio numa pregação litúrgica acontece na sinagoga de Nazaré. Após ter entregado o rolo do profeta Isaías, Jesus anunciou: "Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura" (Lc 4,21). Esse anúncio provoca a atenção de todos porque ele toma posse da existência humana. Segundo M. Magrassi, "esse 'hoje' é um advérbio decisivo para a liturgia em geral, e para a homilia em particular"<sup>167</sup>.

Para C. Biscontin, essa é uma das tarefas da homilia, quer dizer, provocar a atenção dos fiéis da comunidade assembleal. Neles, devem ser despertadas as maravilhas de Deus operadas em seus eventos salvíficos, em especial, a obra redentora de Jesus expressada no seu mistério pascal.

Uma das tarefas da homilia é exatamente esta: atrair a atenção sobre os eventos cheios da presença de Deus e de Jesus. (...) A homilia deveria então conter, embora seja de forma diversificada, o anúncio de um 'aqui e agora' como oportunidade de graça.<sup>168</sup>

Na perícopé bíblica da sinagoga de Nazaré, diferentemente de muitos mestres da Lei do seu tempo, está claro que Jesus não está preocupado em transmitir uma explicação ético-doutrinal. Como autêntico exegeta das Escrituras, Jesus revela que somente ele é capaz de concretizar o anúncio daquele acontecimento profético. Desse modo, vemos que o anúncio do Filho de Deus

<sup>166</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 126.

<sup>167</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 126.

<sup>168</sup> BISCONTIN, C., *Pregar a Palavra*, p. 32-33.

naquele culto sinagoga descreve vários elementos da sua missão. Dentre eles destacam-se a evangelização dos pobres e proclamação do ano da graça do Senhor (Lc 4,18.19). Contudo, em que consiste a evangelização?

Segundo E. N. Testa, ela "consiste em manifestar o plano da salvação imaginado pelo amor do Pai e realizado por Cristo, seu único mediador (1Tm 2,4)"<sup>169</sup>. Para o Concílio Vaticano II, sobre a homilia, foi muito importante recuperar a centralidade do querigma no mistério pascal. Por isso, a Constituição Litúrgica não hesita em afirmar que "a pregação deve ser como que o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação, ou seja, no mistério de Cristo, o qual está sempre presente e operante em nós".<sup>170</sup> Segundo L. Maldonado, o mesmo Concílio conseguiu restabelecer a grande tradição neotestamentária e, com ela, a importantíssima revitalização da pregação cristã:

Antes de tudo é mister dizer que centralizar a pregação em Cristo morto e ressuscitado tem sido uma das grandes contribuições do Vaticano II. (...) Com base nesta recuperação do querigma, a pregação se transforma em ato jubiloso. Restabelece em toda a sua profundidade a natureza de notícia alegre, de boa-nova, que ela havia perdido. Toda ela transpira alegria, transforma-se em festa e celebração, sendo iluminada pelo gozo da manhã da ressurreição.<sup>171</sup>

Na Igreja nascente, tanto a pregação de Pedro no evento de Pentecostes (At 2,14-41) como a pregação de Paulo na sinagoga em Antioquia da Psídia (At 13,14-44) são homilias cujo querigma tem como cerne o mistério pascal. Eles anunciam aos seus ouvintes a Boa-nova do Cristo crucificado-ressuscitado despertando neles o dom da fé, da conversão e, conseqüentemente, do batismo. Vale ressaltar que a homilia querigmática de ambos os apóstolos não omite o contexto veterotestamentário, mas encontra nele o seu ponto de partida. A pregação do Evangelho precisa estar inserida dentro do contexto das duas Alianças. Na antiga, como promessa; na nova, como o seu pleno cumprimento. Com efeito, o desconhecimento das Escrituras pode colocar o anúncio do Evangelho em risco de "fracasso", sobretudo, se o homileta não tiver clareza de que toda homilia tem o seu fulcro no mistério pascal.<sup>172</sup>

<sup>169</sup> TESTA, E. N., Anúncio, p. 117.

<sup>170</sup> SC 35,2

<sup>171</sup> MALDONADO, L., A homilia, p. 46-47.

<sup>172</sup> Segundo J. Aldazábal, o homileta deveria conhecer a estrutura do *Ordo Lectionum Missae*, a fim de compreender bem a relação existente entre os diversos textos da Palavra de Deus. Tendo o conhecimento de tal estrutura, ele contribuirá para que a assembleia litúrgica também conheça de modo conveniente o mistério de Cristo e a sua obra salvífica. Essa é uma das finalidades da

O temor, a angústia, os sentimentos depressivos e inclusive os sadomasoquistas, que com tanta frequência anuviam as palavras do servidor da Palavra, seriam afugentados se realmente se tomasse a sério o fato de que o centro do ministério querigmático é o anúncio pascal. Podemos repetir o que dissemos no princípio: o mistério pascal deve ser o horizonte e o contexto de toda a pregação, de toda a homilia, seja qual for o seu conteúdo concreto.<sup>173</sup>

A dimensão querigmática da homilia é o ponto de partida para manifestar o caráter profético da pregação. Dessa maneira, é importante ressaltar que, na literatura profética, a vida de alguns homens, dotados de um carisma especial, era marcada pelo *dabar*. Do mesmo modo que a instrução era o carisma específico do sacerdote, a "palavra" era o carisma próprio do profeta.

Segundo J. L. Sicre Díaz, o profeta "é um dos intermediários escolhidos por Deus para transmitir aos homens um conhecimento especial sobre o que se deve fazer no momento presente ou as incertezas do futuro".<sup>174</sup> O profeta bíblico não é uma pessoa alienada à realidade em que vive; ao contrário, ele é um homem que está completamente inserido no contexto histórico do seu tempo. O profeta compreende os fatos que acontecem ao povo eleito à luz da palavra que Deus lhe dirige naquele momento. Essas figuras carismáticas, não dirigem aos israelitas uma palavra de forma arbitrária, seguindo a sua vontade humana. Aquilo que os profetas proclamam é a Palavra de Deus e, por isso, eles são a presença do próprio Deus para o seu povo.

Geralmente, a expressão profética é apresentada por algumas fórmulas muito comuns: "Oráculo de *Yahweh*" e "assim fala *Yahweh*". Tais expressões asseveram que a palavra proclamada é realmente Palavra de Deus, assim como ratificam a qualidade desses homens como verdadeiros profetas. Em alguns momentos da sua missão, a figura do profeta é interpretada de forma equivocada. Ele é visto, muitas vezes, como alguém que proclama oráculos de juízo como se estes fossem apenas anúncios de um "castigo divino".

No entanto, os oráculos de juízo também comportam consigo anúncios de salvação. Por meio dos profetas, os oráculos de juízo visam ajudar os israelitas a fazerem uma releitura da realidade na qual estão inseridos. Conforme afirma C. Biscontin, "tal juízo é fruto de um discernimento conduzido à luz da Palavra de

---

homilia: apresentar o plano salvador de Deus na história, sobretudo, em Cristo (ALDAZÁBAL, J., A mesa da Palavra I, p. 43).

<sup>173</sup> MALDONADO, L., A homilia, p. 47.

<sup>174</sup> DÍAZ, J. L. S., Introdução ao profetismo bíblico, p. 61.

Deus e da sua vontade nela manifestada".<sup>175</sup> Ainda que sejam palavras duras, com tom exortativo, elas têm o poder trazer à realidade os seus ouvintes a fim de que, abandonando os caminhos iníquos, sejam operados neles os frutos de conversão.

É nesse contexto que está inserida a dimensão profética da homilia. Segundo M. D'Annibale,

ela não pode reduzir-se à denúncia, como fazem alguns. O profeta tem como tarefa primordial o anúncio do Reino. A denúncia é tão somente um aspecto desse anúncio e sem dúvida é muito mais do que um moralismo de qualquer tendência.<sup>176</sup>

A dimensão profética da homilia consiste no anúncio da Palavra de Deus como realidade encarnada na história humana. Na celebração litúrgica, ela é um evento epifânico na existência de cada homem. Por esse motivo, a função profética da homilia tem como finalidade provocar uma *didaskalia*, isto é, um ensinamento que suscite na assembleia litúrgica uma resposta de fé à Palavra. Para esse fim, é necessário que todos os membros que compõem a comunidade assembleal não se considerem meros expectadores das Santas Escrituras, pelo contrário, com uma atitude "shemática", todos podem interpretar os "sinais dos tempos" anunciados profeticamente pelo "hoje" da salvação.

M. Magrassi assegura que há um caráter dramático no momento da proclamação litúrgica da Palavra de Deus. Uma vez que o núcleo de toda a Escritura é o Cristo, todos os que ouvem a Palavra são colocados de frente com a sua pessoa e, diante desse confronto, precisam tomar uma decisão, seja de acolhimento seja de rejeição.<sup>177</sup> Por isso, em sua função profética, a homilia tem como escopo despertar a fé da assembleia litúrgica. Tal escopo é determinante para que as pessoas identifiquem nos acontecimentos, iluminados pelas Sagradas Escrituras, os sinais da presença divina na história.

A homilia, se quiser cumprir a sua própria identidade, deve ajudar a comunidade para que esta se sinta interpelada pela Palavra de Deus em sua própria existência e em suas circunstâncias históricas presentes. Coisa que os livros ou subsídios que o pregador utiliza para preparar sua homilia nunca lhe podem proporcionar suficientemente.<sup>178</sup>

<sup>175</sup> BISCONTIN, C., Pregar a Palavra, p. 35.

<sup>176</sup> D'ANNIBALE, M.; Manual de Liturgia II, a celebração do mistério pascal, p. 185.

<sup>177</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 132.

<sup>178</sup> ALDAZÁBAL, J., Ministério da homilia, p. 104.

Dentro dessa dimensão da pregação litúrgica, o homileta assume características inerentes à vocação profética. Como profeta, ele aplica a história bíblica à história da comunidade e ressalta o apelo de Deus que eclode a cada instante na história humana. Além disso, ele deve se sentir como parte da assembleia e não como um membro distante dela.

J. Aldazábal diz que, o homileta "não fala a partir de fora e nem a partir de cima da comunidade, com ironia ou autossuficiência, mas a partir de dentro com humildade".<sup>179</sup> Essa é uma característica própria do profeta: Ele está inserido no seio da comunidade, sabe das suas vicissitudes e, encorajado pela Palavra, está disposto a enfrentar os desafios que lhes são impostos.

À luz dessa característica profética, algumas exigências são importantes da parte do homileta para que a sua pregação seja frutuosa. Ele deve, acima de tudo, ter um respeito e veneração pelas Santas Escrituras, meio indispensável para a comunhão com Deus. Jamais poderá se esquecer que ele, enquanto ministro, não pode se servir da Palavra para sua autopromoção, mas deve exercer com esmero a *diakonia tou logou*.<sup>180</sup> Isso se deve ao fato de que a Palavra que o homileta proclama não é sua: Ela é Palavra de Deus posta em seus lábios.

A exemplo de João Batista, o homileta é como "uma voz que clama no deserto" (Is 40,3; Mt 3,3 Por isso, pondo-se no seu lugar, ele desaparece discretamente apontando para o Cristo a fim de que ele, legítima Palavra do Pai, realmente fale aos seus ouvintes. Afinal, "a maior dissonância é a de um pregador que prega a si mesmo"<sup>181</sup>. À esse respeito, M. Magrassi continua:

Pode-se fazer isto de várias maneiras: propagando as próprias opiniões, entregando-se a polêmicas, procurando o sucesso através dos gestos e palavras que a isto se prestam, e colocando tudo sob o rótulo da Palavra de Deus.<sup>182</sup>

<sup>179</sup> O homileta deve sempre se colocar numa atitude de igualdade em relação aos membros da assembleia que ali se encontram para escutar a Palavra de Deus. Por isso, J. Aldazábal mostra como o homileta deve se portar na celebração: "Não como um doutor ou vidente que sabe tudo, mas como um irmão que caminha com os demais, a quem se incumbiu o ministério pastoral, que também está à escuta dessa mesma Palavra e que quer ajudar para que a comunidade, começando por ele mesmo, a acolha em sua vida. Será bom também que pense que a Palavra não só disse algo a ele, mas a todos. O Espírito move a comunidade, assim como move o presidente da mesma. Para muitos dos presentes, as leituras talvez tenham suscitado pensamentos profundos e atitudes muito concretas. Aquilo que ele expõe em seguida deve estar impregnado de um tom de humildade fraterna, de exortação de algum modo 'provisória', porque o absoluto é a Palavra proclamada, que suscita ecos no coração dos presentes" (ALDAZÁBAL, J., Ministério da homilia, p. 106).

<sup>180</sup> A expressão "diakonia tou logou" pode ser traduzida por "serviço da palavra".

<sup>181</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 137.

<sup>182</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 137.

Acerca dessas características proféticas presentes no homileta, segundo A. Shökel e J. L. Sicre Díaz, é importante destacar que o profeta não é um místico cuja experiência da revelação acontece de dentro para fora, ou seja, Deus que encontra o homem na sua íntima essência. A experiência dos profetas é de fora para dentro, pois a revelação divina acontece por meio dos fatos exteriores.

O profeta não é um místico medieval. (...) A religião dos místicos é introspectiva: Deus encontra o homem na sua essência mais íntima. A religião do profetas é religião extrospectiva de fé: as fontes da revelação são os acontecimentos do mundo exterior. Deus se revela a si mesmo na história, não nos sentimentos da interioridade humana.<sup>183</sup>

Segundo M. Magrassi, a partir desse caráter profético, a pregação do homileta não só provoca os seus ouvintes, mas também os compromete com a sua história. Ilustrada pelo autor da Carta aos Hebreus, a homilia marcada pelo tom profético, torna-se cortante como uma espada de dois gumes penetrando até as medulas.

Esta imagem bíblica é de enorme riqueza. Juízo sobre o mal, apelo a fé e a fidelidade, estímulo à conversão, indicação de um empenho concreto na Igreja e no mundo, abertura à esperança no futuro que Deus prepara. Ora uma, ora outra coisa, a homilia é tudo isso.<sup>184</sup>

Assim, faz-se necessário recordar que a atualização da Palavra de Deus não corresponde à homilia nem aquele que a pronuncia. Sua atualização acontece por intermédio da proclamação dos textos bíblicos realizada pelos leitores. Estes, por seu turno, tornam-se instrumentos da graça a fim de que Deus possa falar a todos da assembleia. A finalidade da homilia, em seu aspecto profético, é a unir-se a essa atualização da Palavra como seu complemento natural e não apenas como um elemento secundário. A homilia deve, portanto, iluminar a vida de toda a comunidade em seus fatos depois de ter sido interpelada pelas Escrituras na celebração litúrgica, conforme afirma C. Giraud:

O papel de atualizar a Palavra de Deus não corresponde à homilia nem aquele que a pronuncia. São os leitores quem atualizam-na mediante a proclamação das leituras que lhes são confiadas, pois oferecem a Deus a possibilidade de que fale atualmente para a assembleia. A homilia se une a esta atualização como seu complemento natural, já que ela ajuda a compreender melhor as implicações

<sup>183</sup> SHÖKEL, A.; DÍAS, J. L. S., Profetas I, p. 33.

<sup>184</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 132.

derivadas daquela forte interpelação, ou melhor, da irrupção que Deus acaba de fazer na vida de cada indivíduo e da comunidade a nível pessoal, social e eclesial.<sup>185</sup>

Isto posto, constatamos que a dimensão profética da homilia corrobora para que toda a assembleia, ao acolher a Palavra proclamada na liturgia e interpretada pelo ministro às circunstâncias do seu tempo, possa fazer uma verdadeira experiência do mistério celebrado, dentro e fora do culto. Em vista disso, torna-se indispensável apresentar a dimensão mistagógica da homilia, seguindo o desejo ardente da Igreja, expresso na *Sacrosanctum Concilium*, de "que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica"<sup>186</sup>. Tal dimensão consiste, como característica primária, integrar a Palavra ao rito sacramental, isto é, a homilia prolonga na vida de cada fiel a proclamação das Escrituras e introduzindo-o ao sacramento.

Conforme vimos acerca da sacramentalidade da homilia, o termo *mysterion* que está inserido no universo bíblico e integrado ao campo da revelação, traz consigo variadas ligações de densidade teológica deveras importante.

A palavra 'mistério' está, na maioria das vezes, ligada com determinadas noções teológicas, tais como: revelação (Rm 16,25; 1Cor 2,10; Ef 3,3.5), conhecimento (Rm 16,26; Ef 1,9; 3,3.5), manifestação (Rm 16,26; Cl 1,26), e pregação e anúncio (1Cor 2,1.7; 4,1; Ef 3,8; Cl 4,3.4). Em 1Tm 3,16, o 'mistério' aparece acompanhado dos participios passados: 'manifestado', 'justificado', 'aparecido', 'proclamado', 'crido' e 'exaltado'. Isso nos ajuda a perceber que o mistério é aquilo que Deus quer revelar aos homens. No caso paulino, Deus está comunicando aos crentes seu mistério, ou seja, a si mesmo e a sua vontade para o mundo através de Jesus.<sup>187</sup>

Nas referências epistolares citadas acima, o termo "mistério" na teologia paulina significa a revelação que Deus faz de si mesmo, por meio da pessoa do seu Filho e da sua obra redentora àqueles que o acolheram pelo batismo. Estes que o acolhem na fé são introduzidos gradativamente no "Mistério divino". Mas, o que é o "Mistério divino"?

O. Casel responde a essa pergunta apresentando três aspectos. Primeiro, o Mistério divino é, antes de tudo, Deus nele mesmo. Ainda que nenhum homem possa se aproximar dele, Deus revela seu mistério descendo até a sua criatura,

<sup>185</sup> GIRAUDDO, C., La liturgia de la Palabra, p. 114.

<sup>186</sup> SC 14

<sup>187</sup> FINELON, V. G., Teologia do Mistério: Aspectos bíblico-patristicos e teológico-litúrgicos, p. 25.

revelando-se a ela. Ao se revelar, o Senhor manifesta a sua graça, sobretudo, aos pobres, visto que ele resiste aos soberbos que estão cheios de si.

O segundo aspecto, à luz da teologia paulina, O. Casel identifica o Mistério divino como a estupenda revelação de Deus em Jesus Cristo. Aquele que sempre permaneceu no eterno silêncio, escondido desde todos os séculos e habitando uma luz inacessível (1Tm 6,16), agora, porém, é manifestado pelo Cristo por intermédio da sua Igreja. Cristo é o Mistério em pessoa, cujas ações humanas, principalmente a sua morte e sacrifício na cruz, sua ressurreição e ascensão são um mistério que excede todo o conhecimento humano.

O último aspecto complementa os dois primeiros. Desde que o Cristo historicamente não está visível entre nós, a sua presença se manifesta nos "mistérios do culto"<sup>188</sup> que são as ações sagradas cumpridas pelos ministros sacerdotes da Igreja. Elas, porém, são operadas pelo Senhor, simultaneamente, em toda assembleia litúrgica.<sup>189</sup> A reflexão desses três aspectos é muito importante para a compreensão mistagógica da homilia. A partir dela, o homileta deve ajudar os seus ouvintes a se conscientizarem de que o Mistério divino está presente tanto na proclamação da Palavra como na liturgia sacramental. Em ambas, Deus se revela gradativamente e conduz toda a comunidade a uma participação mais profunda no mistério pascal de seu Filho.

J. Aldazábal, nos comentários ao Elenco das Leituras da Missa, afirma que a função mistagógica da homilia não é outra senão a de conduzir a assembleia litúrgica à celebração sacramental, com grande destaque a eucaristia. Esta, por sua vez, "realiza de modo eminente o mistério pascal de Cristo anunciado pelas leituras".<sup>190</sup>

Com efeito, o mistério pascal de Cristo, anunciado nas leituras e na homilia, realiza-se por meio do sacrifício da missa. (...) Assim, pois, a homilia, quer explique as palavras da Sagrada Escritura que se acaba de ler, quer explique outro texto litúrgico, deve levar a assembleia dos fiéis a uma ativa participação na eucaristia, a fim de que 'vivam sempre de acordo com a fé que professam'.<sup>191</sup>

Destarte, na integração mistagógica entre Palavra e rito sacramental, a homilia, como uma "pedagoga", conduz a comunidade dos fiéis ao conhecimento

<sup>188</sup> CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 18 e 19.

<sup>189</sup> CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 27.

<sup>190</sup> ALDAZÁBAL, J., Mesa da Palavra I, p. 44.

<sup>191</sup> OLM 24

e a uma participação visceral do mistério de Cristo. Afinal, de acordo com G. Boselli, "a mistagogia é, ao mesmo tempo, conhecimento do mistério contido nas Escrituras e conhecimento do mistério contido na liturgia. O objeto do conhecimento é único: o mistério de Deus".<sup>192</sup>

A estreita unidade entre ambas, Sagradas Escrituras e liturgia, foi o caminho de inspiração que os Padres da Igreja escolheram para preparar os catecúmenos à participação dos sagrados mistérios na vigília pascal. Esse caminho de inspiração era denominado como "catequeses mistagógicas". Além de preparar para receber os sacramentos do batismo e da eucaristia, elas continuavam sendo explanadas aos neófitos com a finalidade de conduzi-los progressivamente na fé batismal. Esse assunto será retomado ao abordarmos sobre a homilia na esteira da Iniciação à Vida Cristã.

A homilia mistagógica<sup>193</sup> atribui elementos da celebração da qual ela faz parte. Segundo M. Magrassi, mais do que uma mera mediação sacramental, ela assume um duplo movimento ascendente e descendente que desemboca num grito de louvor, numa "eucaristia" que se eleva a Deus em nome de toda assembleia, proclamando as suas maravilhas.<sup>194</sup> Esse duplo movimento, ascendente e descendente, presente na homilia, também pode ser chamado de anabático e catabático,<sup>195</sup> respectivamente. À luz da reflexão teológica do Concílio Vaticano II, o documento final da III Conferência Episcopal Latino-Americana em Puebla, na terceira parte onde temos o tema que trata especificamente sobre a sagrada liturgia, encontramos um parágrafo importante para a compreensão do tema da homilia em sua dimensão mistagógica, a saber: "o Pai, por Cristo e no Espírito, santifica a Igreja e, por ela, o mundo; mundo e Igreja por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão glória ao Pai".<sup>196</sup>

<sup>192</sup> BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 18.

<sup>193</sup> Para E. Mazza, o termo mistagogia pode apontar para a celebração dos sacramentos da iniciação cristã, como para a catequese sobre esses mesmos sacramentos ou à uma teologia marcada fortemente pela espiritualidade que se nutre da experiência litúrgica. (MAZZA, E., A mistagogia, p. 20).

<sup>194</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 134.

<sup>195</sup> O termo "anábase", do verbo grego *hanabaino*, dentre muitos significados, pode ser traduzido como "subir", "ascender". Ao passo que, "catábase", do verbo grego *katábaino*, pode ser traduzido como "descer", "abaixar", "vir para baixo". No primeiro termo, podemos aludir à descida de Deus até o homem santificando a sua criatura; no segundo, à subida do homem a Deus glorificando o seu criador. (RUSCONI, C., ἀνάβασις, εως., p. 39; κατάβασις, εως. p. 251).

<sup>196</sup> DP 917

Na primeira sentença, é possível observar o movimento catabático a partir da ação descendente das três pessoas divinas gerando, na Igreja, a sua santificação e, por intermédio dela, a santificação do homem. Na segunda, ambas as realidades santificadas, num movimento anabático, elevam, por meio de Cristo, no Espírito, a glorificação do Pai. Esse duplo movimento, catabático-anabático, é uma característica peculiar da homilia mistagógica e que pode ser ilustrada pelo texto bíblico:

Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não volta a mim sem efeito; sem ter cumprido o que eu quis realizado o objetivo de sua missão (Is 55,10-11).

Assim, a homilia, haurindo toda a sua inspiração dos textos sagrados na celebração litúrgica, tanto bíblicos como eucológicos, na força do Espírito, lança as sementes do Verbo sobre a *ekklesía*. Essas sementes transfiguram os fiéis em ícones de uma vida "eucarística" no sentido mais original (1Ts 5,18), tornando-os numa verdadeira expressão de ação de graças a Deus e aos seus irmãos.

Anuncia as maravilhas de Deus como Boa-nova aos irmãos, mas ao mesmo tempo rende graças a Deus porque a pregação torna-se para todos uma alegre constatação (...). É uma 'bênção' que se eleva, para depois recair sobre a assembleia, trazendo consigo o dom de Deus.<sup>197</sup>

Com efeito, inserida nesse contexto de ação de graças, a dimensão mistagógica da homilia revela o seu caráter pascal, e, paulatinamente, conduz a assembleia para fazer a experiência profunda da Palavra proclamada na celebração litúrgica. O caráter pascal da homilia favorece para que ela seja refletida em sua natureza doxológica<sup>198</sup>, expressada pela ação de graças e o louvor ao Pai, por meio de Cristo, no Espírito. Na celebração da Eucaristia, ela se torna mais evidente, sobretudo, na conclusão da doxologia em cada oração eucarística, segundo o rito latino, exprimindo a unidade das Pessoas divinas e a comum

<sup>197</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 134-135.

<sup>198</sup> A palavra "doxologia" é um substantivo derivado do termo grego *doxa* que significa "glória", "louvor" e *logos*, traduzido como "palavra". Traduzido, pois, como "glorificação" (BAILLY, A. *δοξολογία*. p. 532). Para A. M. Triacca, "o vocábulo é muito usado no jargão litúrgico em que 'doxologia' designa uma fórmula que serve para exprimir a glória tributada às Três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo. Porém, outras fórmulas não mencionam às vezes todas as três Pessoas divinas". TRIACCA, A. M., *Doxologia*, p. 480.

glorificação entre elas: "Por cristo, com Cristo e em Cristo, a vós, Deus Pai, todopoderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda a glória, agora e para sempre".<sup>199</sup>

É indispensável ressaltar que as doxologias litúrgicas têm as suas origens nos textos neotestamentários. Neles, encontram-se diversas modalidades de glória e de louvor tributadas às Pessoas divinas, seja somente ao Pai (Rm 1,17; 6,16; 11,36; Gl 1,5; Fl 4,20; 1Pd 5,11; Ap 4,9-11; 7,12), inspirada nos textos do Antigo Testamento; seja somente a Cristo (2Tm 4,18; Hb 13,21; 2Pd 3,18; Ap 1,6). As doxologias litúrgicas, dentro do campo bíblico, geralmente são de cunho cristológico-trinitário e, em sua maior parte, elas são binárias ou ternárias, conforme afirma A. M. Triacca.<sup>200</sup>

Em virtude das críticas austeras que deram origem às heresias, sobretudo arianas e nestorianas, surgiram muitos esclarecimentos realizados por meio dos concílios ecumênicos, nos quais as doxologias tornaram-se uma categoria de fé ortodoxa. Com o objetivo de asseverar a igualdade de Pessoas, a doxologia, mais habitual nos dias de hoje, ficou sintetizada na fórmula: "Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém".

Segundo A. M. Triacca, as doxologias nunca estiveram ausentes nas homilias dos Padres da Igreja em que, habitualmente, concluíam as suas pregações. Essas doxologias que encerravam a homilia, eram consideradas como "microdoxologias" que preparavam as assembleia cúlta para a "macrodoxologia" presente na oração eucarística.

Poder-se-ia dizer que da microdoxologia homilética, que antigamente era proferida durante a celebração da divina liturgia (Eucaristia), passava-se à macrodoxologia ou doxologia por excelência, como sempre foi a doxologia posta no final da oração eucarística.<sup>201</sup>

Por esse motivo, o referido autor, ao recordar o uso da doxologia homilética nos escritos da Idade Média, faz a sua reflexão crítica quanto à sua vigência em nossos dias com fórmulas trinitário-eucológicas. Como fórmula trinitária, o homileta pronuncia o sinal da cruz: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Ao passo que, a comunidade dos fiéis respondia com um "Amém", como

<sup>199</sup> Texto eucológico conclusivo de cada Oração Eucarística, segundo a tradução portuguesa do Missal Romano.

<sup>200</sup> TRIACCA, A. M., *Doxologia*, p. 480.

<sup>201</sup> TRIACCA, A. M., *Doxologia*, p. 481.

uma espécie de ratificação do que foi proferido na pregação. Além dessa, há a fórmula eucológica: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo". Esta, por sua vez, procede da pregação devocional, cuja prática parece se antepor à celebração eucarística. A. M. Triacca continua:

No âmbito da celebração eucarística, esse uso não tem mais razão de ser, hoje, seja porque os fiéis acabaram de proclamar 'Glória a vós, Senhor', seja para não dar a impressão de que a homilia não se mostre como 'parte da liturgia da Palavra', como lembra o OLM 24, seja, enfim, para facilitar a atitude da assembleia a continuar sentada para prolongar, na breve meditação pessoal, tudo o que foi ouvido.<sup>202</sup>

Uma vez que toda a celebração litúrgica, em sua natureza, é doxológica, a homilia, como parte da liturgia, é também compreendida numa atividade de louvor e de glorificação. Portanto, a homilia mistagógica deve conduzir os fiéis à santificação nos mistérios de Cristo e, por meio desta, transfigurá-los numa perene doxologia como uma resposta à ação das Pessoas divinas. Assim, toda comunidade assembleal reconhece a sua vocação de se tornar "glória de Deus" e a sua identidade glorificada é uma obra realizada pela efusão do Santo *Pneûma*, protagonista da homilia.

---

<sup>202</sup> TRIACCA, A. M., *Doxologia*, p. 482.

### 3.3 A pneumatologia da homilia

Ao considerar que o Concílio Vaticano II em nosso tempo é um "novo pentecostes" e toda a sua reflexão teológica é resultado da ação do Espírito Santo, cabe-nos apresentar, dentro do âmbito litúrgico, a homilia em seu caráter pneumatológico. Não é desconhecido de grande parte dos estudiosos uma carência da pneumatologia nos documentos conciliares. Neles, "o Espírito é citado 258 vezes, mas esta afirmação numérica é pouco significativa".<sup>203</sup>

Com efeito, podemos identificá-lo na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* como o agente congregador do Concílio que opera a obra santificadora e vivificante na vida da Igreja.<sup>204</sup> O Santo *Pneûma*, no Decreto *Ad Gentes*, é apresentado como aquele cuja missão é capaz de realizar a obra redentora de Cristo no interior das almas, assim como de impelir a Igreja à sua própria dilatação.<sup>205</sup> Na Declaração *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa, a pessoa do Espírito é citada como o *locus* da difusão da mensagem de Cristo, por parte dos cristãos, àqueles que estão fora da Igreja.<sup>206</sup> Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, o Espírito Santo é citado como aquele que ajuda no discernimento de ouvir, de ler e de interpretar os sinais dos tempos à luz da Palavra de Deus.<sup>207</sup> Igualmente, o mesmo Espírito é apresentado como aquele que, na salvação aberta para toda a humanidade, possibilita a todos de se associarem ao mistério pascal.<sup>208</sup> Na Constituição Dogmática *Dei verbum*, o Espírito Santo é mencionado ao tratar das Sagradas Escrituras que foram consignadas por sua inspiração.<sup>209</sup>

Por fim, mas sem esgotar a presença do *Pneûma* nos documentos conciliares, na Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, ao Espírito Santo é feita uma referência sobre a sua importante passagem na vida da Igreja para o crescimento e renovação da liturgia.<sup>210</sup> Em suma, é possível dizer que em todo o

---

<sup>203</sup> CODINA, V., O Espírito do Senhor, p. 152.

<sup>204</sup> LG 1; 4

<sup>205</sup> AG 4

<sup>206</sup> DH 14

<sup>207</sup> GS 44

<sup>208</sup> GS 22

<sup>209</sup> DV 11

<sup>210</sup> SC 43

desenvolvimento conciliar, o Espírito Santo se manifesta de forma congênita tal como ele atua na economia salvífica. No tocante à reforma litúrgica realizada pelo Concílio Vaticano II, é de capital importância ressaltar que o primado da Palavra de Deus é uma estupenda obra do Espírito. Na liturgia, cume e fonte de toda a ação da Igreja<sup>211</sup>, redescobre-se o valor das Santas Escrituras cujos tesouros são partilhados com a comunidade eclesial.

Segundo A. L. Maqueda, na celebração litúrgica, o Verbo Divino aparece graças ao Espírito Santo que assume de trazer, no *hic et nunc*, o mistério salvífico. Essa justificativa fundamenta-se no fato de que o Paráclito, enviado pelo Filho, da parte do Pai, "é o verdadeiro artífice e protagonista da celebração litúrgica. Esse trazer, aqui e agora, não é uma simples recordação, mas é anamnese-memorial histórico-salvífico".<sup>212</sup>

A esse respeito, na Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini*, Bento XVI afirma que "constantemente anunciada na liturgia, a Palavra de Deus permanece viva e eficaz pela força do Espírito Santo"<sup>213</sup>. Assim, é possível observar que há uma estreita relação entre Palavra de Deus e o Espírito. Na Exortação Apostólica acima citada, o mesmo pontífice diz que é impossível uma legítima compreensão da revelação cristã fora da ação do Paráclito.<sup>214</sup> Afinal, é na Sagrada Escritura que se constata a ação do Santo *Pneûma* na história da salvação.

Por essa razão, a estreita relação que há entre Palavra e Espírito no culto litúrgico, também incide diretamente na homilia. Ela, a partir de seus elementos constitutivos, só pode ser anamnética, querigmática, profética e mistagógica em virtude da ação do Espírito Santo. No *Ordo Lectionum Missae*, está bem elucidada a relação existente entre a Palavra de Deus e a atividade do Espírito Santo.

Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração e ajuda a Palavra de Deus se converte no fundamento da ação litúrgica e em norma de toda a vida.<sup>215</sup>

Desse modo, tendo em conta que a liturgia é uma realidade essencialmente pneumática<sup>216</sup> e, nela, a eficácia da proclamação da Palavra é atribuída ao Santo

<sup>211</sup> SC 10

<sup>212</sup> MAQUEDA, A. L.; Espírito Santo e liturgia, p. 33.

<sup>213</sup> VD 52

<sup>214</sup> VD 15

<sup>215</sup> OLM 9

<sup>216</sup> SANTANA, L. F. R.; O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã, p. 1.

*Pneûma*, a homilia, parte integrante da liturgia, é também uma ação protagonizada pelo próprio Espírito. Tal como ele tornou possível o nascimento do Filho de Deus e permitiu o nascimento da Igreja em Pentecostes<sup>217</sup>, por meio da homilia, o Espírito Santo historiciza a "encarnação do Verbo" na assembleia eclesial e torna cada fiel contemporâneo daquela comunidade da primeira hora.

J. Aldázabal, em seus comentários sobre *Ordo Lectionum Missae*, a respeito da ação do Espírito na sagrada liturgia, afirma com propriedade "que há uma atitude 'epiclética' não apenas na Oração Eucarística, mas também na celebração da Palavra".<sup>218</sup> Dessa afirmação, nota-se que a ação do Paráclito não se restringe apenas sobre a oferta do pão e do vinho, convertidos nas espécies eucarísticas. Ele age também na proclamação da Palavra e na homilia. Ao admitir que não há liturgia sem o Espírito Santo, pois toda celebração litúrgica é uma epifania do Espírito, a homilia é também o *locus* da presença e da ação do Santo *Pneûma*. Por meio dela, o seu efeito epiclético "presentifica" o Cristo na comunidade assembleal. A. M. Triacca elenca alguns motivos a fim de asseverar a homilia como âmbito pneumático.<sup>219</sup> Em nossa pesquisa, eles estão sintetizados de dois modos: em relação à sua finalidade e ao seu conteúdo.

Sobre a finalidade da homilia sob a ótica pneumatológica, ela consiste em fomentar na vida de cada fiel o culto "em Espírito e Verdade" (Jo 4,24), por meio da qual a pregação litúrgica "é posta sob a égide protetora e reforçadora da ação do Espírito Santo".<sup>220</sup> Desse modo, a homilia, que participa da ação do Paráclito que inspirou nos hagiógrafos a Palavra de Deus, cristalizada no texto escrito, realiza progressivamente a descristalização da mesma Palavra e vivifica a assembleia cúllica.

<sup>217</sup> SALVATI, G. M.; Maria e il Dio trinitario, p. 187: "Lo Spirito che ha reso possibile la nascita di Gesù, consente anche la nascita della Chiesa nel giorno di Pentecoste".

<sup>218</sup> ALDAZÁBAL, J., Mesa da Palavra I, p. 24. O mesmo autor, em outra obra, aborda sobre Cristo e o Espírito como protagonistas da Palavra. Ele afirma: "Cristo está presente e atua na proclamação da Palavra porque ele é a Palavra definitiva de Deus e a partir de sua vida gloriosa ele se dá a nós na celebração. Mas se expressa também outra convicção: o Espírito Santo, 'doador da vida', o mesmo que atuou como protagonista na encarnação, na ressurreição de Cristo e em Pentecostes sobre a comunidade, é quem agora, na celebração, não só atua sobre os dons eucarísticos ou sobre a comunidade que deles participa, mas já na proclamação da Palavra. É ele que torna realidade a Palavra e abre o coração dos fiéis para acolhê-la, com um tom 'epiclético' que ultrapassa o limite da oração eucarística e dá vida a toda celebração" (ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 409-410).

<sup>219</sup> TRIACCA, A. M., Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa, p. 54.

<sup>220</sup> TRIACCA, A. M., Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa, p. 54.

Destarte, acerca dessa descristalização da Palavra por meio da pregação homilética, A. L. Maqueda diz que "a Palavra de Deus é repartida na homilia para vivificar a comunidade orante. O Espírito Santo é o artífice que torna possível que o fiel compreenda e assimile a Palavra em sua vida".<sup>221</sup>

Visto que a proclamação da Palavra na celebração litúrgica é uma ação do *Pneûma*, e por seu intermédio, cada fiel na assembleia cúltica é plasmado na imagem do próprio Cristo, a homilia prolonga essa ação do Espírito e "faz do fiel uma 'liturgia viva' no templo de Deus".<sup>222</sup> Por esse motivo, o Espírito Santo é reconhecido como "Iconógrafo" da imagem do *Kýrios* ressuscitado em cada batizado. Na liturgia, ele é o "Divino Artista" que desenha ininterruptamente o Cristo na sua *ekklesía*.

(...) com efeito, a verdadeira essência da celebração litúrgica é o ser epifania do Espírito. Ora, o Espírito por meio da Escritura foi o iconógrafo, ou seja, foi o operador e agente no hagiógrafo, da revelação do ícone do Pai: Cristo.<sup>223</sup>

Quanto ao seu conteúdo, A. M. Triacca afirma que a homilia deve gerar na consciência de cada fiel da assembleia o seu *sacrificium laudis* e a sua *oblatio spiritualis* (Rm 12,1; Ef 5,1-3) operados pelo Espírito Santo. Com o desejo de incitar em cada fiel a sua transformação num perene hino de louvor a Deus em seus corações, a homilia se revela como *locus* epiclético-pneumático dessa consciência batismal.

Por meio da homilia, que mantém o nome da Santa e Indivisa Trindade, se aplicam os dois princípios bíblico-litúrgicos e estes são: não se pode dizer Senhor Jesus, senão no Espírito (1Cor 12,3) e o Espírito que diz em nós *Abbá* – Pai (Rm 8,15.26-27; Gl 4,6).<sup>224</sup>

Ademais, o conteúdo homilético deve ser, segundo A. M. Triacca, um discurso cuja sabedoria e conhecimento da realidade divina se manifestam como obras operadas gratuitamente pelo Espírito (1Cor 12,8-10). Por isso, na homilia, esse discurso sábio não deixa de levar em consideração as disposições pneumáticas tanto da parte do homileta como dos fiéis que compõem a assembleia litúrgica. Na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, à guisa de ilustração, o

<sup>221</sup> MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e liturgia, p. 77.

<sup>222</sup> SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã, p. 77.

<sup>223</sup> TRIACCA, A. M., Bíblia e liturgia, p. 144.

<sup>224</sup> TRIACCA, A. M., Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa, p. 54.

Papa Francisco reiterou afirmando que a homilia é o ponto referencial capaz de avaliar a relação familiar que existe entre o homileta e a comunidade eclesial. Nesse caso, se a homilia manifesta uma relação de aproximação entre ambos, nela se evidencia uma obra do Paráclito.

A homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo. De fato, sabemos que os fiéis lhe dão muita importância; e, muitas vezes, tanto eles como os próprios ministros ordenados sofrem: uns a ouvir e os outros a pregar. É triste que assim seja. A homilia pode ser, realmente, uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento.<sup>225</sup>

Em relação ao homileta, as capacidades humanas desenvolvidas e expressadas na homilia mostram a interação que existe entre o pregador e o Divino *Pneûma*. Um dos efeitos dessa interação, sem dúvida, é o dom da fé, conforme recorda o apóstolo dos gentios: "a fé vem da pregação e a pregação é pela Palavra de Deus" (Rm 10,17). Por meio da pregação, o homileta, à luz da revelação bíblica, como um pedagogo, conduz progressivamente os fiéis da assembleia cúllica a se tornarem num ícone da comunidade crente como aquela de Pentecostes.

O pregador é o pedagogo da fé, uma vez que se ocupa do crescimento espiritual de cada um. Por isso também, pode ser chamado de ungido, porque está sob o influxo do Espírito Santo, em cujo círculo sinérgico entram também os fiéis.<sup>226</sup>

A beleza e a eficácia da homilia não podem ser interpretadas apenas como um privilégio das faculdades cognitivas do pregador. Elas são decorrentes, segundo A. M. Triacca, da "sombra luminosa" do Espírito Santo.<sup>227</sup> Igualmente, M. Magrassi abordou o tema da eficácia da homilia e mostrou que a sua origem encontra-se na presença de Cristo em sua Palavra e, conseqüentemente, proclamada pelo ministro. Este, no entanto, acolhendo como critério da pregação a fidelidade à Palavra, anuncia, inspirado pelo Paráclito, o Cristo crucificado-ressuscitado. Ao agir dessa forma, o ministro deve evitar, na homilia, uma pregação autoidealizada.

---

<sup>225</sup> EG 135

<sup>226</sup> MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e liturgia, p. 78.

<sup>227</sup> TRIACCA, A. M., Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa, p. 55.

A fidelidade do ministro é o critério que indica a diferença entre a Palavra proclamada, em seu teor autêntico, e seu comentário. Se o ministro prega a si mesmo, certamente não poderá dizer que o Cristo está presente em suas palavras. Mas se proclama o Evangelho em linguagem atual, então é o Cristo que fala por ele. O mesmo Espírito que animou o hagiógrafo para que se escrevesse, é agora o inspirador que anuncia a mensagem em termos novos.<sup>228</sup>

Segundo A. L. Maqueda, o homileta, em profunda comunhão com o Espírito, precisa dispor de algumas qualidades das quais ele destaca: argumentos bem fundamentados; inteligência de persuasão, isto é, estar convicto daquilo que transmite; saber exortar a viver à luz da Palavra; bom senso da realidade em que vive; sensibilidade em identificar determinadas situações; manter contato com a tradição; dom de ensinar; intervenções proféticas. Resumindo, o homileta deve ser um "discípulo atento e solícito do Espírito Santo".<sup>229</sup> A. L. Maqueda continua:

De forma especial, um pregador deve ser otimista; sem isso, não poderia exercer a sua missão. No exercício de seu ministério, deve ser discreto e prudente, conjugando a confiança (no Espírito Santo) e a confiança (nos fiéis). O pregador deve a sua existência ao Espírito, que o inspira para que seja transmissor da verdade, ou seja, de Cristo Senhor.<sup>230</sup>

Entretanto, "a homilia não pode ser identificada somente como fruto das simples habilidades e capacidades do homileta".<sup>231</sup> Ela deve ser observada, antes de tudo, como uma "pneumatofania", isto é, uma manifestação do Espírito, cuja interpretação fiel das Escrituras, proclamadas no hoje salvífico da *ekklesia*, deifica todos os batizados em sua luz "tabórica". No esteio epiclético-pneumático da pregação, o homileta, como todo discípulo de Cristo, deve ser um homem repleto do Espírito com o objetivo de "discernir o que agradável ao Senhor" (Ef 5,10).

No que concerne aos fiéis que participam da homilia, estes também necessitam do auxílio do Santo *Pneûma*. Afinal de contas, é ele quem "exerce a missão maternal do Pai junto dos homens a fim de que eles conheçam o Filho, n'Ele sejam incorporados e comuniquem a sua vida."<sup>232</sup> A homilia, portanto, destina-se aos membros da assembleia litúrgica com o objetivo de viver a vida nova no Espírito, segundo testifica o apóstolo Paulo: "com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos

<sup>228</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 122.

<sup>229</sup> MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e liturgia, p. 78.

<sup>230</sup> MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e liturgia, p. 79.

<sup>231</sup> TRIACCA, A. M., Espírito Santo, p. 542.

<sup>232</sup> CORBON, J., A fonte da liturgia, p. 75.

adotivos, pelo qual clamamos 'Abba! Pai'" (Rm 8,15). Ao receberem a vida nova do Espírito, os fiéis devem orar, pregar e caminhar sob a condução do próprio Paráclito.

Assim, "bebendo" do manancial das Escrituras, interpretadas na homilia, os membros da comunidade assembleal são favorecidos pelo *Pneûma* com alguns dons que ele dispensa. A. L. Maqueda<sup>233</sup> e A. M. Triacca<sup>234</sup> apresentam quatro dons. Contudo, destacaremos em nossa pesquisa a importância de um quinto dom, dispensado pelo Espírito ao homileta e aos membros da assembleia. Afinal, ele é necessário e eficaz para que a homilia seja, de fato, um diálogo familiar e gerador de vida no Espírito.

O primeiro dom é a docilidade. Como dom do Espírito, ela é um caminho importante a ser percorrido, pois educa o fiel na arte da escuta da Palavra e recria, nele, a capacidade de acolhimento da fé que vem da pregação. A docilidade corrobora para que toda a comunidade assembleal possa escutar a Palavra e a homilia com inteligência, orientando os fiéis num contínuo caminho metanoico. A docibilidade ou maleabilidade é o segundo dom que estimula o fiel numa atitude de estar a cada dia sempre mais dócil ao Espírito. Esse dom se transforma na experiência da habitação do Paráclito no fiel que se abre a Palavra de Deus explicada pelo homileta. Quanto mais acolhe a Palavra e a ela se torna dócil, tanto mais a deseja e a obtém de forma renovada pelo Divino Artista.

Em seguida, o Espírito de Deus favorece os fiéis com o dom da disponibilidade que, com os corações abertos, ajuda a assimilar aquilo que é refletido na pregação, acolhendo os ensinamentos recebidos. A disponibilidade é equiparada a um dom do Espírito Santo e é uma conquista daqueles que participam da homilia.

O quarto dom é a dilatabilidade. Por intermédio dela, o fiel cultiva a ação de alargar seu próprio ânimo. Dessa forma, ele se liberta dos entraves que se interpõem entre a escuta e o acolhimento da Palavra de Deus, assim como a realização daquilo que lhe é interpelado na homilia. Esse dom outorga a confiança e a fidelidade ao Espírito e, a partir dele, os frutos da homilia se tornam uma realidade conquistada. Sobre o dom da dilatabilidade que o Divino *Pneûma*

<sup>233</sup> MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e liturgia, p. 79-80.

<sup>234</sup> TRIACCA, A. M., Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa, p. 57.

concede aos fiéis por meio da homilia, está associado o dom da longanimidade. A esse respeito, A. M. Triacca afirma:

Em conexão com a dilatabilidade está a magnanimidade ou longanimidade pela qual o fiel se torna capaz de suportar os limites dos outros, desarma-se diante dos seus próprios 'nãos' e assume os parâmetros da pedagogia divina. Transforma-se em fé e fidelidade em direção ao Espírito que é Espírito de bondade infinita, que sabe extrair o bem de tudo, para aqueles que amam a Deus (Rm 8,28).<sup>235</sup>

Por fim, o Espírito Santo dispensa para todos os participantes da homilia, ministros e fiéis, o dom do silêncio. Presente nas celebrações litúrgicas, intercalado entre um rito e outro, o silêncio não pode ser interpretado apenas sob a ótica de uma sequência ritual, mas deve ser observado e acolhido como presença do Espírito de Deus. A Constituição Litúrgica *Sacrossanctum Concilium*, ao tratar da participação ativa dos fiéis na sagrada liturgia, foi contundente sobre a observância do silêncio.

Para fomentar a participação ativa, promovam-se as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antifonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes corporais. Não deve deixar de observar-se, a seu tempo, um silêncio sagrado.<sup>236</sup>

No *Ordo Lectionum Missae*, o tema do silêncio está em estreita relação com a ação do *Pneûma*. A presença do Espírito e do silêncio se identifica como se fossem duas faces de uma mesma moeda. Um não existe sem o outro e ambos favorecem o recolhimento, a meditação das Escrituras e o diálogo entre Deus e o seu povo. A exemplo de Maria, que "conservava cuidadosamente todos os acontecimentos e os meditava em seu coração" (Lc 2,19), os fiéis, por meio do Santo *Pneûma* e do silêncio, também são preparados para que, escutando a Palavra e acolhendo-a em seu interior, possam responder com fé as interpelações divinas.

A liturgia da palavra deve ser celebrada de tal maneira que favoreça a meditação; por isso deve-se evitar a pressa, que impede o recolhimento. O diálogo entre Deus e os homens, que se realiza com a ajuda do Espírito Santo, requer breves momentos

<sup>235</sup> TRIACCA, A. M., *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa*, p. 57: "Connesso con la dilatabilità è la magnanimità o longanimità per cui mentre il fedele si rende capace di sopportare i limite altrui, dinanzi ai propri no si disarma ma assume i parametri della pedagogia divina. Si tramuta quindi in fiducia e fedeltà versp lo Spirito che è Spirito di bontà infinita, che sa trarre il bene da tutto, per coloro che amano Dio (Rom 8,28)".

<sup>236</sup> SC 30

de silêncio, adequados à assembleia presente, para que neles a Palavra de Deus seja acolhida interiormente e se prepare uma resposta, por meio da oração.<sup>237</sup>

J. Aldazábal, em seus comentários sobre o Elenco das Leituras da Missa, identifica a importância do silêncio a partir da sua função pedagógica. Isso se deve ao fato de que somente com o exercício do silêncio interior e exterior é possível escutar adequadamente a Palavra. Aliás, para o autor acima citado, toda a liturgia da Palavra deveria estar voltada para um clima de profunda meditação contemplativa, a fim de que a mensagem salvífica seja escutada com docilidade e disponibilidade.<sup>238</sup>

O silêncio litúrgico é forte expressão da presença do Espírito, "é o auge da prece e da entrega a Deus, tem um valor positivo com ordem a obter maior participação para o culto do Senhor e a santificação do fiéis".<sup>239</sup> Muito mais do que uma parte integrante da liturgia, o silêncio é condição *sine qua non* para poder celebrar a Palavra e ouvir aquilo que "o Espírito diz às Igrejas" (Ap 2,7.11.17.28; 3,6.13.22). L. Artuso diz que na celebração litúrgica "o silêncio é proposto como 'tempo ritual' que torna possível ao sujeito celebrante abrir-se à experiência de comunhão do Espírito Santo".<sup>240</sup>

Esse dom do Espírito é fundamental para ouvir a sonoridade da Palavra. O silêncio é, paradoxalmente, o anúncio de que Deus está presente na sua assembleia orante, lançando sobre todos os que dela participam o *lógos spermatikós*. Conforme narra o vidente de Patmos, na liturgia celeste do livro do Apocalipse, está descrita a presença do silêncio que se reveste de caráter descomunal: "Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve no céu um silêncio durante cerca de meia hora" (Ap 8,1).

O silêncio da celebração litúrgica, em seus momentos previstos, está muito longe de ser inatividade ritual. Ele tampouco deseja expressar o individualismo que gera isolamento e, conseqüentemente, respostas estéreis. Como dom pneumático, "o silêncio é parte integrante da comunicação e, sem ele, não há

<sup>237</sup> OLM 28: O texto continua afirmando que "podem-se guardar estes momentos de silêncio, por exemplo, antes de comentar a liturgia da palavra, depois da primeira e da segunda leitura, e ao terminar a homilia".

<sup>238</sup> Aldazábal apresenta a importância do silêncio destacando os seus momentos na liturgia: "Nomeiam-se os breves momentos de silêncio que deveria haver antes da primeira leitura, depois de cada uma delas, e no final da homilia" (ALDAZÁBAL, J., A mesa da Palavra I, p. 46).

<sup>239</sup> LIRA, B. C., Leitores, salmistas e ministros da Palavra, p. 53.

<sup>240</sup> ARTUSO, L., Liturgiae spiritualità, p. 16.

palavras densas de conteúdo".<sup>241</sup> A densidade do conteúdo homilético é resultado da presença e ação do Espírito que, silenciosamente, conduz os ministros e os fiéis para o acolhimento da Palavra de Deus a fim de que ela manifeste os seus frutos de redenção. Afinal, "na dinâmica da revelação cristã, o silêncio aparece como uma expressão importante da Palavra de Deus".<sup>242</sup> Por isso, após a homilia, ele chancela a voz do Espírito que realiza uma ressonância do Verbo no coração de cada fiel que se deixou "golpear" pela Palavra proclamada. Ela, por sua vez, na força do Santo *Pneûma*, plasma em cada participante da assembleia litúrgica a obra redentora iniciada na criação.

Lamentavelmente, o silêncio depois da homilia, prescrito em muitos livros litúrgicos, é desprezado por muitos ministros ordenados, que evidenciam, portanto, uma atitude de negligência. Esse silêncio *post homiliam* conjuntamente com aquele que está previsto depois da comunhão sacramental mostram-se os mais importantes. Em ambos os momentos, esse silêncio é "pneumatóforo", isto é, ele é portador da presença e ação do Espírito Santo, cuja voz reverbera tudo o que foi ouvido nas Escrituras e transfigura os fiéis numa eucaristia.

Conforme exorta o apóstolo dos gentios que diz: "Não extingais o Espírito" (1Ts 5,19), é urgente que esse dom pneumático seja redescoberto nas celebrações litúrgicas, particularmente, depois da homilia, pois, "a Palavra, que é sempre inspirada, ou seja, gerada pelo Espírito, também inspira a resposta que o homem dá a Deus no culto".<sup>243</sup>

A. M. Triacca, enfatiza a necessidade dos espaços de silêncio *post homiliam* elucidando os dinamismos que deles provêm.<sup>244</sup> Ele afirma que o silêncio não é suspensão da celebração nem mero mutismo ritual, ao contrário, tem como objetivo inserir o fiel no mistério celebrativo. Se o conteúdo homilético mostra-se capaz de apresentar seus elementos constitutivos, o silêncio ajuda a assembleia a superar as distrações e de se observar apenas como acolhedora passiva da Palavra. O dom do silêncio é, na verdade, a celebração dialogal entre o Deus Tripessoal e a pessoa do fiel.

Por essa razão, afirma A. M. Triacca, o silêncio, depois da homilia, não pode "adulterar" o ritmo da celebração caso ele seja demasiadamente prolongado

<sup>241</sup> BENTO XVI, PP., Silêncio e Palavra, p. 5.

<sup>242</sup> VD 21

<sup>243</sup> SANTANA, L. F. R., Liturgia no Espírito, p. 60.

<sup>244</sup> TRIACCA, A. M., Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa, p. 66-67.

ou executado como mera formalidade prescrita. Esse espaço de silêncio tem como objetivo promover a participação ativa do evento celebrativo. Tal participação ativa deve ser compreendida como participação interior. Afinal, esse dom do Espírito, após a pregação, é para a interiorização da Palavra e aplicação daquilo que foi explicado pelo homileta. A participação silenciosa de cada fiel transforma em meditação e oração tudo o que foi escutado nas Escrituras e interpretado na pregação. É desse modo que a voz do Espírito ecoa interiormente em cada coração e, dilatado pela Palavra que foi acolhida, incita-o a bradar: "Abbá, Pai" (Gl 4,6).

Assim sendo, o silêncio dá aos fiéis a oportunidade de um recolhimento íntimo e profundo visando sua progressiva conversão<sup>245</sup>. Nesse caso, é importante ressaltar que o *silentium post homiliam* é único e unívoco em cada participante da assembleia cúllica, isto é, a "personalização" do silêncio ajuda a recordar que a homilia distingue-se de acordo com o comportamento espiritual, psíquico e interno de cada fiel. A. M. Triacca, conclui, dizendo que o dom do silêncio é, portanto, o *locus* em que todos da assembleia eclesial são chamados a tomar consciência de que o Deus do amor postula a profissão de fé no amor de Deus. Esse silêncio, depois de uma autêntica reflexão homilética, suscita o diálogo da Comunidade Trinitária com a comunidade assembleal e vice e versa.

Na Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini*, Bento XVI, ao citar a relação que existe entre o Espírito Santo e a Palavra de Deus, relembra que antes da reforma litúrgica havia antigas orações, em forma de epiclese, que invocavam o Divino *Pneûma* em dois momentos na liturgia da Palavra: antes da proclamação das leituras bíblicas e no fim da homilia. No primeiro, invocava-se o Espírito para compreender as Escrituras e interpretá-la de modo digno; no segundo, ele também era invocado sobre o povo a fim de que pudesse falar à mente e ao coração de todos da assembleia cúllica.<sup>246</sup>

<sup>245</sup> "O silêncio na liturgia não é uma interrupção da celebração, uma pausa, mas antes um ponto culminante da participação plena na liturgia, o espaço da mais intensa comunhão de vida com Deus. (...) Tal silêncio é, da nossa parte, expressão da mais profunda disponibilidade para o Espírito Santo e, por outro lado, Deus fala no silêncio. Para ouvi-lo devemos calar. É sumamente conveniente fazer um momento de silêncio depois da proclamação das leituras bíblicas. Um silêncio prolongado depois da comunhão, quase no final da missa, para que pelo Espírito Santo possamos interiorizar o que ouvimos, saborear a comida e a bebida que Deus nos ofereceu. Só assim a palavra de Deus ouvida e comunhão recebida trarão frutos em nossa vida" (LUTZ, G. Liturgia, p. 210-211).

<sup>246</sup> VD 16

Com a reforma litúrgica, o silêncio previsto depois da homilia é, também, a epiclese que a Igreja realiza, a fim de que o Divino Artista continue plasmando, silenciosamente em cada fiel, a obra redentora de Cristo. Esse silêncio epiclético-pneumático proporciona o entendimento de tudo o que foi proclamado nas Escrituras, integrando na própria vida o que delas foi escutado. Tal silêncio, realizado com circunspeção depois da pregação, é um evento pneumatológico.

Salvaguardar o silêncio depois da homilia é facilitar o processo de escuta atuante da Palavra de Deus que deve estar em ação em cada fiel. Silêncio como evento pneumatológico significa o início da adaptação do anúncio do Evangelho às situações de cada fiel. O silêncio potencializa a atuação dos fatos divinos e maravilhosos que as três Pessoas divinas realizam em todo autêntico participante da celebração.<sup>247</sup>

Isto posto, diante de um mundo, cujo barulho denota a realidade interior do homem atual, as celebrações litúrgicas correm o sério risco de ações verborrágicas que substituem, negligentemente, os espaços de silêncio. Nesse caso, cabe ao homileta, sob o impulso do Espírito, ajudar os membros da assembleia a participarem da homilia por meio do silêncio pneumatizante. Na liturgia, ele se manifesta como brisa suave e incita cada participante da celebração a entrar no coração do culto.

O verdadeiro silêncio, que não é tanto aquele previsto das 'rubricas', é aquele que tece e constitui toda a celebração, tendo em vista que reenvia o sujeito a si mesmo, sem, contudo, fechá-lo em si mesmo, 'abre-o' Àquele que verdadeiramente fala e age; Àquele que não está presente senão no murmúrio da brisa suave (1Rs 19,12; Jo 3,8) e que se exprime em gemidos inexprimíveis (Rm 8,26).<sup>248</sup>

Se a Palavra é compreendida como o *locus* da revelação de Deus que age na história por meio de seus atos salvíficos, "o silêncio é o lugar eminentemente da Palavra, o terreno fértil onde ela pode brotar e dar seus frutos".<sup>249</sup> Nele, o Espírito Santo, orante por excelência, numa espécie de movimento kenótico, "enviado pelo Pai na mediação do Filho, sempre vai situar-se ali, onde os seres humanos estão, com todas as suas necessidades, pobreza e fragilidades".<sup>250</sup>

Portanto, o incremento do silêncio após a explicação da Palavra de Deus, revela, sem dúvida, a dimensão orante da homilia. Esta, por sua vez, "constitui

<sup>247</sup> TRIACCA, A. M., *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa*, p. 70.

<sup>248</sup> ARTUSO, L., *Liturgiae spiritualità*, p. 16.

<sup>249</sup> COLLART, C., *Palavra e silêncio*, p. 35.

<sup>250</sup> BINGEMER, M. C. L., *O tempo do Espírito e a teologia cristã*, p. 55.

uma forma de oração com caráter de contemplação".<sup>251</sup> Esse caráter contemplativo da homilia, em que "o sopro da vida divina, o Espírito Santo, exprime-se e faz-se ouvir, da forma mais simples e comum, na oração"<sup>252</sup>, tem o seu ponto de partida no exercício da *Lectio Divina* que prepara e prolonga a Palavra de Deus no hoje salvífico da existência humana.

---

<sup>251</sup> BECKHÄUSER, A., Comunicação litúrgica, p. 60.

<sup>252</sup> DVi 65.

#### 4.

### A homilia como prolongamento da Palavra na existência humana

#### 4.1

#### *Lectio Divina*: caminho de preparação e prolongamento da homilia

A Igreja, nas variadas formas de oração, encontra na Palavra de Deus a sua fonte primordial para dialogar com o seu Senhor. O diálogo entre Deus e a sua criatura pode ser verificado ao longo de toda a economia veterotestamentária desde Adão, o primeiro "depositário" da Palavra, até os profetas que, por meio da Palavra, estabeleciam o diálogo entre Deus e o seu povo. "Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho" (Gl 4,4) e, por meio dele, conversou pessoalmente com os homens que encontrava em seu caminho. Desse modo, a fim de dar a conhecer tudo o que ouve do seu Pai e admitir à sua comunhão<sup>253</sup>, o Verbo encarnado realizou um diálogo de amor e amizade ao falar diretamente com cada pessoa. Hoje, ele continua falando com cada homem por meio da Igreja. Ela, crente e orante<sup>254</sup>, mantém o diálogo com seu divino esposo cada vez que o encontra nas Sagradas Escrituras, seja na celebração litúrgica dos sacramentos e na liturgia das horas, seja na *lectio divina*.

Conforme já foi asseverado, o Concílio Vaticano II desempenhou um protagonismo de capital importância na redescoberta da Palavra de Deus em todo o âmbito eclesial. Na constituição Dogmática *Dei Verbum*, constata-se, com muita evidência, o "primado da Palavra" como uma nova epifania na vida da Igreja. Isso pode ser verificado nos números 21 ao 26 do citado documento. A Igreja, como mãe e mestra, exorta todos os fiéis ao profundo conhecimento de Cristo por meio da leitura da Palavra de Deus.

O sagrado Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, mormente os religiosos, a que aprendam 'a sublime ciência de Jesus Cristo' (Fl 3,8) com a leitura

---

<sup>253</sup> DV 2

<sup>254</sup> DV 8

frequente das divinas Escrituras, porque 'a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo'.<sup>255</sup>

Acerca desse conhecimento de Jesus, apresentado pela Constituição Dogmática, é importante entender que não se trata de um conhecimento apenas em sua dimensão intelectual, ao contrário, ultrapassa-a. Tal conhecimento deseja, efetivamente, estabelecer uma forte comunhão a partir de uma estrutura dialógica. Segundo M. Magrassi, o "diálogo" é um termo de valor incomensurável, pois, tal vocábulo exprime uma exigência viva de comunicação e comunhão com os outros. Contudo, essa comunicação não pode ser compreendida apenas como um ato de transmitir uma mensagem ou uma ideia. É, sobretudo, uma comunicação ontológica, ou seja, abrange todo o ser das pessoas envolvidas na conversa. A partir dessa afirmação, podemos assegurar que Deus é o arquétipo de todo diálogo, pois, comunicando-se com os homens, estabelece com eles um diálogo de salvação. Nesse âmbito, o colóquio salvífico é, antes de tudo, um ato criador capaz de dar uma nova existência ao seu interlocutor. O referido autor diz:

O diálogo entre nós tem aí o seu fundamento e seu modelo exemplar no *admirabile commercium*, com o qual o Altíssimo quis ligar a si o destino humano. Entre nós, dialogamos com palavras, muitas vezes palavras pálidas, que no máximo comunicam ideias ou manifestam um sentimento. Ao contrário, as palavras de Deus no diálogo são atos criadores. Mais que a nível de comunicação, elas se situam no nível do ser. É um colóquio criador, cria antes de mais nada o próprio interlocutor. O homem adquire sua realidade e existência porque Deus lhe dirige a palavra.<sup>256</sup>

Por esse motivo, a Igreja indica a *lectio divina* como um caminho legítimo de oração cujo diálogo entre Deus e o fiel apresenta-se como um verdadeiro colóquio familiar. Nele, o Senhor, por meio da sua Palavra, é capaz de lançar luz sobre a escuridão interior do homem, dando-lhe um novo sentido para sua vida, conforme recorda o autor sagrado: "Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho" (Sl 118,105).

Nesse encontro dialógico, cada pessoa é marcada pelo Verbo de Deus; afinal, "tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (Jo 1,3). Assim sendo, a Igreja pede que todos, de bom grado, se aproximem do texto sagrado,

---

<sup>255</sup> DV 25

<sup>256</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 162.

tanto na sagrada liturgia como na leitura espiritual, a fim de que se torne possível o diálogo entre Deus e o homem.<sup>257</sup>

A *lectio divina* é uma expressão latina que designa uma leitura espiritual das Sagradas Escrituras. Esse método de oração remonta os primeiros séculos com os Padres da Igreja, "mas ela é uma tradução da expressão grega *theia anagnósis*, cunhada por Orígenes (185-253)"<sup>258</sup> escrita em uma carta ao seu aluno Gregório Taumaturgo.<sup>259</sup> Essa prática de oração da Palavra de Deus teve grande notoriedade com os Padres do deserto no Alto Egito, particularmente no século IV. Para eles, a vida espiritual se solidificava na *lectio divina*. Nela, os monges desse tempo, anacoretas e cenobitas, acentuavam-na como essencial em suas regras monásticas. Bento de Núrsia, por exemplo, constituiu em sua regra<sup>260</sup> o exercício da *lectio* como uma das três atividades indispensáveis à vida do monge, ao lado da oração e do trabalho manual.

Os Padres da Igreja tornaram-se verdadeiros mestres das Sagradas Escrituras, pois aplicaram-nas como cerne de toda a vida cristã. Segundo eles, a bíblia "não era somente um livro, mas o livro da vida, que leva à descoberta de Deus e à comunhão com ele".<sup>261</sup> Além disso, longe de qualquer significado moralista, com veemência afirmavam que a leitura bíblica é um dever de todo batizado. Incansavelmente eles recomendavam: "*vacare lectioni, studere lectioni, insistere lectioni*", ou seja, "ocupar-se com a leitura, estudar a leitura, insistir na leitura", afirma G. M. Columbás.<sup>262</sup>

Passados alguns séculos, a *lectio divina*, como método de oração da Palavra de Deus, foi sendo maturada até o momento em que ela foi sistematizada pelo monge cartuxo Guigo II, abade de Certosa de Farneta, por volta de 1150. Em uma carta ao irmão Gervásio, o abade certosino, ao escrever sobre a vida

<sup>257</sup> DV 25

<sup>258</sup> TERRA, J. E. M., *Lectio Divina*, p. 19.

<sup>259</sup> CORDEIRO, J. L. (Org.), Carta a Gregório, p. 292: "Dedica-te à *lectio* das divinas (*theia*) Escrituras; aplica-te a isto com perseverança. Compromete-te na *lectio* com a intenção de acreditar e de agradecer a Deus. Se durante à *lectio* te encontrares diante de uma porta fechada, bate e abrir-te-á aquele guardião, do qual Jesus disse: 'O guardião abri-la-á'. Aplicando-te à *lectio divina*, procura com lealdade e confiança inabalável em Deus o sentido das Escrituras divinas, que nelas se encontra com grande amplitude. Mas não debes contentar-te com o bater e procurar. Para compreenderes as coisas de Deus, tens necessidade absoluta da *oratio*. Precisamente para nos exortar a ela, o Salvador disse-nos não só: 'Procurai e encontrareis', e 'batei e abrir-se-vos-á', mas acrescentou 'pedi e recebereis'".

<sup>260</sup> BENTO, RG, 48: "A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a 'lectio divina'".

<sup>261</sup> BIANCHI, E., *Lectio Divina*, p. 21.

<sup>262</sup> COLUMBÁS, G. M., *Diálogo com Deus*, p. 24.

contemplativa, narra a experiência que teve diante de um trabalho manual que executava. Enquanto trabalhava, pensava sobre a vida espiritual do homem quando, de repente, seu coração foi "assaltado" pelos quatro degraus espirituais. São eles: a leitura, a meditação, a oração e a contemplação.<sup>263</sup> Guigo II denomina esses quatro degraus como a "escada dos monges", uma alusão à escada de Jacó (Gn 28,12).

Esta é a escada dos monges, que os eleva da terra ao céu. Embora dividida em poucos degraus, ela é de imenso e incrível comprimento, com a ponta inferior apoiada na terra, enquanto a superior penetra as nuvens e perscruta os segredos do céu.<sup>264</sup>

Embora as Sagradas Escrituras tenham sido confiadas a todos os homens, historicamente sabe-se que a leitura orante da Palavra de Deus foi praticada com afincamento pelos religiosos, em especial, pelas ordens monásticas. Os monges dedicavam um tempo primordial no cotidiano de suas vidas à *lectio divina* como atividade essencial e indispensável. No entanto, da mesma maneira que a prática da oração da Palavra de Deus teve o seu auge com os Padres da Igreja até o início do segundo milênio, ela também teve um período de acentuada decadência.

Os séculos sombrios começaram a despontar e, segundo J. E. M. Terra, a partir do século XII, o ardor inicial provocado pela *lectio divina* aos poucos foi se arrefecendo até ao seu desaparecimento. A partir desse esfriamento da leitura orante das Escrituras, surge uma nova expressão de espiritualidade chamada *devotio moderna*<sup>265</sup>. Essa, por sua vez, estimulava e difundia uma espiritualidade cujas orações eram pautadas no exercício das faculdades afetivas com a finalidade de atingir o seu mais alto grau que era a caridade. Com isso, a oração contemplativa das Santas Escrituras paulatinamente foi cedendo espaço a uma

<sup>263</sup> Os quatro degraus da *lectio divina* foram interpretados por Guigo II como passos de oração com uma forma bastante linear. Para D. G. Benner, sem desconsiderar essa organização hierárquica, sugere os quatro degraus como amplo caminho de oração conforme são descritos pelos termos latinos. A saber: A *lectio* é a oração como atenção restrita ao texto bíblico; a *meditatio* é a oração como ponderação, ou seja, não é uma simples atividade mental, mas a combinação da mente com o coração; a *oratio* é a oração como resposta depois ter sido ponderada pela Palavra. Aqui, o coração é tocado e a vontade é despertada para um compromisso de vida guiada pelo Espírito. Por fim, a *contemplatio* que é a oração como existência. Nesta, a presença divina convida o orante a um abraço transformador, abrindo "os olhos e o coração não apenas para o mundo que nos cerca, mas para o Deus que está nele e que o sustenta" (BENNER, D. G., *Abrir-se para Deus*, p. 53-54, 127).

<sup>264</sup> GUIGO II; BIACHI, E., *Lectio Divina*, ontem e hoje, p. 16.

<sup>265</sup> "Movimento da espiritualidade cristã, a *devotio moderna* surgiu nos seios religiosos da Holanda e da Bélgica, no século XIV, sob o influxo da revivescência das doutrinas de Santo Agostinho, particularmente entre os cônegos regulares agostinianos. Seu iniciador é Gerardo Groote (1340-1384), discípulo de João Ruysbroeck" (TERRA, J. E. M., *Lectio Divina*, p. 20).

oração metódica que priorizava um fervor caritativo de ordem prática, substituindo, inclusive, as orações litúrgicas.

Essa escola de espiritualidade teve grande expansão no Ocidente pela popularidade de literaturas espirituais de forte renome, particularmente, com os livros "Imitação de Cristo", de Tomás de Kempis, e "*Vita Christi*", de Ludolfo Cartusiano, ambos do século XV.

Todas as particularidades da *devotio moderna* se encontram nos escritos de Tomás de Kempis, o maior escritor dessa escola. Imitação de Cristo é o escrito que maior reflete a espiritualidade e o gênero literário da *devotio moderna*<sup>266</sup>.

Assim sendo, os espaços reservados para *lectio divina* que havia nos mosteiros tornaram-se cada vez mais restritos. Os novos métodos de meditação, especificamente, os exercícios espirituais inacianos, ganharam forte acolhimento nas ordens religiosas, à exceção de alguns mosteiros que, fiéis à tradição da leitura orante da Palavra, consideravam tal caminho espiritual deveras psicológico e introspectivo, afirma E. Bianchi.<sup>267</sup> Em suma, o novo método de oração originado pela *devotio moderna*, também chamado de "leitura espiritual", não tem a Palavra de Deus como o seu núcleo. Por esse motivo, a *devotio moderna* "é substituída por livros que falam das Escrituras ou as abordam apenas sobre temas espirituais mais agradáveis e fáceis de serem entendidos e que comentam as Escrituras".<sup>268</sup> Em relação ao desaparecimento gradativo da expressão "*lectio divina*", G. M. Columbás assegura que,

na época da *devotio moderna*, os espirituais encontram uma forma de oração que a supera, a 'oração mental', exercício independente do que mais adiante chamar-se-á 'leitura espiritual'. Nessa época de transição, a leitura se converte em 'exercício espiritual' autônomo e específico, não orientado para a oração. E logo se vai afastando também da Escritura.<sup>269</sup>

O resultado desse novo caminho de oração é o abandono da Palavra de Deus, observada, agora, apenas como um "acessório" da vida espiritual. Diante de um mundo que vive constantes transformações, sobretudo no campo cultural com o advento das escolas universitárias, irrompe um novo método de abordagem das Sagradas Escrituras, nas quais elas se tornam objeto de muitos questionamentos e

<sup>266</sup> TERRA, J. E. M., *Lectio Divina*, p. 21.

<sup>267</sup> BIANCHI, E., *Lectio Divina*, encontrar Deus na sua Palavra, p. 25.

<sup>268</sup> VALLE, I. I., *Lectio Divina*, a leitura orante da bíblia e a espiritualidade cristã, p. 43.

<sup>269</sup> COLUMBÁS, G. M., *Diálogo com Deus*, p. 28.

argumentações. Nesse campo bíblico, as escolas universitárias antepõem a exegese literal e histórica e o uso do método exegético desenvolve um enfoque intelectual e doutrinal em forma de *status quaestionis*.

Com efeito, constata-se que o uso da Palavra de Deus para o exercício da *lectio divina* vai sendo cada vez mais relegado, "colocando na sombra a exegese espiritual, seja alegórica, com referência a Jesus Cristo, seja moral, isto é, orientada à vida cristã, seja anagógica, com referência às realidades futuras".<sup>270</sup>

Desse modo, no que diz respeito à leitura orante, esse afastamento da Palavra de Deus provoca um novo rumor no seio da Igreja devido à Reforma Protestante incitada por Lutero. Com o monge agostiniano, as Sagradas Escrituras ganharam acentuada atenção. Afinal, das diversas doutrinas antagônicas originadas por Lutero, destaca-se "o princípio fundamental da reforma protestante: '*sola scriptura*'".<sup>271</sup> Tal princípio acarretou uma grande preocupação na Igreja, sobretudo por causa dos danos oriundos da leitura fundamentalista da Palavra de Deus. O seu uso predominantemente individual gerou o perigo de fazer da leitura bíblica uma interpretação literal e arbitrária, conduzindo, portanto, em inúmeros equívocos.

Em virtude das intemperies causadas pela Reforma Protestante, em especial, no que concerne à forma equivocada de ler as Sagradas Escrituras, o Concílio de Trento determinou que o acesso dos fiéis à bíblia fosse restrito. Tal Concílio considerou que a melhor maneira que eles poderiam fazer para manter um contato com a Palavra de Deus, segundo E. Bianchi, era por meio do ministério da pregação, do ensino e do testemunho dos santos.<sup>272</sup> À vista disso, é possível observar que a "escada dos monges", idealizada e sistematizada pelo monge Guigo II, ao longo do tempo, foi sendo preterida e extinguida em razão dos diversos caminhos de espiritualidade que cada pessoa buscava para si. Nesses caminhos, o distanciamento da Palavra de Deus foi a força motriz que provocou o rompimento daquela unidade que havia entre Palavra e vida, despontada no período patrístico.

Com o emergir dos movimentos bíblico, litúrgico e patrístico, um novo frescor do Espírito começa a renascer na Igreja. Esses movimentos deram início às

<sup>270</sup> BIANCHI, E., *Lectio Divina*, p. 26.

<sup>271</sup> ZINHOBLER, R., *A História da Igreja Católica*, p. 212.

<sup>272</sup> BIANCHI, E., *Lectio Divina*, p. 27.

reformas que ocasionaram as reflexões teológicas do Concílio Vaticano II cuja intensão não era outra senão um retorno às fontes.

Desse retorno, deriva uma esmerada atenção à teologia da Palavra e, com ela, a importante redescoberta das Sagradas Escrituras no culto litúrgico e na vida da Igreja. Por essa razão, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* assevera que "a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como também o próprio corpo do Senhor".<sup>273</sup> Isso mostra que a Igreja declara a Palavra de Deus como fonte primordial de toda a espiritualidade cristã. Conforme foi abordado nesta pesquisa, a Palavra encontra na celebração litúrgica o seu *locus* privilegiado. Nela, "Deus fala a seu povo, Cristo continua a anunciar o Evangelho e o povo responde a Deus com o canto e a oração".<sup>274</sup> Essa resposta que a assembleia litúrgica dá ao Senhor que lhe fala cada vez que sua Palavra é proclamada nasce do exercício da escuta orante.

Nas Sagradas Escrituras há dois episódios que narram o contexto de uma celebração litúrgica evidenciando a importância da escuta da Palavra no culto. Isso pode ser verificado tanto no livro de Neemias (Ne 8,1-18) quanto no evangelho de Lucas (Lc 4,16-22). No primeiro caso, Esdras, depois de ter proclamado a leitura da Lei, prossegue a liturgia com explicações e comentários com os quais os israelitas, ouvindo com atenção tudo o que foi dito pelo escriba, se sentem enternecidos de coração. No evangelho lucano, quando Jesus conclui a proclamação da leitura, nota-se uma nova interpretação do texto profético. Ele atualiza aquela Escritura para o seu "hoje" ao afirmar: "hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura" (Lc 4,21). Nessa assembleia sinagoga, há também um público cujo comportamento demonstra uma escuta atenciosa às palavras dirigidas por Jesus.

Em ambos os textos, verifica-se que a escuta da Palavra é uma atitude comum de todos aqueles que participam das assembleias cúlticas. Aliás, o gesto de ouvir é condição *sine qua non* para que haja um diálogo autêntico entre as pessoas que dele participam. Se Deus é o arquétipo de todo o diálogo e nele, estabelece um colóquio salvífico com os homens, Deus também é o modelo de verdadeira escuta. O autor sagrado do livro do Êxodo confirma que o Senhor é o primeiro a ouvir o seu povo que sofre a escravidão no Egito:

---

<sup>273</sup> DV 21

<sup>274</sup> SC 33

Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu grito por causa dos seus opressores, pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo das mãos dos egípcios, para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta (Ex 3,7-8).

À luz da perícopie citada, podemos constatar que Deus nunca está alheio à voz daqueles que lhe dirigem as suas palavras. Ao escutar a súplica dos seus filhos, ele está sempre disposto a socorrê-los, conforme expressa o autor sagrado: "Não afligireis nenhuma viúva ou órfão. Se afligires e ele gritar a mim, escutarei seu grito" (Ex 22,21-22).

Na maior parte dos textos veterotestamentários, a escuta divina não está relacionada ao louvor que a pessoa apresenta ao Senhor. Ao contrário, segundo H. Schult, "como ouvinte, Deus está relacionado, na grande maioria dos casos, quando o seu povo lhe chama, grita, lamenta, chora, pede e deseja".<sup>275</sup> Esses gestos dos hebreus demonstram que *Iahweh* é convidado a ouvi-los e o efeito da escuta divina são respostas que manifestam a sua ajuda, o seu perdão e à sua salvação. Desse modo, pode-se dizer que no diálogo entre Deus e o homem, a escuta é um movimento bilateral: O Senhor escuta o homem que lhe suplica e este, por sua vez, escuta o Senhor que lhe fala por meio de seus gestos e palavras.

No povo de Israel, gradativamente vai sendo incutida que a atitude sagrada de ouvir é indispensável para dialogar com o seu Senhor. Como um divino pedagogo, Deus vai educando os israelitas na escola da escuta da sua Palavra e "a *paideia* de Deus tem como seu propósito a vida, a felicidade e, sobretudo, a liberdade do povo que ele resgatou da escravidão".<sup>276</sup> Por essa razão, o *Shemá* é a confissão de fé mais importante do povo judeu.

"Ouve, ó Israel: *Iahweh* nosso Deus é o único *Iahweh*. Portanto, amarás a *Iahweh* teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno esteja em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa e nas tuas portas" (Dt 6,4-9).

A oração do *Shemá* é o credo por excelência do judaísmo. Sem hesitar, podemos reconhecê-la como o "protomandamento" de Deus para o seu povo. Ao dizer, "Ouve, ó Israel: *Iahweh* nosso Deus é o único *Iahweh*" (Dt 6,4), C. Di Sante

<sup>275</sup> SCHULT, H.; Escuchar, Oír. p. 1227.

<sup>276</sup> BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 149.

assegura que essas palavras são as mais fundamentais para todo o judaísmo, pois nelas se concentram o relacionamento do povo hebreu com o Senhor, "um relacionamento definido sobretudo pelo termo *berit*, aliança".<sup>277</sup>

A prescrição do *Shemá* é um apelo de Deus feito ao seu povo para confessar a sua existência, a discernir a sua presença transcendente, a fim de convidá-lo para entrar num relacionamento com um Outro que o precedeu e o instituiu. Na sua relação com Deus, a fé hebraica tem uma profunda consciência acerca do primado da escuta. Ela está patente no *Shemá* por ser a oração por excelência de Israel, afirma G. Boselli. Ele continua:

A oração de Israel é a repetição da ordem da escuta dada por Deus. Lá onde o homem das religiões se dirige a deus com a invocação: 'Escuta, ó deus!', o povo eleito reza dizendo: 'Escuta, Israel!', subvertendo assim o fenômeno humano da oração<sup>278</sup>.

Segundo H. Schult, em Israel, escutar é o verdadeiro caminho para alcançar a sabedoria e o primeiro requisito para que os ensinamentos sejam fecundos. É, portanto, uma escuta que se converte em obediência com efeitos práticos.

É dessa maneira que o mestre convida, incansavelmente, o seu discípulo para escutar. E escutar não é apenas adquirir conhecimentos sem consequências práticas, mas tem por finalidade tornar-se sábio (Pv 23,19) e, por isso, aquele que está disposto a ouvir e, com um ouvido atento, é bastante elogiado (Pv 8,34).<sup>279</sup>

Na economia neotestamentária, Cristo é o modelo de escuta por excelência. Como recorda J. Jeremias, Jesus "nasceu num povo que sabia orar"<sup>280</sup> e, profundamente unido à vida do seu povo, tem a sua atividade ligada à oração. Em Cristo, exímio israelita, o *Shemá* é corporificado, pois a oração se apresenta como núcleo de sua existência. Aliás, toda a sua vida é caracterizada como um caminho de oração refletido num diálogo permanente com o Pai. Aludindo tanto à Instrução Geral da Liturgia das Horas como à *Sacrosanctum Concilium*, J. L. Martín declara:

Cristo Jesus, ao assumir a natureza humana, trouxe para este exílio terreno aquele hino que é cantado por todo sempre nas habitações celestes (IGLH 3; SC 83). A

<sup>277</sup> DI SANTE, C., Liturgia Judaica, p. 66.

<sup>278</sup> BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 151.

<sup>279</sup> SCHULT, H., Escuchar, Oír, p. 1225.

<sup>280</sup> JEREMIAS, J., Abba, p. 5.

oração de Jesus em sua vida terrena foi a expressão do colóquio eterno do Verbo com o Pai no Espírito Santo, e o anúncio da mediação sacerdotal que agora continua nos céus.<sup>281</sup>

À luz dos evangelhos, não se ignora que, durante a vida de Jesus<sup>282</sup>, ele próprio exortava os homens para escutá-lo: "Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam" (Lc 11,28). No mesmo evangelho lucano, o episódio de Jesus na sinagoga de Nazaré torna-se o texto fulcral que evidencia a importância da Palavra no culto, assim como os outros diversos elementos que o compõem. São eles: o sábado, dia em que estão todos reunidos, o livro sagrado, a proclamação da Palavra, a pregação à luz do texto bíblico e a atitude de admiração da parte dos fiéis daquela assembleia sinagoga que escutam com atenção o Filho de Deus. Tal atitude denota que escutar é condição determinante ao exercício da *lectio divina* a fim de preparar e prolongar as Escrituras e a reflexão homilética no coração de cada membro da celebração litúrgica. Nela, observamos o *locus* privilegiado para a escuta onde a Palavra alcança o seu cume e o Mistério da Igreja encontra a sua plena realização.

M. Magrassi apresenta a sagrada liturgia como o lugar estupendo para o exercício da escuta da Palavra. Ele mostra que na celebração dos sagrados mistérios há uma síntese viva das várias formas do Corpo de Cristo: A Igreja, corpo místico; a bíblia, corpo verbal; a eucaristia, corpo carnal<sup>283</sup>. Ora, assim como o corpo místico, na força do Espírito, se une ao corpo carnal presente no sacramento, na celebração litúrgica, o corpo místico, também pneumatizado, se une ao corpo verbal transformando-se, portanto, em uma assembleia "logotófora", isto é, portadora da Palavra.

Na liturgia, o corpo verbal revela todas as suas dimensões concernentes aos elementos que colaboram para a realização eficaz da Palavra na liturgia. Segundo

<sup>281</sup> MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 422.

<sup>282</sup> Em diferentes textos dos evangelhos, nota-se que a vida de Jesus foi marcada pela oração. Eis alguns episódios: o batismo no Jordão (Lc 3, 21-22); a oração do Pai-Nosso precedida de uma catequese (Mt 6,5-13) e como pedido dos discípulos (Lc 11,1); quando frequentemente se retira para um lugar deserto (Mc 1,35; Lc 5,16); retirado sobre o monte para orar (Lc 6,12; 9,28); na solidão noturna ( Mc 1,35; 6,46-47; Lc 6,12); na multiplicação do pães e antes de acalmar a tempestade enfrentada pelos discípulos (Mc 6,45-47), na eleição dos Doze (Lc 6,12-13), no momento de louvor (Mt 11,25-30; Lc 10,21-22), quando ora diante de uma ação favorável e curativa (Jo 11,1-44; Mc 7,32-37), na confissão de fé de Pedro e sua oração (Lc 9,19); na sua Transfiguração como evento que acontece a partir da oração (Mc 9, 2-13; Lc 9,29), sua oração no Getsêmani (Mc 14,26-36), na oração sacerdotal (Jo 17,1-26), na última ceia quando Jesus faz sua oração sobre o pão e o vinho (Mt 26, 26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,14-20).

<sup>283</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 171.

M. Magrassi, a liturgia, antes de tudo, cria um clima de escuta, pois, somente dessa forma, num ambiente de fé e de oração, a Palavra pode ser verdadeiramente acolhida por cada fiel. Afinal, no culto litúrgico, a Palavra não é apenas lida, mas é celebrada em uma atmosfera de ação de graças, adoração, meditação e oração. Tudo isso "contribui para que a audição da Palavra tenha o máximo possível de aproveitamento"<sup>284</sup>. A própria sagrada liturgia, na forma como está organizada estruturalmente, apresenta-se como um modelo de *lectio divina* comunitária favorecendo a todos os fiéis o exercício shemático das Escrituras.

Pode-se dizer que a liturgia, obra do povo de Deus, é, em grande parte, uma *lectio divina* comunitária: alterna a leitura da bíblia com sua meditação no canto dos salmos e na homilia; todavia, para que seja de real proveito para a alma, é necessário que esta leitura comunitária seja fecundada por uma leitura pessoal, feita em particular, que seja um prolongamento da leitura da Palavra de Deus em comunidade.<sup>285</sup>

A partir da afirmação de R. G. Columbás, observamos a estreita relação que existe entre a liturgia da Palavra e a *lectio divina*. Os textos bíblicos proclamados na celebração litúrgica são de suma importância para a compreensão daquele "hoje" salvífico anunciado por Jesus no culto sinagoga. Por meio desse *hodie* litúrgico, temos o amplo acesso ao seu mistério pascal, sobretudo, quando ele é prolongado com a leitura orante da Palavra proclamada na celebração da eucaristia. Assim como na liturgia se desenvolve o diálogo de Deus com o seu povo, o mesmo acontece durante a *lectio divina* feita a partir dos textos bíblicos proclamados na liturgia. Em ambos os momentos, "o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de seus filhos para conversar com eles".<sup>286</sup>

Não se trata só de ampliar, de estudar e de aprofundar o conhecimento da Escritura, trata-se de uma personalização. Na liturgia, Deus fala ao povo, mas isto é apenas o começo e a causa do que deve tornar-se um encontro pessoal. (...) Poder-se-ia dizer - em termos redutores - que no contexto da liturgia da Palavra, realiza-se um anúncio teológico e catequético enquanto que na *lectio divina*, isto se torna pessoal, espiritual.<sup>287</sup>

<sup>284</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 172.

<sup>285</sup> COLUMBÁS, G. M., Diálogo com Deus, p. 24. I. Busty recomendando a *lectio divina* como preparação para a celebração litúrgica, também identifica na estrutura orgânica da liturgia uma leitura orante realizada de forma comunitária: "A leitura orante usada como método fora da liturgia é uma excelente preparação ou continuação da leitura orante realizada comunitariamente na liturgia, lugar privilegiado da leitura bíblica" (BUYST, I., O mistério celebrado I, p. 132).

<sup>286</sup> DV 21

<sup>287</sup> GUIGO II; BIACHI, E., *Lectio Divina*, ontem e hoje, p. 64.

No momento atual, a liturgia da Palavra na celebração de todos os sacramentos e sacramentais, se estrutura com espaços, ações e palavras. Segundo, V. G. Finelon, os seus espaços principais são o altar, lugar onde repousa o livro dos Evangelhos revelando a íntima união entre Palavra e eucaristia, e o ambão, lugar específico para a proclamação das leituras bíblicas. Suas ações se visibilizam de muitos modos, por exemplo, no estar de pé, no tomar, no abrir, no incensar, no ler, no silenciar, no beijar e no fechar o livro. As palavras, por sua vez, estão na proclamação e no canto do texto sagrado. Contudo, para o nosso autor, o contato com a Palavra não se esgota na celebração litúrgica. Ao contrário, ele ultrapassa e desemboca para a vida de oração de cada membro do Corpo Místico.<sup>288</sup>

Observamos, portanto, que a *lectio divina* é o caminho pelo qual os batizados prolongam a escuta das Escrituras na liturgia. Ela tem como finalidade ajudar todos os fiéis em acolher a voz do Ressuscitado por intermédio da comunidade de fé: "A leitura orante é, antes de tudo, um método litúrgico. Está visivelmente presente na estrutura da liturgia da Palavra: leituras intercaladas com silêncio, salmos e aclamações, meditação na homilia, oração nas preces".<sup>289</sup> Para V. G. Finelon é possível fazer uma relação entre liturgia da Palavra e leitura orante. Podemos visualizar a sua afirmação a partir do seu quadro ilustrativo<sup>290</sup>:

A liturgia da Palavra	Leitura Orante
O domingo	Diariamente
Comunitária	Comunitária e pessoal
A procissão para o ambão	Leitura
O lecionário e o evangeliário	
A perícopes selecionada	
A postura da assembleia	
A homilia	Meditação
O acolhimento da Palavra na vida Silêncio Profissão de fé Oração dos fiéis	Oração e contemplação

<sup>288</sup> FINELON, V. G., O ritmo do ano litúrgico e a escolha das leituras bíblicas na celebração da eucaristia dominical, p. 55-69.

<sup>289</sup> CARPANEDO, P., A emancipação da Palavra, p. 6.

<sup>290</sup> FINELON, V. G., O ritmo do ano litúrgico e a escolha das leituras bíblicas na celebração da eucaristia dominical, p. 55-69.

Com efeito, é de capital importância considerarmos que a *lectio divina*, além de prolongar a voz do Ressuscitado por meio dos textos litúrgicos, é, também, um caminho de preparação para participar de forma mais consciente do Mistério de Cristo revelado nas Escrituras. Na ação litúrgica, pela audição, cada fiel faz a experiência de "tocar" e ser "tocado" pelo Verbo eterno. Afinal de contas, "Cristo está presente na sua Palavra, pois é ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura".<sup>291</sup> Aludindo à *Sacrosanctum Concilium* sobre a presença de Cristo na Palavra em cada ação litúrgica, M. Magrassi enfatiza a importância da escuta das Escrituras no culto. Ele afirma:

A liturgia nos restitui a Palavra viva, apanhada quase da boca do interlocutor presente (...). 'É ele mesmo que fala, quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja' (SC 7). Ali, a presença de Cristo chega ao seu ponto mais alto: na liturgia mais que nunca, a Palavra é um escutar Alguém.<sup>292</sup>

Nesse sentido, a experiência de transformação pela Palavra também acontece quando os fiéis se preparam para a celebração da eucaristia a partir da meditação que fazem dos textos bíblicos proclamados na liturgia. P. Iglesias declara:

A *lectio divina* feita a partir dos textos litúrgicos prepara o nosso coração para esta experiência da presença de Cristo, e ao mesmo tempo, nos torna mais conscientes de que aquilo que a Palavra anuncia, torna-se realidade atual na liturgia e espera de nós uma resposta.<sup>293</sup>

A esse respeito, E. Bianchi, acentua a primazia da Palavra de Deus no culto litúrgico e enfatiza que toda a *lectio divina*, realizada por cada pessoa, deve alcançar na liturgia da Palavra o seu terreno final. Por essa razão, a leitura orante apresenta um duplo aspecto em relação à liturgia da Palavra: deve ser preparação para a escuta das Escrituras proclamadas na celebração, assim como dever ser o seu prolongamento. Ainda que o nosso autor destaque a primazia da Palavra na liturgia, ele também mostra que é fundamental e indispensável o contato pessoal com os textos bíblicos. Ele apresenta duas razões: a primeira é que, implicitamente nas Escrituras, existe uma Palavra direta de Deus dirigida pessoalmente fora da Escritura. Para que a mensagem de Deus possa atingir

<sup>291</sup> SC 7

<sup>292</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 172.

<sup>293</sup> IGLESIAS, P., *Uma lectio divina na bíblia, na história de Israel, na liturgia*, p. 133.

pessoalmente cada fiel, necessário se faz possuir a qualidade de ouvintes da Palavra litúrgica. A outra razão destacada sobre a *lectio divina*, é, sem dúvida, a preparação à liturgia. Sobre essa última razão, E. Bianchi mostra os efeitos que a ausência da meditação bíblica provoca e assevera a importância do seu aprofundamento assíduo. Ele afirma:

Se a Palavra for recebida sem preparação, sem fé, sem amor e sem conhecimento, ela não vivifica mais, torna-se para nós palavra morta. Se a interpretação e a escuta da Palavra devem ser doxológicas, isto é, se elas devem se realizar comentando a Palavra pela Palavra, é preciso conhecê-la bem e aprofundá-la; e isto só é possível se existir uma assiduidade amorosa em relação à Palavra. As passagens escolhidas pela Igreja para o lecionário são um mínimo para a vivência da fé, mas é preciso conhecer toda a Palavra para saborear em profundidade.<sup>294</sup>

Embora a *lectio divina*, por muito tempo, tenha sido reduzida a uma prática reservada apenas aos religiosos, em especial, aos monges, a leitura orante da Palavra é um patrimônio de toda a Igreja. Destarte, a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, fazendo referência aos sacerdotes quanto à sua legitimidade de ministros da Palavra, destacou a necessidade de que eles mantenham um contato íntimo com as Sagradas Escrituras por meio de uma leitura contínua e um estudo dedicado.<sup>295</sup>

Aos presbíteros, essa recomendação implícita à *lectio divina* tem o objetivo de que eles não se tornem vãos pregadores da Palavra de Deus. Sem dúvida alguma, tal recomendação reflete uma preocupação diretamente com a homilia a qual todos os sacerdotes devem se empenhar numa esmerada preparação pela leitura orante das Escrituras a fim de oferecer ao povo de Deus os tesouros escondidos na bíblia.

O Papa Francisco abordou essa questão com muita propriedade e veemência na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. No capítulo terceiro do citado documento, dedicado ao anúncio do Evangelho, o sumo Pontífice apresenta o

<sup>294</sup> BIANCHI, E., Pregare la parola, p. 29.

<sup>295</sup> DV 25: "É necessário, por isso, que todos os clérigos e sobretudo os sacerdotes de Cristo e outros que, como os diáconos e os catequistas, se consagram legitimamente ao ministério da palavra, mantenham um contacto íntimo com as Escrituras, mediante a leitura assídua e o estudo aturado, a fim de que nenhum deles se torne 'pregador vão e superficial da palavra de Deus. por não a ouvir de dentro', tendo, como têm, a obrigação de comunicar aos fiéis que lhes estão confiados as grandíssimas riquezas da palavra divina, sobretudo na sagrada Liturgia". A Pontifícia Comissão Bíblica igualmente realçou sobre assunto e afirmou que "a *lectio divina* como prática individual é atestada no ambiente monástico em seu auge. No período contemporâneo, uma Instrução da Comissão Bíblica aprovada pelo Papa Pio XII recomendou-a a todos os clérigos, tanto regulares como seculares (*De Scriptura Sacra*, 1950; E. B., 592). A insistência sobre a *lectio divina* sob seu duplo aspecto, individual e comunitário, voltou assim a ser atual" (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A interpretação da bíblia na Igreja, p. 151).

tema da homilia mostrando-se preocupado com a preparação da pregação.<sup>296</sup> Sua preocupação tem como constatação o fenômeno pastoral dos sacerdotes que alegam inúmeras atribuições executadas em suas paróquias e dioceses nas quais exercem o ministério sagrado. Dessa maneira, mediante as inúmeras tarefas que realizam, a preparação cuidadosa da homilia fica preterida. Por isso, como um amigo, o Papa Francisco propõe um itinerário que ajude os sacerdotes no empenho do ministério da pregação, para que eles exerçam "o culto da verdade"<sup>297</sup>. Tal culto consiste na tarefa de dispor de um tempo pessoal para uma dedicada leitura bíblica, fundamento de toda pregação.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* apresenta a "preparação da pregação" como uma exigência necessária para todos os que são responsáveis pelo anúncio do Evangelho, em especial os presbíteros. Isso pode ser verificado nos números 145 ao 159 do citado documento. Contudo, nos parágrafos 152 e 153, há um forte apelo à prática da *lectio divina* como preparação para a homilia.

Há uma modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito: designamo-la por "lectio divina". Consiste na leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove. Esta leitura orante da bíblia não está separada do estudo que o pregador realiza para individuar a mensagem central do texto; antes pelo contrário, é dela que deve partir para procurar descobrir aquilo que essa mesma mensagem tem a dizer à sua própria vida.<sup>298</sup>

Assim sendo, observamos que a preparação para a pregação litúrgica por meio da leitura orante exige do sacerdote uma qualidade muito particular que é a escuta atenciosa dos textos bíblicos. E. Bianchi, ao desenvolver o tema "a Palavra de Deus e o presbítero" à luz da perícopes de At 20,32, indaga de que maneira esses ministros são confiados à Palavra.<sup>299</sup> Ele afirma que os sacerdotes são confiados às Santas Escrituras por meio da escuta assídua dos textos bíblicos.

<sup>296</sup> EG 145.

<sup>297</sup> EG 146: A expressão "culto da verdade" foi utilizada pelo Papa Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* ao abordar como tema "o espírito da evangelização". Nele, foi acentuado o protagonismo de todos os pastores de almas em relação à pregação do Evangelho, recordando-os que não são os árbitros e nem os proprietários da Palavra de Deus são, mas os seus depositários, arautos e servidores. Em seguida afirma: "espera-se de todo o evangelizador que ele tenha o culto da verdade, tanto mais que a verdade que ele aprofunda e comunica, outra coisa não é senão a verdade revelada" (EN, 78).

<sup>298</sup> EG 152.

<sup>299</sup> Na perícopes citada, despedindo-se dos presbíteros de Mileto, o apóstolo Paulo os instrui a fim de preveni-los dos maus pastores que, comparados a lobos vorazes, não poupam o rebanho de Deus com doutrinas pervertidas. Nessa ocasião de despedida, o apóstolo dos gentios confia os sacerdotes a Deus e à Palavra de sua graça.

Afinal, tanto na fé hebraica como na fé cristã, "a escuta é a primeira operação para entrar em comunhão com Deus".<sup>300</sup> Essa operação é condição *sine qua non* para que a *lectio divina* seja um verdadeiro empreendimento realizado pelos sacerdotes na preparação das suas homilias.

Do mesmo modo como eles desempenham as demais incumbências que a vida burocrático-pastoral lhes exige, igualmente devem investir na pregação a partir de uma preparação diligente pela leitura orante dos textos bíblicos proclamados na liturgia. Uma imagem que pode ajudar os sacerdotes na autoconsciência da sua missão que lhes foi confiada encontra-se em Is 50,4-5. Nessa perícopa, o autor sagrado apresenta o Servo do Senhor como um legítimo pregador da mensagem salvífica cujos ouvidos são despertados por Deus para que possa ouvir como um exímio discípulo.

Outrossim, também o presbítero, antes de ser pregador da Palavra proclamada na liturgia, é, acima de tudo, o ouvinte dessa mesma Palavra. Ele é alguém que deixa as Sagradas Escrituras atingi-lo com profundidade em seu coração a ponto de, por elas, ser medido totalmente.<sup>301</sup> Essas ações provocadas pelas Escrituras denotam a "personalização da Palavra" na vida do sacerdote, que, por sua vez, precisa ser o primeiro a desempenhar uma familiaridade com os textos das Escrituras, assim como deve se identificar como o primeiro destinatário daquela Palavra que anunciou na homilia como fruto da sua meditação. Afinal, "antes de preparar concretamente o que vai dizer na pregação, o pregador tem que aceitar ser primeiro trespassado por essa Palavra que há de trespassar os outros".<sup>302</sup>

O relacionamento pessoal com os textos bíblicos, empreendido pelos sacerdotes com a *lectio divina*, especialmente na preparação da homilia dominical, provoca um entusiasmo interior tão eficaz que os encoraja a ter uma nova mentalidade sobre a sua própria vida. Aliás, é muito oportuno que isso aconteça, pois, somente desse modo, cada um terá a possibilidade de fazer uma nova leitura sobre a realidade da comunidade na qual estão inseridos. Assim, sacerdotes e fiéis poderão estreitar passos decisivos de conversão pastoral à luz da Palavra. Essa preparação orante feita torna-se um encontro em que Deus transfigura os

---

<sup>300</sup> BIANCHI, E., Presbíteros, Palavra e liturgia, p. 40.

<sup>301</sup> BIANCHI, E., Presbíteros, Palavra e liturgia, p. 43.

<sup>302</sup> EG 150

sentimentos do homileta que se põe sob a escuta das Escrituras. Acerca disso, o Papa Francisco exortou dizendo:

O pregador 'deve ser o primeiro a desenvolver uma grande familiaridade pessoal com a Palavra de Deus: não lhe basta conhecer o aspecto linguístico ou exegético, sem dúvida necessário; precisa de se aproximar da Palavra com o coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade'. Faz-nos bem renovar, cada dia, cada domingo, o nosso ardor na preparação da homilia, e verificar se, em nós mesmos, cresce o amor pela Palavra que pregamos (...) Se está vivo este desejo de, primeiro, ouvirmos nós a Palavra que temos de pregar, esta transmitir-se-á de uma maneira ou de outra ao povo fiel de Deus: 'A boca fala da abundância do coração' (Mt 12,34). As leituras do domingo ressoarão com todo o seu esplendor no coração do povo, se primeiro ressoarem assim no coração do Pastor.<sup>303</sup>

A familiaridade com a Palavra de Deus, sobre a qual aborda o Papa Francisco, precisa ser observada como um investimento fundamental nas casas de formação religiosa, principalmente, os seminários, lugar em que os futuros sacerdotes são preparados como ministros legítimos da Palavra. Reconhecemos que a formação dos seminaristas é deveras privilegiada. Nela, segundo a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Patores Dabo Vobis*, contemplamos uma estrutura que abrange quatro dimensões da formação sacerdotal. A saber: humana, espiritual, intelectual e pastoral<sup>304</sup>. Assim sendo, a *lectio divina* não deveria ser considerada apenas como um elemento a mais no quadro de atividades formativa. É importante que ela também seja oferecida como uma disciplina acadêmico-pastoral<sup>305</sup>, a fim de ajudar os futuros sacerdotes a nutrirem o amor pelas Sagradas Escrituras.

Segundo o Decreto *Optatam Totium*, sobre a formação sacerdotal, está atestada a necessidade da estreita relação da formação espiritual com a formação doutrinal e pastoral. No Decreto está evidente que os seminaristas precisam ser incentivados a um permanente contato com os textos bíblicos e que "aprendam a buscar Cristo na meditação fiel da Palavra de Deus, numa ativa comunicação com os santíssimos mistérios da Igreja, sobretudo na sagrada Eucaristia e no Ofício

<sup>303</sup> EG 14.

<sup>304</sup> PDV 116-156.

<sup>305</sup> À guisa de sugestão, o curso de *lectio divina*, visto como projeto de formação sacerdotal nos seminários, deveria ter como objetivo uma teologia da Palavra à luz da redescoberta das Sagradas Escrituras na celebração litúrgica conforme foi realizada pelo Concílio Vaticano II. Enquanto disciplina a ser lecionada, pode estar associada ao curso de homilética ou executada como um curso independente. É importante que o seu planejamento contemple a dimensão histórico-teológico, bíblico-litúrgico sempre em vista de preparar os futuros sacerdotes ao sublime ofício da pregação litúrgica.

divino"<sup>306</sup>. Dessa maneira, no que concerne à formação dos candidatos ao sacerdócio, é importante que a *lectio divina*, aplicada como um curso lecionado, ajude na superação de uma relação "infantil" dos futuros homiletas com as Santas Escrituras. Tal relação foi ilustrada por R. J. Souza que identificou uma dificuldade em muitos pregadores por não expressarem com clareza aquilo que os textos bíblicos, proclamados na liturgia, querem comunicar à comunidade assembleal.

Por que muitos pregadores não avançam no conhecimento de Deus, parecendo-lhes sua voz e seu modo de agir tão obscuros? Estou convencido de que uma das razões principais porque isso acontece é a sua relação infantil com a Palavra de Deus. Trata-se de algo mais sério do que uma simples ignorância das Escrituras, embora isso por si só já seja um problema cada vez mais comum de se ver. Refiro-me, na verdade, a uma atitude de fundo com a qual muitos pregadores lidam com a bíblia: (...) Quando leem, buscam nela apenas uma mensagem pessoal, um versículo para enfeitar o caderno de orações ou uma asserção bonita, sem aquela postura séria de escuta, caracterizada por um latente desejo de conhecimento.<sup>307</sup>

É mister que seja recuperado, especialmente na formação dos futuros presbíteros, aquele apreço pela Palavra de Deus com o propósito de que eles sejam homiletas que encontram na *lectio divina* "uma espécie de respiração na qual o que se respira é o sopro da Palavra: inspira-se pela leitura e a meditação, expira-se pela oração, contemplação e partilha".<sup>308</sup> Aos sacerdotes, urge uma redescoberta pessoal com os textos bíblicos para que não sejam seduzidos em proferir homilias cuja interpretação da Palavra não conduza os fiéis à mistagogia da liturgia e da vida.

Por conseguinte, a relação pessoal do presbítero com as Sagradas Escrituras revelará em sua homilia a sua qualidade de pregador orante "que passa necessariamente por uma relação adulta com a Palavra de Deus. (...) Daí a

<sup>306</sup> OT 8.

<sup>307</sup> SOUZA, R. J., Pregador orante, p. 49. O mesmo autor mostra que a relação infantil do sacerdote com as Escrituras causa danos não apenas a ele próprio, mas também à comunidade de fiéis a que se dirige para ser alimentada pela Palavra de Deus e pela homilia. Sem dúvida, um desses danos é a indiferença com *lectio divina* como preparação para pregação litúrgica. Ele destaca: "Assim, a relação (com a Palavra de Deus na homilia) fica revestida de pouca profundidade, marcada pela previsibilidade e, algumas vezes, piegas. A pessoa não assume a atitude de buscar na bíblia um alimento sólido, a fim de ser perfeita em Cristo. Como uma criança que não quer deixar a mamadeira ou a chupeta, ela se recusa a crescer por medo de colocar em dúvida a sua fé infantil ou de ser afetada em seus esquemas conceituais fechados. Foge das passagens mais contundentes, preferindo as mais alegóricas e menos constrangedoras".

<sup>308</sup> HOEGGER, M., Encontrar a misericórdia através da *lectio divina*, p. 52.

necessidade de que, incansavelmente, o pregador dedique-se à leitura orante".<sup>309</sup> Ela ajudará o homileta a descobrir os tesouros escondidos na bíblia com o objetivo de partilhá-los com a assembleia litúrgica. Assim, verificamos que a "leitura orante é um meio poderoso para dar profundidade espiritual às celebrações litúrgicas, sobretudo como preparação às celebrações".<sup>310</sup>

A falta de intimidade com as Escrituras leva ao fácil discurso, em prejuízo da Palavra. A meditação regular com o evangelho do domingo, feita na gratuidade, contribui para qualificar a participação na assembleia litúrgica e sem dúvida qualificará também a atuação de quem exerce os ministérios, sobretudo a homilia.<sup>311</sup>

Ressaltamos, portanto, que as Divinas Letras manifestam um Deus que sempre está próximo de todos aqueles que nelas se aventuram para meditá-las, sobretudo, guiados pela leitura orante: "a Palavra está muito perto de ti: está na tua boca e no teu coração para que a ponhas em prática" (Dt 30,14). Igualmente foi destacado por A. Cencini ao afirmar que "a *lectio* se chama *divina* porque Deus é o autor daquela Palavra, é Deus mesmo quem me fala através dela, é o Eterno que a inspirou e não um Deus distante no tempo, mas aquele que hoje me dirige esta Palavra".<sup>312</sup>

Isto posto, é fundamental recordar que o texto das Escrituras não surgiu por si só. Ele é fruto da Palavra transmitida de forma oral. Aliás, "antes de ser transmitida, era vivida. Antes de ser vivida, era recebida no coração e revelada na prática do Povo de Deus. (...) O ambiente desta leitura e descoberta da Palavra de Deus era o ambiente da liturgia".<sup>313</sup> É nesse contexto que o Concílio Vaticano II, pondo fim ao "exílio" da Palavra e redescobrimo a sua importância no culto litúrgico, insiste que a leitura orante dos textos bíblicos ajude os presbíteros<sup>314</sup> a

<sup>309</sup> SOUZA, R. J., Pregador orante, p. 53.

<sup>310</sup> BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 158.

<sup>311</sup> CARPANEDO, P., A emancipação da Palavra, p. 7.

<sup>312</sup> CENCINI, A.; A vida ao ritmo da palavra, p. 17.

<sup>313</sup> CNBB, Leitura Orante nos seminários e casas de formação, p. 19.

<sup>314</sup> Conforme ressalta o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, "os presbíteros, como cooperadores dos Bispos, têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus, para que, realizando o mandato do Senhor: 'Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas' (Mc 16,15), constituam e aumentem o Povo de Deus. Com efeito, é pela palavra da salvação que a fé é suscitada no coração dos infieis e alimentada no coração dos fieis; e é mercê da fé que tem início e se desenvolve a assembleia dos crentes, segundo aquele dito do Apóstolo: 'a fé vem pelo ouvido, o ouvido, porém, pela palavra de Cristo' (Rm. 10,17). Por isso, os presbíteros são devedores de todos, para comunicarem a todos a verdade do Evangelho, de que gozam no Senhor. Portanto, quer quando, por uma convivência edificante entre os povos, os levam a glorificar a Deus, quer quando, pregando abertamente, anunciam o mistério de Cristo aos que crêem, quer quando ensinam o

prepararem as suas homilias. Sendo estas decorrentes da oração pessoal, oferecerão aos fiéis um profícuo caminho de iniciação à vida cristã, conformando-os à Palavra proclamada na sagrada liturgia.

---

catecismo cristão ou explanam a doutrina da Igreja, quer quando procuram estudar à luz de Cristo as questões do seu tempo, sempre é próprio deles ensinar não a própria sabedoria, mas a Palavra de Deus e convidar instantemente a todos à conversão e à santidade. A pregação sacerdotal, não raro difícilíssima nas circunstâncias hodiernas do mundo, se deseja mover mais convenientemente as almas dos ouvintes, não deve limitar-se a expor de modo geral e abstrato a Palavra de Deus, mas sim aplicar às circunstâncias concretas da vida a verdade perene do Evangelho (PO 4).

## 4.2

### A homilia na esteira da Iniciação à Vida Cristã

Concluído há pouco mais de cinquenta anos, o Concílio Vaticano II tornou-se uma fonte de reflexão teológica cujas consequências ecoam até os nossos dias. Se o Concílio de Trento rompeu o diálogo com o mundo moderno, o Concílio Vaticano II, ao contrário, retomou tal diálogo com novas proposições. Esse rompimento com as novas culturas foi uma preocupação expressada pela V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe realizada em Aparecida. A conclusão do documento não hesitou em afirmar a importância de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé<sup>315</sup>. Além disso, acentuou a necessidade de "assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir 'o que o Espírito diz às Igrejas' (Ap 2,29) através dos tempos em que Deus se manifesta"<sup>316</sup>. Assim sendo, retomando o diálogo com a modernidade, a Igreja reencontra o seu protagonismo diante de inúmeros assuntos que precisavam ser redescobertos.

Como vimos anteriormente, a ampla reflexão teológica desenvolvida pelo Concílio Vaticano II assegurou uma profunda renovação no seio da Igreja em diversos âmbitos, por exemplo: no âmbito litúrgico, com a *Sacrosanctum Concilium*, no âmbito eclesial com *Lumen Gentium*, pela qual obtém uma nova compreensão de si mesma e com a *Gaudium et Spes* reflete sobre o seu dever e missão no mundo atual. O mesmo pode ser dito acerca de um olhar renovado no campo da Revelação com a *Dei Verbum*, do ecumenismo com a *Unitatis Redintegratio* e a renovação do direito canônico com o decreto *Christus Dominus*. Neste, com efeito, a Igreja apresenta de modo contundente que a pregação e a formação catequética "sempre conservam o primeiro lugar"<sup>317</sup> dentre os mais variados meios de anunciar a doutrina cristã. Todavia, conforme observa L. A. Lima, "o aprofundamento da natureza da catequese, assim como a sua renovação e relação com as outras atividades pastorais afins, será fruto do dinamismo pós-Concílio até os nossos dias"<sup>318</sup>.

---

<sup>315</sup> DAp 365.

<sup>316</sup> DAp 366.

<sup>317</sup> CD 13.

<sup>318</sup> LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 74.

Em dois documentos conciliares encontramos abordagens que tratam sobre a catequese. São eles: o Decreto *Christus Dominus* e a Declaração *Gravissimum Educationis*. No primeiro, a catequese é apresentada na seção a qual se refere ao *munus* de ensinar do bispos; no segundo, ela é abordada quanto aos meios da Igreja concernentes à educação cristã. No Decreto *Christus Dominus* diz:

Vigiem que a instrução catequética, que se orienta a fazer com que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e operosa nos homens, seja cuidadosamente ministrada quer às crianças e aos adolescentes, quer aos jovens, quer até aos adultos: procurem que esta instrução seja dada segundo a ordem e o método que mais convêm não só à matéria de que se trata mas também à índole, capacidade, idade e condições de vida dos ouvintes, e que se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na liturgia, no magistério e na vida da Igreja<sup>319</sup>.

A partir do parágrafo 13 do citado Decreto, observamos que existe um conjunto de elementos que formam o alicerce de toda a catequese cuja fonte é a Palavra de Deus. Outrossim, vemos um destaque acerca dos destinatários da catequese que, agora, estende-se ao jovens e, especialmente, aos adultos. A estes, os métodos utilizados precisam ter uma devida adaptação não apenas à matéria, mas também às pessoas que estão envolvidas nesse processo de evangelização.

Na Declaração *Gravissimum Educationis*, no que concerne ao tema da catequese, visualizamos uma Igreja preocupada com os meios utilizados para a educação da fé. Contudo, ela verifica que a liturgia tem um vínculo muito forte com a catequese e vice-versa. Ambas, quando estão bem associadas, mostram-se capazes de ajudar na progressão de uma fé madura todas as pessoas envolvidas no processo evangelizador, particularmente, em uma participação mais consciente e frutuosa no mistério litúrgico, assim como na sua vocação missionária.

No desempenho do seu *múnus* educativo, a Igreja preocupa-se com todos os meios aptos, sobretudo com aqueles que lhe pertencem; o primeiro dos quais é a instrução catequética que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério de Cristo e impele à ação apostólica.<sup>320</sup>

<sup>319</sup> CD 14. À guisa de ilustração sobre o processo de formação integral do ser humano em variadas faixas etárias, recomendo a leitura do texto que apresenta "a psicopedagogia catequética na Iniciação à vida Cristã", desenvolvido por E. Calandro e J. S. Ledo. Nesse texto há um elenco de orientações práticas para a Catequese segundo as idades; desde a primeira infância até ao idoso (CALANDRO, E.; LEDO, J. S., A psicopedagogia catequética na Iniciação à vida Cristã. In: SBCat. A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. Petrópolis: Ed. Vozes. p. 125-143).

<sup>320</sup> GE 4

À luz das duas abordagens sobre a catequese nos documentos conciliares citados, concluímos que a reflexão teológica do Concílio Vaticano II, marcada fortemente pela antropologia, deu início àquilo que se tornou um registro de grande relevo na sua identidade eclesial: a "virada antropológica". Esse fenômeno vivido pela Igreja consiste em uma esmerada atenção não apenas ao conteúdo doutrinal da fé, mas, especialmente, à pessoa humana que recebe a catequese. A. Moraes elucidou isso com muita propriedade ao afirmar que

o movimento da reflexão teológica atual está marcado, em seu conjunto, pela transferência da atenção do mero em si das realidades divinas à relação que elas têm com as afirmações e os problemas que dizem respeito à vida humana. Se ao longo de séculos a investigação teológica se interessou quase unicamente pelo tema de Deus, a reflexão atual leva em conta aquilo que os seres humanos estão descobrindo sobre si e sobre as demais realidades, num movimento de crescente atenção à pessoa humana e seus contextos vitais.<sup>321</sup>

Desse modo, constatamos que o pensar teológico do Concílio Vaticano II foi elaborado em uma transição das reflexões dogmáticas às situações mais existenciais da vida humana frente à sociedade atual. Isso está evidenciado na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* no qual verificamos que "os padres conciliares colocaram a criatura humana no centro das atenções pastorais e teológicas" ao afirmarem: 'não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoem no coração'. Ou ainda: 'na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado'".<sup>322</sup>

Diante disso, reconhecemos que a evangelização do homem moderno precisava superar os métodos pelos quais não se alcançava a formação integral do ser humano. Era, portanto, necessária uma revisão e redescoberta sobre a catequese na vida da Igreja. Assim sendo, tanto a restauração do catecumenato, expressada na Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*<sup>323</sup>, como a elaboração de um diretório especial para a catequese, apresentado no Decreto *Christus Dominum*<sup>324</sup>, foram imprescindíveis para o desenvolvimento de um

<sup>321</sup> MORAES, A. Este mistério divino e humano, p. 149-179.

<sup>322</sup> MORAES, A. Este mistério divino e humano, p. 149-179.

<sup>323</sup> SC 64: "Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, a praticar segundo o critério do Ordinário do lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenato e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas."

<sup>324</sup> CD 44. Aqui, L. A. Lima realça a intervenção mais importante que o Concílio Vaticano II realizou para a renovação da catequese. Ele diz: "Depois de falar da revisão do Código de Direito Canônico e dos Diretórios Gerais para a cura das almas, prescreve a elaboração de um diretório

genuíno processo de Iniciação à Vida Cristã. Todavia, no Decreto *Ad Gentes* a compreensão do conceito de catecumenato reconduz a catequese ao campo da Iniciação à Vida Cristã. Nele, entendemos que nos dias atuais o processo catecumenal não visa somente preparar apenas os adultos não batizados, mas também aqueles que foram batizados, porém não foram iniciados de forma suficiente ou existencialmente na fé da Igreja.

O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos, e com ritos sagrados, a celebrar em tempo sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus.<sup>325</sup>

Desse modo, constatamos que a restauração do catecumenato realizado pelo Concílio Vaticano II é um desejo não apenas do movimento catequético, mas também um interesse de toda a Igreja. Afinal, é no processo de Iniciação à Vida Cristã que a catequese encontra "seu *humus* e lugar onde melhor exerce sua missão mistagógica e iniciático-pedagógica".<sup>326</sup>

Inspirada pelo Concílio Vaticano II, a Igreja progrediu e desenvolveu um arcabouço documental muito vasto sobre o assunto, por exemplo: O Diretório Catequético Geral (1971), o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (1973), a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* (1979), o Catecismo da Igreja Católica (1992), o Diretório Geral para a Catequese (1997), o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica (2005) e o Diretório para a Catequese (2020).

À luz do processo de renovação conciliar, os documentos magisteriais acima citados abordaram sobre alguns temas que são fundamentais para estabelecer um frutuoso processo catecumenal. Dentre muitos exemplos, destacamos: a

---

especial para a catequese, nesses termos: 'Elabore-se [...] um diretório de formação catequética do povo cristão (*directorium de catechetica populi christiani institutione*). Nele se trata dos princípios fundamentais e da organização dessa formação (*eiusdem institutionis*), bem como da elaboração de livros sobre o assunto. Na sua elaboração tomem-se em conta também as sugestões feitas pelas Comissões ou pelos Padres Conciliares'. (...) Seis anos se passaram até que, na esteira das grandes reformas ordenadas pelo Vaticano II, foi publicado em 1971, o Diretório Catequético Geral (DCG) em sua primeira edição e uma segunda viria em 1997: Diretório Geral para a Catequese (DGC)". Junto à criação de diretórios, o mesmo autor considera a restauração do catecumenato como um elemento muito importante da renovação pós-conciliar da catequese (LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 80-81).

<sup>325</sup> AG 14

<sup>326</sup> LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 84.

evangelização, a catequese, a família, a Palavra de Deus, a Eucaristia, a vocação e a missão laical, a era digital.

A Igreja no Brasil também acolheu as orientações que versavam sobre a restauração do catecumenato. O resultado desse acolhimento está testificado pelas produções de documentos bastante relevantes a respeito desse caminho que a catequese se aventurou aderir, isto é, num verdadeiro retorno às fontes da Igreja; a saber: a Catequese Renovada (1983), O Diretório Nacional de Catequese (2006), Iniciação à Vida Cristã (2009)<sup>327</sup>, Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia (2014)<sup>328</sup>, o Itinerário Catequético (2014)<sup>329</sup> e a Iniciação à Vida Cristã (2017)<sup>330</sup>. Contudo, todos esses documentos tiveram como germe dois documentos que já apontavam para a necessidade de uma autêntica Iniciação à Vida Cristã: a Pastoral da Eucaristia e a Pastoral da Iniciação Cristã (1974). Naquela época, ambos os documentos já mostravam uma Igreja que estava despertada para a promoção da vivência daquilo que os sacramentos significam.

No Rio de Janeiro, a Igreja local, ao acolher as orientações do Concílio Vaticano II quanto à redescoberta do catecumenato, também desenvolveu e produziu o Diretório Arquidiocesano da Iniciação Cristã (2010) e os livros da catequese para crianças e catequistas com inspiração catecumenal (2016 e 2019). Tais produções visam, em nível prático-pastoral, formar a consciência batismal do ser humano e a sua missão eclesial no mundo.

Diante de tantos acervos documentais, a Igreja, adaptado-se às novas circunstâncias do tempo presente, não mede esforços a fim de favorecer aos homens e às mulheres o encontro pessoal com Jesus Cristo. Ao contrário, ela se empenha com muita profundidade no acompanhamento formativo do seus novos discípulos missionários. Contudo, "para compreender e colocar em prática a Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal, é de fundamental importância o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)".<sup>331</sup> O Documento de Aparecida também enfatizou sobre a importância do RICA como um apoio seguro e necessário para "iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a

---

<sup>327</sup> CNBB, Est. 97

<sup>328</sup> CNBB, Doc. 100

<sup>329</sup> CNBB, Comissão Episcopal Pastoral para animação bíblico-catequética.

<sup>330</sup> CNBB, Doc. 107

<sup>331</sup> CNBB, Est. 97, apresentação.

completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o querigma, querem abraçar a fé".<sup>332</sup> Segundo V. G. Finelon,

o RICA é o fruto mais direto, consciente e profundo da revolução operada na iniciação cristã pós-conciliar. Este ritual está permeado do esforço de elaborar um processo iniciático cristã condizente com as necessidades pastorais das igrejas locais, sem perder em nada a profundidade teológico-litúrgico-espiritual da iniciação cristã.<sup>333</sup>

Na introdução ao RICA, encontramos orientações que ajudam a compreender o verdadeiro objetivo de uma evangelização e catequese que assegurem uma formação substancial da fé. Assim, a fim de superar uma mera exposição doutrinal, evitando a busca do sacramento pelo sacramento, o RICA, inspirado na vida dos cristãos da Igreja nascente, dispõe um caminho de preparação que visa a transformação das pessoas pelo anúncio da Palavra. Tal anúncio, não deseja outra coisa senão que cada pessoa faça a experiência de um aprofundamento no mistério de Cristo e da comunidade eclesial.

Em virtude dessa experiência, tanto a proclamação da Palavra como a pregação realizada a partir dela sempre estão presentes no decorrer de todo o processo catecumenal. Este, por sua vez, está estruturado em quatro tempos, são eles: o pré-catecumenato, o catecumenato, a purificação-iluminação e a iniciação nos sacramentos, também conhecido como tempo da mistagogia. Em nossa pesquisa, não temos a intenção de apresentar detalhadamente, como foi descrito acima, cada tempo de preparação dos catecúmenos e dos batizados não-evangelizados. Cabe-nos mostrar que em todo o percurso iniciático não se desconhece a centralidade das Sagradas Escrituras como fonte da espiritualidade cristã e a sua interpretação à luz do magistério da Igreja, preparando e prolongando a Palavra de Deus na vida cristã.

O pré-catecumenato, "tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo",<sup>334</sup> trata-se em especial de um tempo em que se retoma o querigma como modelo de pregação. É, de fato, a primeira evangelização daqueles que se colocam disponíveis para acolher a Palavra de Deus e a sua interpretação, conforme vemos na homilia petrina em At 2,14-36. O Documento de Aparecida, em tom exortativo, mostrou a real

<sup>332</sup> DAp. 293

<sup>333</sup> FINELON, V. G., A mística cristã, p. 336.

<sup>334</sup> RICA 9

necessidade de uma verdadeira iniciação cristã que tenha o seu início pelo querigma<sup>335</sup>, pois, sem ele, os demais aspectos de todo o processo catecumenal estão fadados à esterilidade.<sup>336</sup>

Durante o tempo do pré-catecumenato, deve ser realizada, "por meio dos catequistas, diáconos e sacerdotes ou mesmo leigos, uma conveniente explanação do Evangelho aos candidatos".<sup>337</sup> Estes, concluído o tempo inicial de evangelização, são acolhidos publicamente na comunidade eclesial pelo rito de admissão ao catecumenato<sup>338</sup>. Nesse rito, o livro das Santas Escrituras é um forte registro que acompanha toda a formação catecumenal dos candidatos, seja pela assinalação dos sentidos, particularmente nos ouvidos e na boca para que ouçam a voz do Senhor e possam responder a sua Palavra<sup>339</sup>; ou ainda pelo ingresso na igreja, em que o presidente da celebração convida-os para participar na mesa da Palavra<sup>340</sup>; seja pela proclamação litúrgica das Escrituras e da homilia ou pela entrega das bíblias para cada candidato. Nessa entrega, realizada pelo presidente da celebração, com reverência e dignidade à Palavra, ele diz: "Recebe o livro da Palavra de Deus. Que ela seja luz para a tua vida".<sup>341</sup>

No catecumenato, tempo dedicado à catequese bíblica e à doutrina cristã, os iniciados nesse processo de configuração à vida em Cristo "são alimentados pela Igreja com a Palavra de Deus e incentivados por atos litúrgicos"<sup>342</sup>. Nesse período, a catequese é um momento privilegiado para a animação pastoral em que se descobre a centralidade da Palavra na vida do Povo de Deus. Bento XVI, aludindo ao Diretório Geral para a Catequese, não hesitou em afirmar que

<sup>335</sup> DAp 289: "Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação cristã que comece pelo querigma e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade e que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão".

<sup>336</sup> DAp 278: "O querigma não é somente uma etapa, mas é o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. Sem o querigma, os demais aspectos desse processo estão condenados a esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor. Só a partir do querigma acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira. Por isso, a Igreja precisa tê-lo presente em todas as suas ações".

<sup>337</sup> RICA 11

<sup>338</sup> O Ritual de Iniciação Cristã destinado aos adultos, "inclui, além da celebração dos sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia, todos os ritos do catecumenato" (RICA 2).

<sup>339</sup> RICA 85

<sup>340</sup> RICA 90

<sup>341</sup> RICA 93

<sup>342</sup> RICA 18. Para P. Caspani "a linguagem da iniciação diz respeito ao fato de que 'não se nasce, mas se torna cristão, isto acontece mediante um itinerário complexo, multiforme, prolongado no tempo, que é justamente a iniciação" (CASPERANI, P., Renascer da água e do Espírito, p. 30).

a catequese 'tem de ser impregnada e embebida de pensamento, espírito e atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados; e recordar que a catequese será tanto mais rica e eficaz quanto mais ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja'.<sup>343</sup>

Nesse tempo do catecumenato, destaca-se a dimensão bíblica da catequese por meio de explicações dos textos bíblicos e pelas celebrações da Palavra de Deus. Estas, por sua parte, têm um significado muito importante no processo catecumenal e precisam ser redescobertas no próprio seio da Igreja. Infelizmente, a celebração litúrgica da Palavra ficou relegada à uma ação sagrada de menor importância em virtude de uma mentalidade demasiadamente acentuada ao sacramento da eucaristia. Por esse motivo, muitas vezes, as celebrações da Palavra de Deus são preteridas, tanto pela parte dos fiéis como também pelo próprio clero.

Por isso, observamos que o RICA, fruto da redescoberta das Sagradas Escrituras na liturgia feita pelo Concílio Vaticano II, instrui que, no tempo do catecumenato, sejam promovidas as celebrações da Palavra de Deus e que a catequese nelas encontre o seu firme apoio. Desse modo, será proporcionado aos candidatos uma íntima familiaridade à liturgia da Palavra e uma frutuosa preparação para a participação nos santos mistérios.

A catequese, ministrada pelos sacerdotes, diáconos ou catequistas e outros leigos (...) relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, leva os catecúmenos não só ao conhecimentos dos dogmas e preceitos, como à íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar. (...) Promovem-se para eles celebrações da Palavra e lhes é proporcionado o acesso à liturgia da Palavra junto com os fiéis, a fim de se prepararem melhor para a futura participação na Eucaristia.<sup>344</sup>

No período do catecumenato, considerado um tempo de preparação demasiadamente longo, as celebrações da Palavra de Deus são importantes e não deveriam ser negligenciadas. Nos encontros de preparação dos jovens e adultos, elas podem ser feitas depois da catequese, incluindo os exorcismos menores e concluídas com as bênçãos, como sugere o ritual.<sup>345</sup> Segundo o RICA, no catecumenato e no tempo da preparação imediata à celebração dos sacramentos, isto é, na purificação-iluminação, as celebrações da Palavra seguem uma estrutura

---

<sup>343</sup> VD 74

<sup>344</sup> RICA 19

<sup>345</sup> RICA 108

na qual recomenda-se que haja a homilia que explique e aplique as leituras que foram proclamadas<sup>346</sup>. Toda a celebração da Palavra de Deus e, nela a homilia, tem por finalidade

gravar nos corações dos catecúmenos o ensinamento recebido quanto aos mistérios de Cristo e a maneira de viver que daí decorre, por exemplo o ensinamento proposto pelo Novo Testamento, o perdão das injustiças e injúrias, o sentido do pecado e da conversão, os deveres que os cristãos precisam exercer no mundo etc.; levá-los a saborear as formas e as vias de oração; introduzi-los pouco a pouco na liturgia de toda a comunidade.<sup>347</sup>

Nesse contexto de iniciação dos jovens e adultos no mistério do culto cristão, a experiência com a Palavra de Deus e a sua interpretação feita pela homilia recuperam uma prática que já era realizada pelos Padres da Igreja chamada de "catequeses mistagógicas". Muitas dessas catequeses, em forma de homilias, ajudavam na preparação daqueles que desejavam pertencer à comunidade cristã, submetidos em um itinerário que os aprofundavam no mistério de Cristo, sempre imbuídos pela Palavra de Deus. Igualmente acontecia com os catecúmenos após receberem os sacramentos da iniciação cristã, ou seja, por meio das homilias, os Padres da Igreja ajudavam os neófitos no aprofundamento do mistério sacramental que receberam. Por isso, "a Escritura, Antigo e Novo Testamento, é o ambiente natural em que se movimenta a Igreja dos primeiros séculos".<sup>348</sup>

No período patrístico, os textos bíblicos são um terreno fértil para as homilias mistagógicas e, a partir deles, as pregações litúrgicas conseguiam, de forma ímpar, integrar a Palavra ao rito sacramental. Consequentemente, dessa união dos textos escriturísticos com o mistério da liturgia, as homilias feitas pelos Padres da Igreja também se prolongavam no coração dos catecúmenos que se

<sup>346</sup> Segundo A. Heinz, a preparação no tempo do catecumenato que era uma preparação a longo prazo, era realizada por meio de uma conversa com o catequista (doctor), delegado da comunidade, que devia "esclarecer a motivação e as condições de vida do simpatizante. (...) No centro dos encontros regulares dos catecúmenos (Tertuliano chama de *audientes*) com os catequistas se colocava a escuta da Palavra de Deus (*verbum audire*). Mediante a explicação dialogada da Sagrada Escritura, os catecúmenos deviam receber instruções sobre a conduta cristã" (HEINZ, A., A trilogia Batismo-Confirmação-Eucaristia, p. 732-733). Hoje, é muito oportuno que as celebrações da Palavra de Deus estejam em estreita sintonia com o calendário litúrgico, para que ao longo de cada tempo litúrgico, "com seu conteúdo e a sua espiritualidade, seja refletido e vivido pela catequese, pois o ano litúrgico torna presente o mistério de Cristo, oferece maior possibilidade de viver o processo catequético na comunidade de fé e fortalece, desta forma, a união entre catequese e liturgia (PARO, T. F., As celebrações do RICA, p. 30).

<sup>347</sup> RICA 106

<sup>348</sup> MAZZA, E., A mistagogia, p. 29.

sentiam impelidos em configurar as suas vidas à vida de Cristo. Isso pode ser verificado com o crescente número de conversões ao cristianismo. Com efeito, a habilidade que esses insignes pastores tinham quanto ao uso das Escrituras, especificamente do Antigo Testamento, versava pela brilhante inteligência em aplicá-las a Cristo, à Igreja e ao mistério celebrado. Um dos métodos usados com muita frequência era a "tipologia", também denominada como "exegese espiritual".

O método tipológico se apresenta, precisamente, com essa finalidade: a compreensão do mistério. No cristianismo, esse problema é particularmente evidente no que diz respeito à questão cristológica: é necessário que o Antigo Testamento seja aplicável ao mistério de Cristo para valorizá-lo e nele se crer. (...) Paulo e Hebreus chegam à própria teorização do método interpretativo, com o conceito de "tipo" e com a interpretação figural do Antigo Testamento, mas também o evangelho de João faz uso desse método exegético, quando fala da serpente de bronze e do cordeiro pascal.<sup>349</sup>

A leitura tipológica que os Padres da Igreja fazem dos eventos testificados nos textos da primeira Aliança é sempre realizada à luz de Cristo. Os eventos salvíficos acontecidos no passado recebem, com base na leitura cristológica, a sua verdadeira interpretação e, na celebração litúrgica, são transformados em *hodie salutis*. Veremos, a partir de alguns exemplos, a habilidade que esses mestres da Palavra tinham em suas homilias ao interpretarem as Escrituras por meio das Escrituras.

Melitão de Sardes, séc. II, é um dos exemplos clássicos da leitura tipológica do Antigo Testamento. Em sua homilia sobre a Páscoa, o evento do êxodo hebreu é reinterpretado sob a ótica do evento salvífico de Cristo. Ele diz:

A Lei é antiga, mas a Palavra é nova; a figura é transitória, mas a graça é eterna; corruptível o cordeiro, incorruptível o Senhor, que foi imolado como um cordeiro, mas ressuscitou como Deus. Na verdade, era como ovelha conduzida ao matadouro, e, contudo, não era ovelha; era como cordeiro sem voz, e, no entanto, não era cordeiro. Com efeito, passou a figura e apareceu a realidade perfeita: em vez de um cordeiro, Deus; em vez de uma ovelha, o homem; no homem, porém apareceu Cristo, que tudo abrange. Por consequência, a imolação da ovelha, a celebração da Páscoa e a escritura da Lei tiveram a sua perfeita realização em Jesus Cristo; porque tudo o que acontecia na antiga Lei se referia a Ele e, mais ainda, na ordem nova, para Ele tudo converge. Com efeito, a Lei fez-se Palavra e, sendo

<sup>349</sup> MAZZA, E., A mistagogia, p. 31. Na mesma citação, E. Mazza diz que o " mar Vermelho, o maná, a água da rocha, Abraão, Melquisedec e o sacrifício do templo são outras tantas 'figuras' de realidades neotestamentárias".

antiga, tornou-se nova; o preceito deu lugar à graça, a figura transformou-se em realidade, o cordeiro em Filho, a ovelha em homem e o homem em Deus<sup>350</sup>.

Santo Ambrósio, séc. IV, também faz recurso da leitura tipológica em suas homilias sobre os sacramentos. Ele reinterpreta, por exemplo, a travessia do mar Vermelho como figura do batismo com o objetivo de conduzir os neófitos a viverem de acordo com as realidades mistagógicas desse sacramento, símbolo da libertação da escravidão e, simultaneamente, da posse da nova identidade cristã.

Existiria algo mais importante do que a travessia do mar pelo povo judeu, para exaltarmos nesta hora o batismo? O confronto começa por aí: os judeus que atravessaram o mar morreram no deserto; aquele, no entanto, que atravessa esta fonte, isto é, que passa das coisas terrenas para as celestiais (...) passa do pecado para a vida, da culpa para a graça, da inúndicie para a santificação. O que passa por esta fonte, não morre, mas ressuscita.<sup>351</sup>

Santo Agostinho, séc. V, é outro exímio hermenêuta em suas homilias sobre os salmos, reinterpretando-os cristologicamente. Em Cristo, os poemas orantes ganham a sua encarnação. Um exemplo claro está em seus comentários sobre o Sl 46 em que o bispo de Hipona contempla na leitura sálmica a Ascensão de Cristo.

Deus subiu entre aclamações jubilosas. Nosso Deus, o Senhor Jesus Cristo 'subiu entre aclamações jubilosas. O Senhor subiu ao som da trombeta. Subiu. Para onde, a não ser para onde sabemos? Os judeus não o seguiram, nem com os olhos. Zombaram dele na cruz, e não o viram subir ao céu. Que é júbilo senão alegre admiração, inexplicável por palavras? Assim se admiraram os discípulos, cheios de alegria ao contemplarem subindo ao céu aquele que haviam chorado por ocasião da sua morte. De fato, as palavras não eram suficientes para manifestar tal alegria; restava o júbilo, que é inexplicável. Na ascensão houve também o som de trombeta, isto é, a palavra dos anjos. Pois, foi dito: 'levanta a tua voz como uma trombeta' (At 1,9; Is 58,1). Os anjos anunciaram a ascensão do Senhor.<sup>352</sup>

Diante de alguns poucos exemplos de homilias patrísticas, observamos como esses pastores eram verdadeiros exegetas, cuja habilidade com os textos bíblicos era capaz de explicar as Escrituras pelas Escrituras. Por meio de suas pregações litúrgicas, interpretavam o mistério de Cristo, contido na Palavra de

<sup>350</sup> CORDEIRO, J. L. (Org.), *Melitão de Sardes*, p.161.

<sup>351</sup> AGNELO, G. M., *Os sacramentos e os mistérios*, p.29. Acerca dessa homilia de Santo Ambrósio, G. M. Agnelo em seus comentários diz que "a travessia do mar feita pelo povo hebreu é um dos tipos ou figuras do batismo por causa do significado de libertação que é ideia básica do batismo. A caminhada longa através do deserto dá a ideia de um povo em marcha, em procura. O batismo nos faz membros de uma Igreja peregrina" (AGNELO, G. M., *Os sacramentos e os mistérios*, p.29).

<sup>352</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarrationes in psalmos*, p. 798-799.

Deus, integrando-o aos sacramentos e à vida cristã. Por esse motivo, a Pontifícia Comissão Bíblica asseverou que

nos Padres da Igreja, a leitura da Escritura e sua interpretação ocupam um lugar considerável. Testemunhas disso são, primeiramente, as obras diretamente ligadas à inteligência das Escrituras, isto é, as homilias e os comentários. (...) O lugar habitual da leitura bíblica é a igreja, no decorrer da liturgia.<sup>353</sup>

Por conseguinte, como vimos, é muito importante que as celebrações da Palavra de Deus sejam recuperadas nos encontros catequéticos para obter um fecundo processo catecumenal. A catequese, integrada com a celebração da Palavra, cujos conteúdos podem ser iluminados pela homilia, deixará de ser uma mera preparação para os sacramentos em detrimento de uma iniciação à vida cristã. Será admirável constatar que os encontros do catecumenato poderão se tornar uma espécie de *lectio divina* comunitária. Não obstante, é muito importante que todas as pessoas envolvidas com a pastoral da Iniciação à Vida Cristã, sacerdotes e catequistas, tenham muito cuidado e cautela para que esses elementos estejam bem desenvolvidos, articulados e centralizados à luz do mistério pascal. Desses elementos, se faz necessário que, durante todo o processo catecumenal, a catequese possa colher sua mensagem da Palavra de Deus que é a sua fonte principal<sup>354</sup>. Igualmente pode ser dito em relação a reflexão feita na homilia iluminando as pessoas que se aventuraram nesse processo de inspiração catecumenal. O Diretório para a Catequese, ao destacar sobre esse tema, acentua:

A Sagrada Escritura, que Deus inspirou, alcança profundamente a alma humana, mais do que qualquer outra palavra<sup>355</sup> e por meio da pregação e da catequese, o próprio Espírito Santo ensina, gerando um encontro com a Palavra de Deus, viva e eficaz (Hb 4,12).<sup>356</sup>

Tudo isso, de forma prática, deve desembocar na superação da dicotomia existente entre os sacramentos da iniciação cristã, a ponto de o sacramento do crisma "substituir" a eucaristia como cume de toda vida sacramental. Isso é evidenciado, sobretudo, pela fragmentação pastoral que existe: pastoral do

<sup>353</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A interpretação da bíblia na vida da Igreja, p.116-117.

<sup>354</sup> "A catequese, bem como a liturgia celebrada, deve ser um forte anúncio da continuidade histórico-salvífica, ou seja, precisa compreender o atual momento histórico dentro da dinâmica de salvação-libertação que começou desde o início da criação, culminou na pessoa de Jesus Cristo e continua antecipando a plenitude, que acontecerá na eternidade" (LELO, A. F., Catequese com estilo catecumenal, p. 28).

<sup>355</sup> DCat 91

<sup>356</sup> DCat 92

batismo, pastoral da catequese e pastoral do crisma. Por essa razão, o estudo acurado do RICA precisa proporcionar um genuíno processo iniciático, reavaliando e fortalecendo a atividade catequético-litúrgica. L. Imaculada afirma que o RICA

aponta para o sentido de unidade entre os sacramentos da iniciação cristã que deve existir numa catequese de inspiração catecumenal, mostrando-nos a necessidade de superar a prática fragmentada que ainda perdura em nossas comunidades eclesiais, tanto em nível paroquial como diocesano.<sup>357</sup>

É mister o resgate das celebrações da Palavra de Deus como parte constitutiva do processo catecumenal. Nelas, a homilia é uma oportunidade *sui generis*, capaz de despertar em cada candidato um verdadeiro desejo de configuração à pessoa de Cristo e ao seu discipulado na comunidade eclesial. Isso pode ser verificado com esmerada atenção na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Nesse documento, o Papa Francisco enfatiza sobre o tema da homilia como um verdadeiro diálogo familiar entre Deus com o seu povo, tal como o Cristo conversava com os discípulos de Emaús, cujas palavras abrasavam os seus corações (Lc 24,32).

---

<sup>357</sup> IMACULADA, L., Os sacramentos do batismo, crisma e eucaristia na perspectiva da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã, p.37-44.

### 4.3

#### **A homilia como relação dialogal entre Deus e o seu povo à luz da *Evangelii Gaudium***

Próximo de completar uma década do pontificado do Papa Francisco, inúmeros documentos foram publicados ao longo do seu governo à frente da Igreja. Contudo, destacamos aquele que nos parece ser um marco do seu pastoreio: a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Nela, encontramos uma reverberação dos documentos conciliares que, por meio da nova evangelização, promovem um diálogo com o mundo contemporâneo.

Em tom de testemunho pessoal, podemos constatar, na *Evangelii Gaudium*, que o Papa Francisco manifesta um amor visceral pelo Evangelho e, conseqüentemente, um coração apaixonante pelo anúncio da Boa-Nova. Isso pode ser verificado no seu entusiasmo evangelizador, fortemente registrado nas celebrações litúrgicas, razão pela qual nesse documento vemos uma atenção esmerada sobre o tema da homilia.<sup>358</sup>

Ainda que tenhamos incontáveis publicações que tratam acerca desse tema, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* traz à tona o genuíno sentido da pregação litúrgica como colóquio de amizade entre Deus e o seu povo. Esse tema está concentrado especificamente entre os parágrafos 135 e 144. Pelo fato de ser um tema assaz abordado, o que observamos na prática é um hiato que existe desde a preparação do homileta e a sua familiaridade com os textos bíblicos até a sua execução na celebração litúrgica. Isso explica, da parte do Papa Francisco, uma acentuada preocupação ao considerar que a homilia, em muitas ocasiões, torna-se um sofrimento a ser suportado, tanto pelos fiéis em ouvir como pelos ministros ordenados em pregar. À luz dessa triste realidade, Francisco se dedica a apresentar a homilia como "uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento".<sup>359</sup>

---

<sup>358</sup> G. D. Micheletti, compatriota do Papa Francisco, revela sua admiração pela extensão sobre o tema da homilia na *Evangelii Gaudium*. Ele diz: "Fiquei surpreso e, por que não, admirado com a quantidade de números que o Papa Francisco dedicou à homilia na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. O Papa, na verdade, manifesta alto apreço e preocupação com a homilia, especialmente as dominicais" (MICHELETTI, G. G., A homilia, p. 65).

<sup>359</sup> EG 135

No terceiro capítulo da Exortação Apostólica, o tema do anúncio do Evangelho é abordado como uma missão de todo o povo de Deus<sup>360</sup>, evocando, portanto, o imperativo que foi expresso pelo Ressuscitado aos seus discípulos: "Ide por todo mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15). É nesse contexto que o Papa Francisco expõe com dedicação o tema da homilia, tendo a celebração litúrgica como o seu *locus privilegiado*<sup>361</sup> e com maior evidência a celebração eucarística. Nela, a dinâmica da liturgia da Palavra realiza com eficácia a proclamação das maravilhas de Deus, a atualização no tempo da Igreja e o anúncio das realidades futuras. A partir dessa tríplice dinâmica das Escrituras na celebração litúrgica<sup>362</sup>, veremos, à luz da *Evangelii Gaudium*, a reflexão do Papa Francisco que gravita sobre a homilia como um legítimo diálogo de Deus com a comunidade assembleal. Ele declara:

Reveste-se, pois, de um valor especial a homilia, derivado do seu contexto eucarístico, que supera toda a catequese por ser o momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental.<sup>363</sup>

Na homilia, esse diálogo consiste, em especial, na proclamação das maravilhas de Deus na história da salvação conduzindo os fiéis ao mistério de Cristo celebrado na liturgia. Esta proclamação encontra a sua fonte na Palavra que, ao ser lançada como semente que sai da boca de Deus e acolhida pelos batizados, não volta para ele sem produzir o seu efeito (Is 55,11). Aqui, iluminados pela perícopes bíblicas, conseguimos visualizar o desenvolvimento dinâmico da liturgia da Palavra dentro do contexto da celebração eucarística: a Palavra de Deus ofertada na sua proclamação, compartilhada na homilia e a resposta a essa Palavra impelida por ela própria. Tal resposta, pode ser ilustrada pela atividade responsorial da celebração por meio dos salmos, das aclamações, do silêncio entre as leituras e *post homiliam*, assim como da oração dos fiéis.

A partir desse exercício dinâmico presente na celebração litúrgica, identificamos, à luz da economia salvífica, o âmago da relação entre Deus e o seu

<sup>360</sup> EG 111: "A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus".

<sup>361</sup> EG 135: "Consideremos agora a pregação dentro da Liturgia". Aqui, entende-se como "pregação" a homilia, cujo tema está desenvolvido nos parágrafos 135-159.

<sup>362</sup> À guisa de compreensão da tríplice dinâmica da Palavra na liturgia, é propício o texto de J. Castellano ao tratar da "Palavra e oração da Igreja - o diálogo da salvação" (CATELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 300-302).

<sup>363</sup> EG 137

povo em vista da sua Aliança: o pacto bilateral e dialogal. Embora esse pacto esteja presente na homilia e faça parte da sua natureza, ele sofre inúmeros riscos. Isso se torna evidente quando as pregações litúrgicas não impedem as elucubrações que distanciam os fiéis da presença de Cristo em sua Palavra, "pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura"<sup>364</sup> e "a eficácia da homilia vem desta presença de Cristo".<sup>365</sup>

Um dos graves riscos que proporcionam o distanciamento da assembleia litúrgica com a Palavra de Deus verifica-se, em particular, quando as Divinas Escrituras, com as demais partes integrantes da liturgia, não são a fonte primordial da homilia<sup>366</sup>. Na *Sacrosanctum Concilium*, está explícito que "a pregação deve ir beber à Sagrada Escritura e à liturgia, e ser como que o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação".<sup>367</sup> Assim sendo, ao levar em consideração que a celebração eucarística pode ser o único momento em que os fiéis têm a experiência de um contato mais próximo com as Sagradas Escrituras, elas não deveriam ser negligenciadas na homilia. Esta, por sua parte, prolonga a Palavra de Deus no coração da assembleia, motivo pelo qual "sabemos que os fiéis lhe dão muita importância"<sup>368</sup> e esperam muito dessa pregação em virtude de poder recolher dela frutos abundantes<sup>369</sup>. Destarte, o Papa Francisco apresenta Jesus como verdadeira referência quanto à forma de proclamar as maravilhas de Deus. Ele, autêntico hermeneuta do Pai, por meio de seus gestos e palavras, encantava todos aqueles que iam ao seu encontro para ouvi-lo:

Com a palavra, Nosso Senhor conquistou o coração da gente. De todas as partes, vinham para o ouvir (Mc 1,45). Ficavam maravilhados, "bebendo" os seus ensinamentos (Mc 6,2). Sentiam que lhes falava como quem tem autoridade (Mc 1,27). E os apóstolos, que Jesus estabelecera "para estarem com Ele e para os enviar a pregar" (Mc 3,14), atraíram para o seio da Igreja todos os povos com a palavra (Mc 16,15.20).<sup>370</sup>

<sup>364</sup> SC 7

<sup>365</sup> MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 122.

<sup>366</sup> Bento XVI também mostrou a mesma preocupação quanto ao distanciamento que pode haver entre os fiéis e a Palavra de Deus. Razão pela qual afirma sobre a urgência de que sejam evitadas "as homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica" (VD 59).

<sup>367</sup> SC 35,2

<sup>368</sup> EG 135

<sup>369</sup> CNBB, Doc. 43, 277.

<sup>370</sup> EG 136

Como vimos no primeiro capítulo desta pesquisa, o episódio da sinagoga de Nazaré narrado por Lucas é paradigmático para testificarmos Jesus como legítimo exegeta da primeira Aliança. Na *dýnamis* do Espírito<sup>371</sup>, Ele relê as Santas Escrituras e interpreta o texto profético do trito-Isaías no momento dos seus ouvintes e diz: "Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura" (Lc 4,21). Profundamente inserido na realidade do seu povo e atento aos anseios de cada pessoa, Jesus alimenta com a Palavra e com sua homilia aquela assembleia sinagagal tal como o pastor alimenta o seu rebanho. Segundo o Papa Francisco, a exemplo do Filho de Deus, "aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto".<sup>372</sup>

Assim sendo, é muito importante que os comentários dos textos bíblicos realizados na homilia sejam uma perene atualização no tempo da Igreja. Caracterizada pela função profética, a força atualizante das Escrituras, tanto em sua proclamação como na sua explicação, ecoa no coração de todos os fiéis o "hoje" da salvação, Cristo: "quando a Palavra é encarnada na experiência, ela adquire um fascínio conquistador".<sup>373</sup>

É em direção a esse fascínio que o Papa Francisco procura despertar a nossa atenção em relação à homilia. Dentro do âmbito litúrgico, precisamente na celebração eucarística, não se trata de uma pregação que caracterize um espetáculo de divertimento nem corresponda à lógica dos recursos midiáticos, ao contrário, ela deve favorecer ao ardor e significado à celebração.<sup>374</sup> Seguindo a experiência da encarnação da Palavra na história do homem, Francisco insiste refletir sobre a homilia como um "diálogo" imbuído com laços de afetividade<sup>375</sup>.

Na celebração litúrgica, a proclamação das Escrituras tem como característica fundamental reeditar na vida de cada batizado aquela experiência

<sup>371</sup> M. Augé afirma que "na dinâmica da economia salvífica, o mistério da salvação se torna o hoje da assembleia celebrante por obra do Espírito Santo" (AUGÉ, M., Ano litúrgico, p. 342).

<sup>372</sup> EG 137

<sup>373</sup> MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 133.

<sup>374</sup> EG 138

<sup>375</sup> Aqui recordamos o termo grego "*homília*" que indica a ideia de "estar juntos", uma experiência de encantamento, próprio de um relacionamento amistoso que proporciona aos envolvidos momentos juntos em um ambiente de amizade, descontração e companheirismo. Acerca dessa semântica é oportuno conferir: ROBINSON, E. Léxico Grego do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 634.

relacional entre Deus e aqueles que ele escolheu como seus amigos. Reportando-nos à economia bíblica, não desconhecemos a relação de amizade que o Senhor estabeleceu com aqueles que ele elegeu, a saber: Adão que ouvia a voz de Deus, seu amigo, enquanto passeava no jardim (Gn 3,8); Abraão, chamado pelo apóstolo como "amigo de Deus" (Tg 2,23); Moisés, com quem Deus conversava face a face como alguém que fala a um amigo (Ex 33,11). Não obstante, o ápice dessa relação de amizade entre Deus e o seu povo está fortemente registrado em Jesus.

À luz da encarnação da Palavra, compreendemos melhor a natureza da homilia na celebração litúrgica: "Deus vem 'junto' a nós para que possamos estar 'junto' a ele"<sup>376</sup>. Com a encarnação do Verbo, apogeu da revelação divina, quis o Pai falar "aos homens como amigos (...) para os convidar e admitir à comunhão com Ele"<sup>377</sup>. Dentro do contexto da liturgia pascal, ele diz aos seus discípulos: "Já não vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas eu vos chamo de amigos, porque tudo o que ouvi do meu Pai eu vos dei a conhecer" (Jo 15,15).

Assim sendo, à luz dos exemplos bíblicos acima citados, é possível compreender a homilia como o momento privilegiado para estreitar os laços de amizade entre Deus e o homem. É nesse âmbito que o Papa Francisco aponta o tema da homilia como "um retomar este diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo"<sup>378</sup>. Essa afirmação mostra absoluta continuidade com o pensamento conciliar, especificamente da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, ao afirmar que "na liturgia Deus fala a seu povo, Cristo ainda anuncia o Evangelho. E o povo responde a Deus, ora com cânticos ora com orações"<sup>379</sup>.

Ainda situados dentro do contexto da homilia como atualização no tempo da Igreja, em sua Exortação Apostólica, o Papa Francisco expressa a relação dialogal da homilia como uma conversa substancialmente cordial. Assim, com o objetivo de se aproximar do coração dos fiéis, nosso Pontífice afirma que o homileta precisa guiar a pregação pelo espírito materno-ecclesial:

Este âmbito materno-ecclesial, onde se desenrola o diálogo do Senhor com o seu povo, deve ser encarecido e cultivado através da proximidade cordial do pregador, do tom caloroso da sua voz, da mansidão do estilo das suas frases, da alegria dos

<sup>376</sup> KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança, p. 62.

<sup>377</sup> DV 2

<sup>378</sup> EG 137

<sup>379</sup> SC 33

seus gestos. Mesmo que às vezes a homilia seja um pouco maçante, se houver este espírito materno-elesial, será sempre fecunda, tal como os conselhos maçantes de uma mãe, com o passar do tempo, dão fruto no coração dos filhos.<sup>380</sup>

Francisco descreve como essencialmente importantes na homilia algumas qualidades pelas quais o homileta será bem-sucedido na relação dialogal com a assembleia litúrgica, por exemplo, "proximidade cordial", "tom caloroso da voz", "palavras de mansidão" e "gestos alegres". Todas essas características estão estritamente ligadas às Santas Escrituras que evocam a imagem de um Deus que se revela com entranhas de misericórdia e dialogando com o seu povo. Nesse diálogo, cabe ao homileta "a arte de aproximar as pessoas a Deus e Deus às pessoas".<sup>381</sup>

Com efeito, conduzida como uma conversa de mãe e repleta de afeto, a homilia, por sua vez, manifesta a sua dimensão terapêutica<sup>382</sup>. Afinal, testemunhamos inúmeras vezes os fiéis que, após a celebração eucarística, declaram que a pregação da Palavra foi um remédio curativo em suas vidas. Vemos, pois, que homilia prolonga a missão de Jesus cujas palavras em suas pregações espalhavam a graça e o encanto (Sl 44,3). Elas tinham efeitos terapêuticos tanto em nível exterior, demonstradas pelas curas físicas, como interior, por meio da conversão dos seus ouvintes que acolhiam os seus ensinamentos rompendo com o pecado. Dentro desse contexto terapêutico da pregação litúrgica, A. S. Bogaz e J. H. Hansen afirmam que

A verdadeira homilia é suave e profunda, denuncia sem agredir e converte sem forçar e amedrontar. Revela a alegria de ser cristão e a humildade de sentir-se pecador e acolhido por um Deus cheio de misericórdia. Bem colocado, o aprofundamento dos textos bíblicos e sua atualização motivam a renovação da vida e o desejo de ser diferente, de fazer melhor e de viver mais perto de Deus.<sup>383</sup>

<sup>380</sup> EG 140

<sup>381</sup> DE MATOS, M. F., O mistério pascal na homilia, p.144.

<sup>382</sup> Realçamos a dimensão terapêutica da homilia a partir da densidade do verbo grego *θεραπεύω* (terapéuo) que significa "curar". À guisa de ilustração, a perícopa evangélica de Lc 5,15 evidencia as multidões que acorriam ao encontro de Jesus para ouvi-lo e, em seguida, serem curadas de suas enfermidades.

<sup>383</sup> BOGAZ, A. S.; HANSEN, J. H., Homilia, p. 76. No Diretório Homilético assevera que a homilia na celebração dos sacramentos, especificamente da Eucaristia, não é uma ocasião para o pregador "afrontar argumentos completamente desligados da celebração litúrgica e das suas leituras, ou para fazer violência aos textos pela Igreja, contorcendo-os para adaptá-los a uma ideia preconcebida" (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DOS SACRAMENTOS, Diretório Homilético, p. 21).

Todas essas disposições presentes durante a pregação corroboram a homilia, em sua condição atualizadora no tempo da Igreja, para que mantenha a harmonia entre as demais partes integrantes da celebração e os seus ritos. Dessa maneira, a homilia também indica a sua identidade oblativa pela qual o homileta, no diálogo com os batizados, prepara os seus corações oferecendo-os a Deus como oblação de odor suave durante o rito sacramental.

Quando a pregação se realiza no contexto da liturgia, incorpora-se como parte da oferenda que se entrega ao Pai e como mediação da graça que Cristo derrama na celebração. Este mesmo contexto exige que a pregação oriente a assembleia, e também o pregador, para uma comunhão com Cristo na Eucaristia, que transforme a vida.<sup>384</sup>

Não desconhecemos que a homilia é o diálogo entre o Senhor e o seu povo dentro do contexto da Aliança que foi renovada por Cristo em sua páscoa. Nela, devem ser mantidas vivas aquelas palavras que abrasam os corações dos ouvintes presentes na celebração, como foi testificado pelo colóquio caloroso que o Ressuscitado teve com os dois discípulos que caminhavam para Emaús naquele domingo de páscoa (Lc 24,13-35). O evangelista Lucas demonstra nesse episódio o sentido mais genuíno do termo "homilia" como diálogo amistoso cujo assunto entretém aqueles que conversam. Frustrados pelo drama da cruz, inicialmente, ambos manifestam a frieza de corações sem esperança. Entretanto, tudo se converte quando Jesus conversa com ambos interpretando-lhes as Escrituras e, por meio delas, realiza a sua missão de unir aqueles corações a Deus. Isso pode ser verificado quando um diz ao outro: "Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32).

Intuído pelo texto bíblico, o Papa Francisco afirma que o pregador precisa compreender que a homilia é o momento de falar ao coração dos fiéis, mantendo-o iluminado pela integridade da Revelação. Ele diz:

Falar com o coração implica mantê-lo não só ardente, mas também iluminado pela integridade da Revelação e pelo caminho que essa Palavra percorreu no coração da Igreja e do nosso povo fiel ao longo da história<sup>385</sup>.

Por esse motivo, exige-se do homileta um desapego de si mesmo que consiste em não outorgar a si o direito de protagonista da pregação. Segundo a

---

<sup>384</sup> EG 138

<sup>385</sup> EG 144

*Evangelii Gaudium*, "o pregador pode até ser capaz de manter vivo o interesse das pessoas por uma hora, mas assim a sua palavra torna-se mais importante que a celebração da fé"<sup>386</sup>. Acerca desse assunto, Bento XVI manifestou acentuada atenção na Exortação Apostólica *Verbum Domini* ao exigir que sejam evitadas homilias genéricas e abstratas que acabam eclipsando a Boa-Nova, sobretudo quando o pregador procura conquistar o foco para si<sup>387</sup>.

Sem dúvida, uma boa homilia naturalmente provocará nos fiéis alguma comoção. No entanto, não é legítimo aproveitar esse momento privilegiado cuja pregação "supera toda a catequese por ser o momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental"<sup>388</sup> com o objetivo de despertar exageros sentimentais e até expressões de catarse em nível de histeria. M. F. De Matos assevera:

Toda boa homilia naturalmente deve comover o público, algumas, porém vão muito além disso, caem no exagero sentimentalista, que abandona o texto evangélico e se ancora puramente em aspectos psicoafetivos. Quem assim age conduz o público mais a um estado de transe emotivo do que à fiel abertura para com a divindade. Pode até parecer que se está conseguindo maravilhas ao se apelar para o sentimentalismo das pessoas, mas geralmente ele não converte, não liberta e nada produz de significativo na vidas delas.<sup>389</sup>

Isso se torna um grave risco a ponto de descurar a centralidade do mistério pascal e, nele, à tríplice dinâmica das Escrituras na celebração litúrgica (a proclamação das maravilhas de Deus, a atualização no tempo da Igreja e o anúncio das realidades futuras). Nesse sentido, a Igreja, proclamando as maravilhas do seu Senhor e atualizando-as no seu tempo de exílio, interpreta a Palavra do seu divino esposo projetando no coração dos fiéis aquele diálogo que culminará no *eschatón*: a vida eterna. Sendo assim, a homilia assume aquele diálogo que é muito mais do que a comunicação de uma verdade, é, pois, realizado pelo prazer de falar e pelo bem concreto que é comunicado entre aqueles

---

<sup>386</sup> EG 138

<sup>387</sup> VD 59: "Devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica. Deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem a peito é mostrar Cristo, que deve estar no centro de cada homilia".

<sup>388</sup> EG 137

<sup>389</sup> DE MATOS, M. F., O mistério pascal na homilia, p. 95-96.

que se amam. O papa Francisco reitera que esse bem compartilhado "não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão no diálogo".<sup>390</sup>

A relação dialogal presente na homilia, ilustrada na celebração litúrgica entre o pregador e os fiéis, deve ser configurada àquele colóquio familiar que será prolongado na vida eterna entre Deus e a sua criatura. Na homilia, "efetua-se a santificação do homem e presta-se culto a Deus, de tal maneira que nela se estabelece uma espécie de intercâmbio ou diálogo entre Deus e os homens"<sup>391</sup>. É bem verdade que essa afirmação se aplica à oração da liturgia das horas, todavia, ela também pode ser corretamente empregada ao ministério homilético. Essa santificação do homem por meio da pregação no culto litúrgico é uma antecipação da vida plenamente glorificada pelo terno diálogo com o Pai. Aqui, a palavra "terno" é realçada "no sentido de afetuoso, vem de ternura. Deus, na eternidade, afeiçoa-se conosco, a ponto de essa afeição nos envolver e pela graça nos arremessar rumo à eternidade".<sup>392</sup>

Com efeito, revestida dessa afeição divina pelos homens, a homilia alcança a sua natureza de anúncio das realidades escatológicas<sup>393</sup> quando o pregador fala ao coração dos batizados iluminando-os com a Palavra, tal como Deus fala ininterruptamente com a sua Igreja-esposa, conforme expressou a *Dei Verbum*:

Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo – por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja e, pela Igreja, no mundo – introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (CI 3,16).<sup>394</sup>

Desse modo, os fiéis que, pelo batismo, receberam a identidade cristã e, com ela, o "abraço" de Deus, por meio da homilia, recebem dele o terno "abraço" do Pai misericordioso que, na glória, não cessará de cobrir seus filhos com os "beijos" das Divinas Escrituras. Ao homileta, portanto, cabe a difícil e nobre

<sup>390</sup> EG 142

<sup>391</sup> IGLH 14

<sup>392</sup> KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança, p. 62.

<sup>393</sup> V. G. Finelon ilustra de forma exemplar que o colóquio entre Deus e a sua criatura amada é, na celebração litúrgica, um "tipo" daquele colóquio de amizade que será perenizado na vida eterna. Ele afirma: "O diálogo entre Deus e o homem, mediado e efetivado pela liturgia, é inesgotável. Deus, como comunicador primeiro, doa a si mesmo e a sua vontade. Sendo este transcendente a homem, ao se autocomunicar, abre um diálogo eterno. Dessa percepção, o diálogo iniciado e travado durante esta vida, na liturgia terrestre, tende a ser continuada na eternidade, na participação da liturgia celeste, com os anjos e santos. O plano salvífico divino tem com telós essa comunhão final escatológica da qual a experiência litúrgica eclesial antecipa no hoje" (FINELON, V. G., A mística cristã, p. 360).

<sup>394</sup> DV 8

missão de pregar o Evangelho inserindo os ouvintes da assembleia litúrgica "no meio destes dois abraços"<sup>395</sup>, cujo colóquio familiar-nupcial prolongar-se-á na eternidade, tal como o "Espírito e a Esposa dizem: Vem!" (Ap 22,17).

## 5. Conclusão

O Concílio Vaticano II, a partir das suas reflexões teológicas, não hesitou em manifestar ao mundo o desejo de dialogar com o homem que, ferido pelo pecado, não consegue com as suas próprias forças dialogar com Deus, com o próximo, com a criação nem consigo mesmo. Contudo, a Igreja, "sacramento de salvação", nos ensina como devemos dialogar com aquele que, por meio da sua Palavra, realizou toda a obra da criação e, com essa mesma Palavra, nos atrai com laços de amor. Atraída ao "deserto" desse mundo, a Igreja encontra na Palavra de Deus e na celebração litúrgica, respectivamente, a sua fonte primordial e o *locus* privilegiado para dialogar com o Cristo-esposo. Por esse motivo, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* declara que a Igreja sempre venerou as Sagradas Escrituras tal como ela venera o corpo do Senhor.

Ao escutar a Palavra, a Igreja cresce, se constrói e se transforma em testemunha daqueles eventos salvíficos que Deus operou em favor do seu povo, agora, atualizados pelo Espírito nos diversos sinais da celebração litúrgica que prolongam o "hoje" salvífico. Convocados pela Palavra, na sagrada liturgia nos tornamos cumprimento daquela primeira assembleia que se reuniu no Sinai para ouvir o Senhor, assim como daquela assembleia de Jerusalém que, pneumatizada, dirige-se em missão até os dias atuais para levar a bom termo o imperativo do Ressuscitado: "Ide por todo mundo, proclamai a toda criatura" (Mc 16,15).

Nossa Dissertação, de alguma maneira, quis contribuir com o patrimônio teológico da Igreja apresentado pelo Concílio Vaticano II. Nosso objetivo foi refletir sobre a importância da homilia no âmbito litúrgico, muito presente na tradição bíblica dos dois testamentos. Outrossim, do I ao V século seu valor era também inestimável. Até esse momento, as homilias realizadas pelos Padres da Igreja tinham a Palavra de Deus como fonte primordial. Suas pregações eram comentários das Escrituras por meio das Escrituras. No entanto, a homilia sofreu profundas transformações em virtude de ter sido eclipsada, sobretudo, quando os textos bíblicos deixaram de ser a fonte da pregação.

Desse modo, foi possível examinar com mais atenção, o motivo pelo qual, nos dias atuais, a homilia vai sendo recuperada em sua natureza de pregação

litúrgica e cresce, conseqüentemente, o estudo sobre esse assunto. Por isso, necessário se faz uma pesquisa sempre mais acurada dos documentos do Concílio e pós-Concílio. Ainda assim, veremos o quão vasto é o tema e, por esse motivo, inesgotável é a sua pesquisa.

O nosso primeiro capítulo foi determinante para compreendermos, a partir da história bíblica, que o diálogo entre Deus e a sua criatura tem sempre como ponto de partida a iniciativa divina. Sua comunicação com os homens consiste, em especial, na revelação que ele faz de si mesmo ao homem para dar a conhecer o mistério de sua vontade sempre em vista da sua Aliança. Por esse razão, apresentamos o diálogo entre Deus e o seu povo ilustrado pela assembleia do Sinai como paradigma de todas as assembleias posteriores. Nela, encontramos uma espécie de "espelho" para as nossas celebrações litúrgicas: Deus que fala ao seu povo, a assembleia reunida para ouvir o que Deus irá falar e o intermediário que Deus elegeu para proclamar e interpretar a sua palavra.

Como bem sabemos, a história bíblica presente no livro do Êxodo mostra a eleição de um povo que, depois da libertação do Egito, estava determinado em ser diferente de outros povos. Sem dúvida, o elemento diferenciador dos hebreus é a sua obediência ao Senhor que lhes fala. Vale ressaltar que estamos tratando da obediência em seu sentido mais original, isto é, um povo marcado pela escuta da voz divina que orienta e dirige a vida dos seus filhos. No entanto, ferido pela "antiescuta" de Adão, o povo de Israel sempre sofrerá a tentação de cerrar os seus ouvidos e seus corações à voz do Senhor. Nessa relação bilateral entre Deus e o seu povo, Moisés tem um papel de capital importância: ser intermediário da Palavra divina. Com audácia, podemos dizer que essa figura tão apreciada na história da Antiga Aliança é aquele que Deus elegeu para ser o seu homileta, entre outras palavras, a sua "ponte" dialogal com os hebreus.

Diante da morte de Moisés, vimos Josué que dá continuidade à missão de ser porta-voz de Deus para os israelitas. Além de conduzir o povo na Terra Prometida, Josué precisa trazer à nossa memória que ele não é um personagem que faz apenas o uso da sua força bélica garantindo a posse da nova terra conquistada aos hebreus, mas, sobretudo, deve ser lembrado pela sua fidelidade à Aliança. Por meio dela, ele recorda ao povo as maravilhas que Deus operou em seu favor e não deixa de advertir os hebreus para que os seus corações estejam inclinados ao Senhor. Igualmente podemos dizer sobre Esdras, insigne escriba e

sábio intérprete da Torá. Diante dos israelitas que foram repatriados da Babilônia, Esdras foi revestido de autoridade para ser a "ponte" dialogal entre Deus e o seu povo. Não desconhecemos o seu papel preponderante na reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém. No entanto, tudo isso tem o seu valor à luz daquilo que, de fato, testemunha o autor sagrado sobre Esdras ao dizer que ele "tinha aplicado o seu coração a perscrutar a Lei de *Iahweh*, a praticar e ensinar em Israel, os estatutos e as normas" (Esd 7,10). Diante das narrativas que apresentam essas três figuras insignes do Antigo Testamento, cabe-nos aqui questionar sobre a autêntica direção na qual a pregação litúrgica tem conduzido os fiéis na celebração litúrgica.

Daqui, podemos inferir que a homilia, da parte daqueles que por ela são responsáveis, precisa ser retomada como uma conversa familiar entre Deus e o seu povo que lhe revela a sua vontade salvífica. Por meio desse diálogo bilateral, é necessário mostrar que a importância da eleição divina sobre o povo de Israel é marcada pela sua escuta ao Senhor, elemento *sine qua non* para discernir a vontade de Deus e o que ele diz para todos os seus filhos no "hoje" de suas vidas.

Neste termo "hoje", encontramos o fulcro que dá amplo acesso ao mistério pascal. É ele que descortina os dramas da história da salvação que se prolongam em nossas vidas. O *hodie* proclamado por Jesus na sinagoga de Nazaré desata todos os "nós" que impossibilitam a leitura da nossa história pessoal à luz do Palavra. Ela, redigida sob a inspiração divina, na celebração litúrgica, atualiza os eventos salvíficos de Cristo e arremessa os nossos corações para as realidades futuras. Aquilo que se cumpriu na vida do filho do carpinteiro é também comunicado a todos os batizados que participam da sagrada liturgia, tornando-se uma "ressonância" da Escritura". O "hoje" litúrgico é o pleroma do *mysterium Dei* que ecoa no coração da Igreja com o objetivo de ressignificar tudo o que acontece na existência humana. Esta, por sua parte, deve fazer sua leitura à luz da nova ética inaugurada por Jesus no Sermão da Montanha a fim de romper os efeitos que obscurecem e desorientam as nossas vidas do mistério de Cristo morto-ressuscitado.

Com os corações iluminados e abrasados todas as vezes que ouvimos a proclamação das Escrituras na liturgia, revivemos a experiência pneumática do cenáculo de Jerusalém. Desse modo, testemunhamos que a pregação dos apóstolos da Igreja nascente continua ecoando a voz do Crucificado-Ressuscitado em nossos dias. Tendo Paulo como referência na pregação apostólica, não desconhecemos

que grande parte dos textos presentes em suas cartas denotam autênticas "homilias", cuja fonte está nos textos das escriturísticos com a finalidade de orientar a vida das comunidades assegurando-lhes o permanente diálogo com Deus, por meio do culto.

A partir dos testemunhos bíblicos presentes nesta pesquisa, podemos constatar que a Palavra de Deus é a origem de toda a pregação da Igreja que foi prefigurada na Antiga Aliança, gerada pelo lado ferido de Cristo e manifestada publicamente em Pentecostes como Novo Israel. Experimentando os momentos áureos da pregação evangélica, a Igreja embrionária não se exime de anunciar o mistério pascal sob a égide das Divinas Escrituras. Iluminados pelos testemunhos apostólicos, os Padres da Igreja seguiram o mesmo norte para as suas pregações cujos comentários tinham como ponto de partida os próprios textos bíblicos e, neles, encontravam a meta para o mergulho nos sagrados mistérios.

No entanto, sabemos que o percurso histórico também desenvolveu para que as Sagradas Escrituras ficassem preteridas nas celebrações perdendo o seu verdadeiro sentido no culto. Seu uso ficou restrito ao serviço da pregação doutrinal e, com isso, surgiu uma geração deveras preocupada com uma homilia de cunho apologético. Diante desse quadro, a celebração ficou demasiadamente concentrada na liturgia eucarística, permitindo, assim, o "exílio" das Escrituras. O resultado não poderia ser outro senão um empobrecimento quanto ao conhecimento escriturístico.

A redescoberta de inúmeros elementos importantes da identidade original da Igreja — um dos exemplos foi a importância das Sagradas Escrituras na celebração litúrgica — se tornava cada vez mais urgente a fim de manter o diálogo com o mundo contemporâneo, pois, este, mostrava-se cada vez mais distante daquela relação bilateral e dialogal com Deus em vista de sua Aliança. Na primeira metade do século XX, os primeiros resultados irrompem com o esforço incansável dos movimentos eclesiais que começaram a produzir um novo pensar teológico. O objetivo comum desses movimentos era recuperar a identidade daquele cristianismo presente na Igreja dos primeiros séculos. Por esse motivo, fizeram um esmerado estudo, cada qual em seu âmbito específico, com o propósito de alcançar o que classificavam como um "retorno às fontes da Igreja".

Maturadas gradativamente ao longo do tempo, as reflexões teológicas dos movimentos bíblico e litúrgico contribuiriam consecutivamente para a elaboração

de todo arcabouço teológico do Concílio Vaticano II. Ao longo da nossa pesquisa, procuramos nos dedicar ao resgate das Escrituras em seu ambiente privilegiado que é a celebração litúrgica. Conseqüentemente, isso também incide diretamente na reflexão sobre a homilia em seu *habitat* natural proporcionando um novo olhar sobre a pregação litúrgica.

Assim sendo, vimos no segundo capítulo da nossa Dissertação, por meio das Constituições *Dei Verbum* e *Sacrosanctum Concilium*, que a Igreja recuperou o valor das Sagradas Escrituras no interior da celebração litúrgica, contribuindo também para a conversão de atitudes concernentes ao modo de nos aproximarmos dos textos bíblicos para "celebrar a Palavra". A importância das Escrituras no culto litúrgico resgatou, no espaço celebrativo, o valor teológico do ambão e, com ele, a expressão "mesa da Palavra", vinculando a estreita união com a "mesa eucarística". Ambas as mesas — que formam um só ato de culto — oferecem aos batizados o pão que nutre a vida e a caminhada nessa terra de exílio, fomentando o diálogo entre Deus e o seu povo.

Os elementos constitutivos da homilia apresentados neste trabalho são apenas alguns dentre muitos outros que não foram destacados nomeadamente, mas foram contemplados implicitamente em outros momentos. Consideramos acentuar somente aqueles que hoje julgamos necessários em vista de uma pregação que, em sua natureza, deve ser anamnético-querigmática, profético-mistagógico. Esses quatro elementos constitutivos corroboram para compreensão nuclear da homilia que é o mistério pascal. Desse núcleo, se desdobra um estudo minucioso acerca da homilia revestida de caráter pneumatológico. Algo que, em nossa Dissertação, foi apresentada somente uma "centelha" diante de um assunto com vasta profundidade para a pesquisa.

Para todos os efeitos, buscamos contemplar a homilia ressignificada no seu âmbito genético. Embora ainda continue sendo negligenciada, até mesmo violada, em sua execução nas celebrações litúrgicas, mormente na celebração eucarística, já conseguimos recuperar na consciência de muitos batizados o devido valor para esse momento de conversa familiar com o Senhor na homilia. O empreendimento teológico-litúrgico pós-conciliar, apoiado em tudo o que foi asseverado pelos documentos do Concílio, inicia uma pesquisa incomensurável sobre os diversos temas que gravitam acerca da sagrada liturgia.

Nessa mesma perspectiva, a nossa Dissertação procurou se concentrar em

um tema que hoje consideramos muito pertinente no diálogo com outras ciências humanas. Constatamos, pois, que durante todo o processo de sazonalidade desse estudo, o tema da homilia se amplia de forma capital no campo pastoral. Nele, observamos que o fenômeno da pregação litúrgica atinge de modo direto a existência humana. No entanto, marcados por um tempo de fragmentação do homem, sobretudo no que tange às relações interpessoais, a homilia, enquanto relação dialogal marcada por essa fragmentação, tende a uma comunicação deficitária em seu conteúdo fundamental. Em outras palavras, observamos um conjunto de explicações verborrágicas na homilia, quando se fala de tudo e, ao mesmo tempo não se fala absolutamente nada, fugindo, pois, do seu conteúdo histórico-salvífico atualizado no "hoje" da comunidade eclesial. Um dos sintomas dessas enfermidades presentes na homilia pode ser a ausência de um contato relacional com as Sagradas Escrituras. Consequentemente, isso dificulta a sensibilidade de extrair do texto bíblico uma mensagem salvífica que ilumine e abraze os corações daqueles que tendem trilhar seus caminhos para as incontáveis regiões de "Emaús" em nossos dias.

Diante dessas constatações sintomáticas presentes na pregação litúrgica, a Igreja continuamente manifesta a sua preocupação com o tema da homilia que sempre caminha entre luzes e sombras. Por meio de inúmeros documentos magisteriais, vemos que o campo pastoral da homilia ainda se mostra como um grande desafio a ser acolhido e refletido, jamais, porém, abandonado e esquecido. Dentre muitas propostas que nasceram no pós-Concílio, ressaltamos dois exemplos. O primeiro é o RICA, documento de cunho litúrgico que orienta sacerdotes e leigos no percurso do processo iniciático dos catecúmenos e, também, daqueles que foram batizados, mas não suficientemente evangelizados. Nele, constam as celebrações que acentuam uma metodologia que evocam às fontes da Igreja Primitiva na preparação de homens e mulheres que acolhiam a Palavra e queriam ratificar em suas vidas uma nova identidade.

O segundo exemplo é, na verdade, o mais recente: o Diretório Homilético. Essa iniciativa pastoral expressa uma resposta concreta feita pelos participantes do Sínodo dos Bispos, em 2008, que teve como tema a Palavra de Deus, e um pedido feito pelo Papa Bento XVI, pontífice em exercício naquela ocasião. Esse Diretório nasce como um eco da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* em que o Papa Francisco considera a pregação um tema de grande importância e uma das

prioridades da vida Igreja. Nela, Francisco apresenta a homilia desde o seu terreno privilegiado, a celebração litúrgica, até a sua esmerada preparação que devem, antes de tudo, modelar a vida espiritual do homileta.

Iluminados pelo arcabouço teológico construído pelo Concílio Vaticano II, cabe à Igreja, em seu estado permanente de missão, impulsionar nos batizados uma melhor compreensão da espiritualidade bíblica que resulta em uma ação dialogal e bilateral, conforme testemunhamos em toda a história da salvação. Esta, por sua vez, desde o Gênesis ao Apocalipse, se revela como uma *magna* homilia de Deus que dialoga com o seu povo, inspirando no tempo presente aquele colóquio pneumatizante e ininterrupto da Igreja com o seu divino esposo.

## 6. Referências bibliográficas

AGNELO, G. M., In: **Os sacramentos e os mistérios: Iniciação cristã na Igreja primitiva**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

AGOSTINHO S., *Comentário aos Salmos (Enerrationes in psalmos): Salmos 51-100*. São Paulo: Paulus, 2008.

ALDAZÁBAL, J., (Org.). **A mesa da Palavra I: Elenco das leituras da Missa**. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_, **A Eucaristia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011..

\_\_\_\_\_, **Ministério da homilia**. São Paulo: Paulinas, 2018.

ARTUSO, L., **Liturgia e spiritualité - Profilo storico**. Padova: Messagero di S. Antonio, 2002.

AUGÉ, M., **Ano litúrgico: é o próprio Cristo presente na sua Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2019.

BAILLY, A., δοξολογία. In: BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000. p.532.

\_\_\_\_\_, ἐξουσία, ας. In: BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000. p.712.

\_\_\_\_\_, κήρυγμα, -ατος. In: BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000. p.1088.

\_\_\_\_\_, ὁμιλία, ας. In: BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000. p.1373-1374.

BECKHÄUSER, A., **Comunicação litúrgica: presidência, homilia, meios eletrônicos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BENNER, D. G., **Abrir-se para Deus**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BENTO XVI, PP., **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis, sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_b-en-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_b-en-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html). Acesso em: abril de 2020.

\_\_\_\_\_, **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini**. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_, **Silêncio e Palavra:** caminho de evangelização. São Paulo: Paulus, 2012.

BIANCHI, E., **Lectio Divina:** encontrar Deus na sua Palavra. São Paulo: Editora Salesiana, 2009.

\_\_\_\_\_, **Pregare la parola.** Torino: Piero Gribaldi Editore, 1974.

\_\_\_\_\_, **Presbíteros, Palavra e liturgia.** São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova Ed. rev. e amp. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BINGEMER, M. C. L., O tempo do Espírito e a teologia cristã: o desafio da carne e da ética. In: VITÓRIO, J.; GODOY, M. (Orgs.). **Tempos do Espírito: Inspiração e discernimento.** Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas, 2016. p. 43-64.

BISCONTIN, C., **Pregar a Palavra:** A ciência e a arte da pregação. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BOGAS, A. S.; HANSEN, J. H. **Homilia:** Teologia do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2018.

BOROBIO, D., **A celebração na Igreja, vol. 1.** São Paulo: Loyola, 1990.

BOSELLI, G., **O sentido espiritual da liturgia.** Brasília: Edições CNBB, 2014.

BROWN, R. E., **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 2012.

BURNS, R. J., Esdras e Neemias. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.). **Comentário Bíblico.** São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.303-332.

BUYST, I., **O segredo dos ritos:** ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_; DA SILVA, J. A. **O mistério celebrado:** memória e compromisso I. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem Ediciones, 2003.

CALANDRO, E.; LEDO, J. S., A psicopedagogia catequética na Iniciação à vida Cristã. In: SBCat. **A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã.** Petrópolis: Editora Vozes, 2018. p. 125-143.

CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos.** São Paulo: Editora Ave-Maria, 1994.

CARPANEDO, P. A emancipação da Palavra. **Revista de Liturgia**, n.246, p. 4-7, nov./dez. 2014.

- CASEL, O., **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2009.
- CASPANI, P., **Renascer da água e do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CASTELLANO, J., **A Liturgia e vida espiritual – Teologia, celebração, experiência**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.
- CATELLA, A., Eucologia. In: SODI, M.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Diocionário de homilética**. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 567-571.
- CELAM. **A homilia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- CENCINI, A., **A vida ao ritmo da palavra – como deixar-se plasmar pela palavra**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CNBB. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2010. (Doc. 43).
- \_\_\_\_\_, **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 100).
- \_\_\_\_\_, **Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários**. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 107)
- \_\_\_\_\_, **Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal**. São Paulo: Paulus 2009.
- \_\_\_\_\_, **Leitura Orante nos seminários e casas de formação: "Fala, Senhor, teu servo escuta"**. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- CODINA, V., **O Espírito do Senhor: Força dos fracos**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- COLA, G. C., **O sacramento-assembleia: Teologia mistagógica da comunidade celebrante**. Petrópolis: Editora Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2020.
- COLLART, C., Palavra e silêncio **Revista Benedictina**, Ano XII, n.58, p.35-50, abr./jun. 2016.
- COLUMBÁS, G. M., **Diálogo com Deus: Introdução à Lectio Divina**. São Paulo: Paulus, 1996.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. **Itinerário Catequético: Iniciação à vida cristã - um processo de inspiração catecumenal**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina. **Santa Sé.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbum_po.html). Acesso em: Dezembro de 2021.

\_\_\_\_\_, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. **Santa Sé.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19641121_lumen-gentium_po.html). Acesso em: fevereiro de 2021.

\_\_\_\_\_, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo. **Santa Sé.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: maio de 2021.

\_\_\_\_\_, Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia. **Santa Sé.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html). Acesso em: dezembro de 2020.

\_\_\_\_\_, Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa. **Santa Sé.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html). Acesso em: maio de 2021.

\_\_\_\_\_, Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã. **Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html). Acesso em: maio de 2021.

\_\_\_\_\_, Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da igreja. **Santa Sé.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html). Acesso em: junho de 2021.

\_\_\_\_\_, Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja. **Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_christus-dominus\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html). Acesso em: maio de 2021.

\_\_\_\_\_, Decreto *Optatam Totius* sobre a formação sacerdotal. **Santa Sé.** Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_decree\\_19651028\\_optatam-totius\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19651028_optatam-totius_po.html). Acesso em: junho de 2021.

\_\_\_\_\_, Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. **Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_presbyterorum-ordinis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html). Acesso em: junho de 2021.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus; Brasília: CNBB, 2008.

\_\_\_\_\_. **Documento de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DOS SACRAMENTOS, **Diretório Homilético**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

COOGAN, M. D., Josué. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento**. Santo André (SP): Editora Academia Cristã; Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p.253-294.

CORBON, J., **A fonte da liturgia**. Lisboa: Paulinas, 1999.

CORDEIRO, J. L., (Org.). **Melitão de Sardes: A páscoa**. In: Antologia Litúrgica Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, (Org.). **Orígenes: Carta a Gregório**. In: Antologia Litúrgica Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

D'ANNIBALE, M. A., A Palavra de Deus na celebração. In. **Manual de Liturgia II: a celebração do mistério pascal - fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2005.

DELLA TORRE, L., **Homilia**. In. **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 555-571.

DE MATOS, M. F., **O mistério pascal na homilia: um serviço à comunidade por meio da liturgia da palavra**. Maringá: Editora Vivens, 2013.

DI SANTE, C., **Liturgia Judaica, fontes, estruturas, orações e festas**. São Paulo: Paulus, 2004.

DÍAZ, J. L. S., **Introdução ao profetismo bíblico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

DILLON, R. J., Atos dos Apóstolos. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André (SP): Editora Academia Cristã; Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p.309-398.

FARNÉS, P., **Mesa da Palavra II**. São Paulo: Paulinas, 2007.

FINELON, V. G., **Teologia do Mistério: Aspectos bíblico-patrísticos e teológico-litúrgicos**. Rio de Janeiro, 2014. 160p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_, **A mística cristã: a mistagogia hoje à luz da teologia do mistério** presente na Constituição Sacrosanctum Conclium. Rio de Janeiro, 2014. 366p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_, O ritmo do ano litúrgico e a escolha das leituras bíblicas na celebração da eucaristia dominical. **Atualidade teológica**, v.1, n.1, p. 55-69, set/dez. 2018.

FITZMEYER, J., **Los Hechos de los Apostóles I: Comentario** (1,1 - 8,40). Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

\_\_\_\_\_, **Los Hechos de los Apostóles II: Comentario** (9,1 - 28,31). Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

FRADE, G. S., **Arquitetura e liturgia: as contribuições do movimento litúrgico à arquitetura católica paulistana [1933-1962]**, p. 147. <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18304/1/Gabriel%20dos%20Santos%20Frade.pdf>> Acesso em 15 de março de 2021.

FRANCISCO, PP., **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GALVANO, G., Êxodo. In: GALVANO, G; GIUNTOLI, F (Orgs.). **Pentateuco**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. p.56-90.

GIRAUDO, C., **La liturgia de la palabra**. Salamanca: Sígueme, 2014.

GOENAGA, J. L., A constituição *De Liturgia*. In: BOROBIO, D. **A celebração na Igreja 1: Liturgia e sacramentologia fundamental**. Edições Loyola, 1990. p.217-308.

GONZAGA, W., O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. **Atualidade Teológica**, v. 21, n. 55, p.19-41, jan./abr. 2017.

GUIGO II; BIANCHI, E., **Lectio Divina, ontem e hoje**. Juiz de Fora: Subiaco, 2005.

HARRINGTON, D. J., Mateus. Comentario Bíblico. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.). **Comentario Bíblico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.11-44.

HEINZ, A., A trilogia Batismo-Confirmação-Eucaristia. In: BROUARD, M. (Org.). **Eucharistia: Enciclopédia da Eucaristia**. São Paulo: Paulus, 2006. p.729-738.

HENDRIKSEN, W., **Lucas, v. 1: Comentario do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

HERIBAN, J., Paulo de Tarso. In: SODI, M.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Diocionário de homilética**. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 1282-1290.

HOEGGER, M., Encontrar a misericórdia através da lectio divina. **Revista Beneditina**, Ano XII, n.58, p.51-57, abr./jun. 2016.

IGLESIAS, P., **Uma lectio divina na bíblia, na história de Israel, na liturgia**. Juiz de Fora: Subiaco, 2010.

IMACULADA, L., Os sacramentos do batismo, crisma e eucaristia na perspectiva da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. **Vida Pastoral**, n.325, p.37-44, jan./fev. 2019.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS. Petrópolis: Vozes, 2010.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO. Petrópolis: Vozes, 2004.

JEREMIAS, J., **Abba: el mensaje central del Nuevo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

JOÃO PAULO II, PP., **Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem* sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_18051986\\_dominum-et-vivificantem.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html). Acesso em: maio de 2021.

\_\_\_\_\_, **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis* sobre a formação dos sacerdotes nos tempos atuais**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_25031992\\_pastores-dabo-vobis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html)

KARRIS, R. J., O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André (SP): Editora Academia Cristã; Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p.217-308.

KODELL, J., Lucas. Comentário Bíblico. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.). **Comentário Bíblico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.73-108.

KURTZ, W. S., Atos dos Apóstolos. Comentário Bíblico. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.). **Comentário Bíblico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.143-174.

KUSMA, C. A., **O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica**. São Paulo: Paulinas, 2014.

LAMADRID, A. G., (Ed.). **História, narrativa, apocalíptica**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004.

LELO, A. F., **Catequese com estilo catecumenal**. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIBÂNIO, J. B., **Como saborear a Celebração Eucarística?** São Paulo: Paulus, 2008.

LIMA, L. A., **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**. São Paulo: Paulus, 2016.

LIRA, B. C., **Leitores, salmistas e ministros da Palavra**. São Paulo: Paulinas, 2017.

LLOPIS, J., A homilia, elemento integrador. In: ALDAZÁBAL, J.; ROCA, J. **A arte da homilia**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 69-74.

LÓPEZ, F. G., **O Pentateuco**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004.

LUTZ, G., **Liturgia: Vida e obra do Padre Gregório Lutz**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

MAGRASSI, M., **Viver a palavra**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MALDONADO, L., **A ação litúrgica: sacramento e celebração**. São Paulo: Paulus, 1998.

\_\_\_\_\_, **A homilia: pregação, liturgia, comunidade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MAQUEDA, A. L., **Espírito Santo e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2020.

MARSILI, S., Sacramentos. In: **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p.1058-1069.

MARTÍN, J. L., **A liturgia da Igreja: Teologia, história, espiritualidade e pastoral**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAZZA, E., **A mistagogia: As catequese litúrgicas do fim do século IV e seu método**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

MICHELETTI, G. G., **A homilia**. São Paulo: Paulus, 2021.

MORAES, A. O., Este mistério divino e humano: cinquenta anos de pesquisa teológica na PUC-Rio. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 61, p. 149-179, jan./abr. 2019. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=37777@1>> Acesso em: 22 maio.2021.

NOLLAND, J., **Word Biblical Commentary: Luke 18:35-24,53** Dallas: Word Incorporated, 1998.

PALUDO, F.; D'ANNIBALE, M. A., **Manual de Liturgia II – Fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. CELAM. São Paulo: Paulus, 2005.

PARO, T. F., **As celebrações do RICA: conhecer para bem celebrar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

PAULO VI, PP., **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** São Paulo: Paulinas, 2013.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da bíblia na Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1994.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese.** São Paulo: Paulus, 2020.

REGRA DE SÃO BENTO. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2008.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. São Paulo: Paulus, 2001.

ROBINSON, E., **Léxico Grego do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ROCCHETTA, C., **Os sacramentos da fé.** São Paulo: Paulinas, 1991.

RUSCONI, C., ἀνάβασις, εως. In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2003. p.39.

\_\_\_\_\_, κατάβασις, εως. In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2003. p.251.

\_\_\_\_\_, μακάριος. In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2003. p.293.

SAEBO, M., תיב. In: In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (Eds.). **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento.** Madrid: Ediciones Cristiandad. 1978. p. 193-198.

SALVATI, G. M., **Maria e il Dio trinitario.** Roma: Associata Unione Stampa Periodoca Italiana, 1985, p.179-191, Trimestrale.

SANTANA, L. F. R., A Palavra de Deus na celebração litúrgica. In. DÔNDICI, G. (Org.). **Fecundados pela Palavra: Comentários à Exortação Apostólica Verbum Domini.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, São Paulo: Paulus, 2014. p. 81-96.

\_\_\_\_\_, **Liturgia no Espírito. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

\_\_\_\_\_, **O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã.** Rio de Janeiro: Edições Bom Pastor.

\_\_\_\_\_, Ser guardián de la memoria de Dios. In: TEJO, J. D.; MORAES, A. O.; OSPINO, H. (Eds.) **Catequesis para una nueva normalidad: Pistas provocativas.** Providencia: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2021. p. 63-97.

\_\_\_\_\_, A homilia à luz da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.) **Evangelii Gaudium em questão: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, São Paulo: Paulinas, 2014. p.117-131.

SANTIAGO, J. C., (Ed.). **História, narrativa, apocalíptica**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004.

SCHNELLE, U., **Teologia do Novo Testamento**. Santo André (SP): Editora Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

SCHULT, H., Escuchar, Oír. In: **Diccionario Teologico del Antiguo Testamento: Tomo II**. Madrid: Ediciones Crisandad. 1978, p.1222-1231.

SHÖKEL, A.; DÍAS, J. L. S., **Profetas I: Grande Comentário Bíblico**. São Paulo: Paulus. 1988.

SOUZA, R. J., **Pregador orante: Lectio Divina a serviço da pregação**. Aparecida: Editora Santuário, 2013.

TERRA, J. E. M., **Lectio Divina: meditação, oração e contemplação da Palavra de Deus**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009.

TESTA, E. N., Anúncio. In: SODI, M.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Diocionário de homilética**. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p.116-121.

TRIACCA, A. M., Bíblia e Liturgia. In: **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p.135-151.

\_\_\_\_\_, **Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della chiesa**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

\_\_\_\_\_, Doxologia. In: SODI, M.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Diocionário de homilética**. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p.480-482.

\_\_\_\_\_, Espírito Santo. In: **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p.359-370.

TÜNNERMANN, R., **As reformas de Neemias**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.

VAGAGGINI, C., **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

VALLE, I. I., **Lectio Divina: a leitura orante da bíblia e a espiritualidade cristã**. São Paulo: Palavra e Prece, 2014.

VECCHIA, F. D., **Livros Históricos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

VIVIANO, B. T., O Evangelho segundo Mateus. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André (SP): Editora Academia Cristã; Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p.131-216.

WIKENHAUSER, A., **Los Hechos de los Apóstoles**. Barcelona: Editorial Herder, 1973.

WRIGHT, N. T., **A ressurreição do Filho de Deus**. Santo André (SP): Editora Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

ZINHOBLE, R., **História da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.